

Educativa

Revista de Pedagogia

Faculdades Network – Revista de Pedagogia | Ano 14 | Número 1 | 2020




NETWORK



**Revista dos Alunos de Pedagogia
Faculdades Network**

Publicação anual das Faculdades Network

A Revista dos Alunos de Pedagogia é uma publicação de divulgação científica na área de Educação, aberta a contribuições de pesquisadores de todo o Brasil e do exterior.

Mantenedores

Dr. Alexandre José Cecílio
Profa. Dra. Tânia Cristina Bassani Cecílio
Maria José Giatti Cecílio

Diretora Geral das Faculdades Network

Profa. Dra. Tânia Cristina Bassani Cecílio

Secretária Geral

Érica Biazon

Coord. Do Curso de Educação Física

Profa. Me. Helena Prestes dos Reis

Assessoria de Comunicação

Alzeni Maria Silva Duda Gambeta
(MTB 37218)

Editora Executiva e Bibliotecária

Jeane Carolino Santos (CRB 8/9371)

Central de Atendimento

(19) 3873-2828 Ramal 212
biblioteca@nwk.edu.br

SUMÁRIO

EDITORIAL.....04

METODOLOGIAS DE APRENDIZAGEM A PARTIR DA PERCEPÇÃO DO ESTAGIÁRIO NO CONTEXTO ESCOLAR

Karen de Jesus Santos Silva Ferreira Lopes, Luciana de Jesus Santos Silva, Mariana Aparecida de Amorim Fernandes, Patrícia Ferreira Marcelino Fernandes. Angela Harumi Tamaru.....05

A EXPERIÊNCIA DE ESTUDANTES DE PEDAGOGIA COM A SÍNDROME DE TOURETTE

Camila Lallita do Amaral Nascimento, Catarina Marçal Ramos, Marizete Roberto Felipe dos Santos, Sheila dos Santos Paulino, Vanessa Rocha dos Santos, Angela Harumi Tamaru.....18

EXPECTATIVAS E ANGÚSTIAS ACERCA DA CARREIRA DO PEDAGOGO: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE ALUNOS INGRESSANTES E FORMANDOS DO CURSO.

Andreza Kelly da Silva Ouro, Julia Allicia Forti, Matheus Barriquelo Silva, Ângela Harumi Tamaru29

COMO AJUDAR A CRIANÇA A TER FOCO E ATENÇÃO NAS ATIVIDADES ESCOLARES DO ENSINO FUNDAMENTAL I

Elináuria Maria do Nascimento Ferreira, Bárbara Aparecida de Lourdes Santos, Angela Harumi Tamaru.....42

A PEDAGOGIA MONTESSORI NA EDUCAÇÃO E SUAS VIVÊNCIAS

Julia Maria Rocha dos Santos, Karina Brito Souza, Lorena Pacheco Pivetta , Luana Aparecida Ferreira , Luana Vanessa Abel , Monica Marroni Machado Pereira , Angela Harumi Tamaru.....52

O RESGATE DAS BRINCADEIRAS ANTIGAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Beatriz Cristina de Godoi Reis, Ester Novelette, Helena Prestes Reis, Angela Harumi Tamaru.....64

EDITORIAL

Essa é a décima quarta edição da Revista dos Alunos de Pedagogia das Faculdades Network, composta de artigos resultantes dos melhores Trabalhos de Conclusão de Curso defendidos em 2020.

A Revista do curso de Pedagogia da Faculdade Network é uma publicação anual de artigos científicos produzidos pelos docentes e discentes do curso de graduação.

Em seu décimo segundo ano de publicação, a revista tem alcançado êxito no meio acadêmico, científico e empresarial se tornando referência. Os diferentes assuntos aqui pesquisados têm contribuído significativamente para a disseminação do conhecimento e o estímulo à pesquisa e produção científica.

O comprometimento, dedicação e empenho de todos os atores envolvidos, foram decisivos para o sucesso desta publicação. Ao longo do ano foram realizados vários eventos, palestras, debates, encontros, seminários e workshops. Os professores e alunos não mediram esforços para produzirem artigos de qualidade e com excelência de conhecimento.

Todos os autores e colaboradores estão de parabéns pela excelente qualidade dos artigos publicados.

Diante do exposto, esperamos que a leitura dos artigos aqui apresentados agregue valor para você, a fim de contribuir para a criação de novos conhecimentos.

Desejamos a todos desejamos uma ótima leitura!

Jeane Carolino Santos
Bibliotecária das Faculdades Network

METODOLOGIAS DE APRENDIZAGEM A PARTIR DA PERCEPÇÃO DO ESTAGIÁRIO NO CONTEXTO ESCOLAR

Karen de Jesus Santos Silva Ferreira Lopes¹
Luciana de Jesus Santos Silva²
Mariana Aparecida de Amorim Fernandes³
Patrícia Ferreira Marcelino Fernandes⁴
Angela Harumi Tamaru⁵

RESUMO

Esse artigo trata da importância do estágio para a formação acadêmica do graduando em Pedagogia, haja vista que nesse momento ele tem a oportunidade de colocar seus conhecimentos em prática. O estágio é um período fundamental para o aluno onde ele pode vivenciar experiências, conhecendo in loco a rotina escolar e sua realidade, observando as metodologias e práticas educativas, desenvolvendo um olhar crítico e um senso investigativo a partir da perspectiva do seu saber fazer. Diante do cenário pandêmico que o mundo enfrenta, causado pelo coronavírus, os setores da educação, economia e saúde precisaram se readaptar para o enfrentamento ao combate do vírus, mudando suas rotinas. Portanto, esse estudo iniciou-se a partir das indagações: Como o estágio contribui para o desenvolvimento e preparação na/para a carreira do educando no mercado de trabalho? Durante a realização do estágio remunerado temos a oportunidade de vivenciar o ambiente de trabalho, isso permite a troca de experiências e o intercâmbio de ideias e conceitos, como otimizar este aprendizado? Quais são as estratégias dos setores de educação para as práticas metodológicas durante a pandemia? Assim procuramos problematizar e relacionar essas questões iniciando uma pesquisa teórica e qualitativa considerando os relatos de experiência durante o estágio, e mostrar que o desenvolvimento de uma formação experienciada no contexto real possibilita a construção autônoma de conhecimento, habilidades e competências. Os autores desta pesquisa foram FREIRE, P. em *Pedagogia da autonomia (São Paulo, Paz e Terra, 1996)*; LDB (9394/96-art. 61); MEC em *Estágio supervisionado portal. (2004)*.

Palavras-chave: Estágio, experiência, prática e formação profissional.

ABSTRACT

This article deals with the importance of the internship for the academic formation of the student in Pedagogy, given that at that moment he has the opportunity to put his knowledge into practice. The internship is a fundamental period for the student where he can have experiences, knowing the school routine and its reality in loco, observing

¹ Licenciando do curso de Pedagogia da Faculdade Network, Nova Odessa, SP. e-mail: Karendejesus.s.silva@gmail.com

² Licenciando do curso de Pedagogia da Faculdade Network, Nova Odessa, SP. e-mail: lutapvencedora@gmail.com

³ Licenciando do curso de Pedagogia da Faculdade Network, Nova Odessa, SP. e-mail: Amorrinari10@outlook.com

⁴ Licenciando do curso de Pedagogia da Faculdade Network, Nova Odessa, SP. e-mail: patri ciamarcelinonandes@gmail.com

⁵ Profa. Dra. orientadora desta pesquisa, leciona na Faculdade de Pedagogia da Faculdade Network, Nova Odessa, SP. e-mail: angelaharumi2000@yahoo.com.br

educational methodologies and practices, developing a critical look and an investigative sense from the perspective of his know-how. Faced with the pandemic scenario that the world faces, caused by the corona virus, the sectors of education, economy and health needed to readapt themselves to face the fight against the virus, changing their routines. Therefore, this study started from the questions: How does the internship contribute to the development and preparation in / for the student's career in the job market? During the performance of the paid internship we have the opportunity to experience the work environment, this allows the exchange of experiences and the exchange of ideas and concepts, how to optimize this learning? What are the education sector's strategies for methodological practices during the pandemic? Thus, we seek to problematize and relate these issues by starting a theoretical and qualitative research considering the reports of experience during the internship, and to show that the development of an experienced training in the real context allows the autonomous construction of knowledge, skills and competences. The authors of this research were FREIRE, P. in Pedagogy of Autonomy (São Paulo, Paz and Terra, 1996); LDB (9394/96-art. 61); MEC in supervised internship portal. (2004).

Keywords: Internship, experience, practice and professional training.

1 Introdução

O tema do presente artigo serve como uma ferramenta para compreender as metodologias de aprendizagem existentes no contexto escolar a partir da percepção de um funcionário de apoio escolar, que é o estagiário.

Diante do cenário pandêmico, guiado pelo coronavírus em nível mundial, os setores da educação utilizaram estratégias para que o desenvolvimento do aprendizado continuasse de forma segura para todos. O papel do estagiário nesse contexto é muito importante na construção da aprendizagem, em que é preciso muita dedicação para conhecer a rotina escolar, interagir com os docentes, funcionários e alunos, mesmo que de maneira remota. Assim, as aulas presenciais foram suspensas e passaram a ser EAD, fazendo com que a administração enfrentasse um grande desafio, propondo ações para que os alunos não fossem prejudicados além do estresse já vivido pelo distanciamento social.

Diante disso, faz-se necessária metodologias ativas que viabilizem a construção dos conhecimentos, na integração de conteúdos que unam teoria à prática. Para que isso ocorra de fato, a equipe escolar deve estar preparada para planejar o melhor caminho para que este aprendizado ocorra, sendo os professores os responsáveis pelo ensino curricular do aluno, e toda a equipe pelo apoio ao aluno na escola, participando do processo de aprendizado gerado dentro da instituição, quer seja direta ou indiretamente.

Nesse período de distanciamento social, os alunos estão tendo que ficar em casa por tempo indeterminado, de modo que está sendo preciso aprender a aprender à distância, de forma a ter que dominar estratégias para administrar o tempo e organizar-se para a realização das atividades. Para os alunos que têm bom desempenho escolar, talvez não seja tão difícil acompanhar as aulas online, mas o que temos visto é a continuação das dificuldades daqueles que já as tinham na sala de aula.

Para os professores, esta transição imediata e não planejada para o ensino online trouxe grandes desafios. Uma grande parte dos professores brasileiros não foi preparada para integrar tecnologia nos processos de ensino aprendizagem, muito menos para ensinar de forma online. Diante da situação atual, surge mais uma vez o alerta para necessidade de incluir este tema na formação inicial e continuada dos professores.

Com alunos distantes, aulas interrompidas e provas suspensas ou canceladas, professores em quarentena têm a oportunidade de explorar maneiras criativas de oferecer experiências significativas de aprendizagem para seus alunos. As ferramentas de tecnologia educacional, como as plataformas e ambientes virtuais de ensino, estão sendo usadas para garantir os processos pedagógicos de aprendizagem.

É importante visar também qual é a expectativa que estes funcionários têm do ensino que transmitem com a prática diária, e agora remota aos alunos, e qual é a percepção sobre as metodologias de aprendizagem aplicadas nas escolas, e de maneira online, para que haja um aprendizado efetivo e funcional para os alunos.

É tempo de aproveitar todas as oportunidades de aprendizado, observar as metodologias e as técnicas de ensino. Por isso, o estágio é importante para a formação e o aprender com as boas práticas para assim exercer a profissão com excelência. É dever da escola ir em busca de metodologias de ensino para que os objetivos sejam atingidos. Para isso, é importante que cada parte do corpo escolar execute bem as suas respectivas funções.

Segundo Barreiro (2006), “O estágio coloca-se como teórico-prático e não como teórico ou prático, devendo possibilitar, aos estagiários, melhor compreensão das práticas institucionais e das ações praticadas pelos profissionais, como maneira de preparar os futuros docentes” Portanto, é importante a troca de conhecimentos para refletir e buscar soluções e compartilhar os resultados, através de esforços no sentido de produção de um trabalho coletivo, ampliando os conhecimentos éticos, sociais e culturais, proporcionando uma aprendizagem efetiva por meio de metodologias eficazes.

Nessa perspectiva, o estagiário pode contribuir com métodos auxiliares, afim de propiciar novos conhecimentos, haja vista que todo planejamento será construído, a fim de melhorar o desempenho pedagógico do aluno.

2 Revisão Bibliográfica

A prática de observação pode ser compreendida como uma importante ferramenta e fundamental para atrelar teoria e prática, possibilitando que o futuro profissional entre em contato com a realidade do ambiente escolar, facilitando o diagnóstico e identificando pontos positivos e negativos.

Schön (2000) evidencia “a existência do conhecimento prático no trabalho, através da observação e das reflexões sobre nossas ações, o “conhecer-na-ação” (conhecimento na ação), que se refere ao conhecimento do cotidiano”. Portanto, a observação e a reflexão sobre as ações que ocorrem no âmbito escolar oportunizam realizar uma descrição do saber, propondo novas metodologias previstas na percepção do estagiário, em busca da construção de estratégias para o processo de ensino e aprendizagem.

Os auxiliares são estudantes do ensino médio que cursam magistério, ou estudantes de pedagogia, ou de outro curso de área da educação. São contratados como estagiários, tendo preferência os que possuem ou estão em formação na área da Educação Especial, porém poucos satisfazem esse critério. (STELMACHUK; MAZZOTTA, 2012, p. 190)

O estagiário, no entanto, é um educador universitário auxiliar da construção do conhecimento do aluno e, dentro de sua experiência na instituição, prepara-se para a práxis docente, buscando adquirir e aplicar fundamentação, diálogo e intervenção na realidade do contexto escolar em que está inserido.

Pimenta e Lima (2010) dizem que “o estágio pode não ser uma completa preparação para o magistério, mas dá o sentido da profissão, a realidade das escolas e dos

professores nessas escolas”. Segundo a SME, “os estagiários vão atuar no apoio aos estudantes em processo de inclusão. Eles irão acompanhar de perto, individualmente, em sala de aula, estudantes que precisam de apoio nas atividades pedagógicas”.

No cenário pandêmico, as escolas em geral estão com suas atividades presenciais suspensas, atingindo essa situação mais de 50 milhões de estudantes e professores em todo país. O isolamento e a suspensão das aulas presenciais são medidas importantes para colaborar no combate à propagação do vírus, pois a escola é um espaço onde o contato é inevitável.

Por terem imunidade maior, as crianças podem estar com o vírus, mas assintomáticas e, com isso, podem contaminar os colegas na escola e os familiares em casa, principalmente as pessoas mais idosas. Foi tomada uma Medida Provisória pelo senado nº 934, de 2020 que desobriga os 200 dias letivos obrigatórios para escolas e universidades, mas pede o cumprimento da carga horária mínima anual de 800 horas na Educação Básica.

Para que o trabalho pedagógico tivesse continuidade, foram necessários recursos tecnológicos, tais como: internet, Whatsapp, computadores, celulares, plataformas de comunicação digital. As aulas foram e estão sendo transmitidas remotamente, assim, os professores não pararam de trabalhar, pelo contrário, estão se desdobrando para atender as necessidades dos alunos e também orientando os pais ou responsáveis por eles.

A lei Federal de 1988, nos artigos 205 e 206, garante educação para todos com base nos princípios de igualdade de condições e permanência na escola. Como todos têm direito à educação, deveriam ter sido adotadas medidas para aqueles que não têm acesso à internet ou computadores a fim de acessarem aulas remotamente.

Uma pesquisa do Comitê Gestor da Internet no Brasil mostra que 58% dos domicílios no país não têm acesso a computadores e 33% não dispõem de internet, o que torna complicado garantir educação à distância para alunos de grupos sociais vulneráveis. Vemos essa desigualdade até mesmo nas escolas de grandes municípios, que, infelizmente, não são todos que conseguem acompanhar aulas online ou grupos de estudo.

Além desses fatores, faz-se necessária uma atenção para os alunos que necessitam do atendimento especializado, cujo apoio está previsto na Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, Lei 13.146/2015. Segundo a legislação, é incumbência do poder público ofertar os profissionais de apoio escolar para suas instituições de ensino. Já o estágio é regulamentado pela Lei 11.788/2008. Ele é caracterizado como um ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de estudantes.

O Plano Nacional de Educação – PNE, Lei nº 10.172/2001, estabelece objetivos e metas para que os sistemas de ensino favoreçam o atendimento às necessidades educacionais especiais dos alunos. Aos alunos com necessidades educacionais especiais, entende-se que são estudantes com deficiências, TGD (Transtornos Globais do Desenvolvimento) / TEA (Transtorno do Espectro Autista) e altas habilidades/ superdotação. Todos têm direito de estudar em uma escola regular, pública e de qualidade, e com o auxílio do estagiário no contexto educacional do seu desenvolvimento. O estágio na educação inclusiva oportuniza ao estagiário estabelecer um olhar amplo e sensível sobre os inseridos no contexto da educação inclusiva.

Dados recentes do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010) apontam que, no mundo, pessoas com deficiência estão entre o grupo de maior risco de exclusão escolar. O mesmo estudo desse Instituto diz que no Brasil tem 45,6 milhões de pessoas com algum tipo de deficiência, o que representa 23,9 % da população.

Incluídos aqui quer dizer que os estudantes não se encontram só dentro da escola, mas também que se encontram integrados em todas as atividades escolares que possam ocorrer dentro e fora do seu espaço, ou seja, envolvem um conjunto de processos intermináveis e constantemente renovados que incluem os projetos de inovação e desenvolvimento da escola, a sua cultura, a sua política e as suas práticas, requer em definitivo um compromisso da escola com a melhoria do potencial de aprendizagem. (STOBÄUS, MOSQUERA, 2012, p. 12)

Ou seja, O professor não pode discriminar o aluno que não aprendeu ou não consegue aprender. Sob essa ótica, Freire (2003) deixa claro que "a educação nunca pode ser discriminatória em nenhum aspecto, devendo o professor se arriscar, inovar, para oferecer o melhor para seus alunos".

Ponte (2002) reforça esse propósito, destacando:

O professor tem por missão ensinar alguma coisa a alguém. Este alguma coisa, que decorre de um conjunto de propósitos (explícitos ou implícitos), constitui um currículo e um primeiro e decisivo elemento que marca a identidade profissional do professor, é a relação que ele assume com esse currículo.

Logo, o que se espera de uma instituição de ensino educacional é que ela prepare seus alunos para entender os fenômenos educativos, de modo a promover ações que venham a contribuir para o aprimoramento do ensino, haja vista que o aluno deve aprender com criticidade, em um ambiente que estimule suas relações sociais, sua autoestima, sua voz ativa, e seus pontos de vista, e o professor deve ter um olhar sensível e empático quanto ao ensinar, para que se torne um exemplo na construção da cidadania.

Conforme afirma Rios (2001), a análise crítica do processo educativo permite que este seja reconhecido e analisado como um conjunto de atitudes que podem manter ou transformar a estrutura do social.

Schön (1995) considera o seguinte:

Um professor reflexivo deve ter um olhar atento para o seu aluno. Mais do que isso, precisa deixar seu aluno expressar-se e planejar sua aula com base no conhecimento tácito expresso pelo aprendiz. O referido autor considera que a prática pedagógica norteada pela reflexão-na-ação do professor que dá razão ao aluno é dividida em momentos: inicialmente, esse professor permite surpreender-se pelo aluno; na sequência, reflete sobre esse fato e procura compreender as implicações em envolvem o aspecto levantado pelo aluno; a partir daí, terá condições de reformular o problema; e, por fim, coloca em prática uma nova proposta.

3 Metodologia

Esta pesquisa constitui-se de uma análise bibliográfica relativa ao *tema Metodologias de aprendizagem a partir da percepção do estagiário no contexto escolar*, que está relacionada à importância das metodologias utilizadas pelos auxiliares de apoio na escolas, e suas percepções e perspectivas quanto aos métodos observados pelos docentes e pela equipe gestora durante seu período de estágio na instituição. Este artigo busca relatar como essas percepções podem gerar ações, influenciando e estimulando a equipe escolar na estrutura metodológica no processo-aprendizagem dos alunos e nas consequências de um bom ensino gerado tanto da parte curricular quanto das experiências geradas pela prática, desde os anos iniciais.

O artigo se realizou a partir de leitura de materiais impressos, como livros, revistas e jornais e com fontes digitais, como periódicos, eletrônicos, sites acadêmicos e biblioteca online, que fornecem trabalhos de conclusão de curso. Após a compilação desse

material, lemos e fichamos as principais ideias e conceitos, a fim de incorporá-los no trabalho a partir de citações.

Com a finalidade de centrar nossa discussão sobre as metodologias ativas no contexto escolar e a percepção do estagiário de apoio, como auxiliador nesse processo de aprendizagem e suas expectativas, embasamo-nos em uma pesquisa de observação no contexto escolar diário, incluindo a rotina da escola, o convívio dos funcionários, as estratégias de ensino e aprendizagem, e as metodologias ativas da equipe pedagógica em todo o contexto escolar, inclusive no cenário de pandemia, no qual a escola está inserida. Isso foi feito de modo a refletir sobre a importância do estágio como um momento relevante no processo de formação dos futuros professores e sobre as dificuldades sentidas por professores e estagiários e suas relações com a formação inicial no contexto de um curso de formação, pautando-se na observação participante e na escuta ativa do estagiário no campo de ação sobre as metodologias utilizadas e baseada em um referencial teórico que defende uma atuação institucional.

Sendo assim, analisamos dados recolhidos sobre a observação desses estagiários durante a prática, constatando-se uma pesquisa qualitativa, com base na observação e análise do processo de ensino/aprendizagem em sala de aula, e de maneira remota. As observações foram registradas em diário de classe por quatro estagiárias que chamaremos de E1, E2, E3 e E4. Esses registros foram feitos em locais distintos como escolas de educação infantil e escolas de ensino fundamental. A pesquisa foi dividida em dois capítulos, 1 Educação Infantil e 2 Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Levamos em consideração que o tempo de estágio é um tempo de formação de conhecimento, podendo ser construído por fatos favoráveis e desfavoráveis.

4 Análise de dados

O presente artigo traz algumas reflexões sobre a importância das metodologias utilizadas no contexto escolar vistas pela percepção do estagiário, que é um educador universitário de apoio escolar, e está presente na realidade do cotidiano das escolas. Sua atuação foi de modo a investigar quais são as estratégias utilizadas pelos setores da educação na percepção do estagiário, diante do cenário de pandemia mundial, pelo coronavírus.

Sendo assim, após a realização de observação e pesquisa de campo, resolvemos separar a análise da Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental, para melhor compreensão do contexto histórico da criança enquanto ser social e as mudanças ocorridas. Para tal, utilizamos como referência bibliográfica a Constituição da República Federativa do Brasil (1988), o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998), além dos Parâmetros de Qualidade da Educação Infantil (2006).

A criança é um sujeito social e histórico que está inserido em uma sociedade na qual partilha de uma determinada cultura. É profundamente marcada pelo meio social em que se desenvolve, mas também contribui com ele (BRASIL, 1994).

A observação aconteceu durante todo o período do estágio, mas ela se tornou mais significativa quando se teve oportunidade de participar e interagir com os alunos. Nos anos iniciais do Ensino Fundamental, voltamos o nosso olhar para como os alunos se relacionam com a professora e com os pares e, no período de pandemia, como essa relação está ocorrendo entre alunos, professores e pais. Nesse contexto, o foco foi analisar e observar as práticas em sala de aula e remotamente, propiciando a aproximação da realidade da profissão por meio da participação em situações reais de trabalho.

Durante o estágio, E1 e E2 fizeram registros de experiências vividas em duas escolas de Educação Infantil no município de Sumaré, uma pública e uma privada, antes do cenário pandêmico. Elas disseram em seus relatos, durante seu estágio numa escola

pública, que as salas eram muito pequenas, com uma média de vinte crianças cada uma, não tinha espaço ao ar livre para banho de sol, as monitoras não tinham formação em pedagogia e apenas cumpriam com a rotina de cuidados com alimentação, higiene e curtos períodos de recreação.

Não foram observadas práticas pedagógicas ou orientação por parte da coordenação. As estagiárias foram orientadas a seguir os procedimentos das monitoras, porém conseguiram sugerir atividades e realizaram algumas, entre elas, atividades de coordenação motora, contação de histórias e brincadeiras como cantar e dançar. Uma das experiências que ficou marcada foi o desfralde de um aluno que não tinha a fala coerente com a idade e era muito pesado, assim, as “tias” reclamavam no momento da troca de fraldas. Ao conseguir desfraldar o aluno, elogiaram-no e puderam ver uma melhora no desenvolvimento dele, que, por sua vez, sentiu-se motivado e começou a falar com todos, mostrando-se cada dia mais alegre.

No cenário de pandemia, E1 e E2 relataram que, na questão da inclusão, é fundamental incluir propostas para os alunos que precisam do suporte da AEE, e que uma das suas funções como estagiárias era acompanhar esses alunos que estão recebendo atividades adaptadas para cada caso. Porém ambas observaram a dificuldade dos pais e responsáveis em ajudar os filhos com as atividades, e notaram que isso poderia prejudicar o aprendizado deles, diante do contexto vivenciado de maneira remota.

Segundo E1 e E2, que são estudantes de um curso presencial de Pedagogia, ambas também estão se adaptando a essa rotina de EAD, pois não é fácil modificar todo um planejamento construído, de maneira tão inesperada. Relataram também que esse período de experiência foi uma via de mão dupla, pois tiveram a experiência como alunas da faculdade que cursam, precisando se organizar para participar das aulas online e realizar as atividades dentro dos prazos, da mesma maneira e realidade com que os alunos no qual elas prestam assistência também passam. Toda a rotina da casa e da família acaba mudando por conta disso, imprevistos acontecem, ora com a internet ora com o computador e isso traz a questão da empatia na hora de lidar com os enfrentamentos de cada aluno no desenvolvimento das atividades.

E1 relatou que a troca de conhecimentos, o relacionamento professor/aluno e a interação com os pares fazem parte dessa formação, mas, no momento em que todos os funcionários que contribuem para o bom andamento da escola andam em conjunto e pensam como equipe em prol de um bom aprendizado para os alunos, torna-se significativo para todos essa construção de uma nova metodologia de ensino nesse cenário.

Para Freire, toda forma de prática de ensino deve ser revista na formação permanente dos educadores. Portanto, “na formação permanente dos professores, o momento Fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando a prática de hoje, ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática.” (FREIRE, 1997, p. 43-44).

E1 e E2 terminaram seus relatos, concluindo que as professoras estão fazendo uso de uma metodologia incluindo no planejamento videoaulas, leitura digital e links de vídeos com temas interdisciplinares, que têm tido um papel importante para a educação. Os alunos podem pesquisar outras fontes, organizar o tempo de estudo e experimentar uma nova maneira de aprender. O conteúdo é planejado semanalmente e enviado nos grupos de estudos, que é realizado pelos alunos, que o fazem em tempo oportuno, de modo que essas atividades são corrigidas no primeiro dia da semana posterior.

As professoras recebem as atividades realizadas pelos alunos via Whatsapp, cuja ferramenta serve de comunicação com os pais e responsáveis, que também recebem suporte e orientação quando necessário e avisos e comunicados da escola e da Secretaria de Educação.

O trabalho das estagiárias está sendo feito de maneira presencial, mesmo que as aulas estejam sendo de maneira remota, assim, relataram estar trabalhando nas escolas, ajudando a imprimir atividades para aqueles que não têm acesso a internet, realizando a busca ativa, ligando para os pais ou responsáveis pelos alunos que estão com as atividades em atraso, auxiliando os professores, participando de grupos de estudo e trabalhando nos plantões, com atendimento aos pais que vão buscar as atividades impressas e kits de alimentos.

Disseram estar absorvendo, nesse período de distanciamento, a importância de buscar novas formas de aprender e inovar sempre. “Isso tem sido um grande aprendizado para nós, que estamos fazendo parte desse momento ímpar e histórico no país”, disseram as estagiárias.

E3, em seu período de estágio presencial, antes do cenário pandêmico, relatou que foi uma experiência incrível. “Quando começou a fazer o estágio, a primeira sala que ficou foi a fase I da Educação Infantil numa escola pública, e o aluno que acompanhava foi diagnosticado com autismo. Era um aluno que não apresentava comportamentos agressivos, inquietos; porém tinha um problema na fala, por isso já estava em tratamento com fonoaudióloga e também fazia acompanhamento na escola com as professoras do AEE (Atendimento Educacional Especializado).

Ela o acompanhava em tudo que ele ia fazer (chegada/saída da escola, beber água, ir ao banheiro, horário do intervalo, aulas de especialistas e durante todo o tempo na sala); ele tinha apenas 4 anos, era um aluno que conseguia fazer as tarefas dentro das suas limitações, quando necessário, auxiliava-o, ajudando no que ele tinha mais dificuldade. As práticas e didáticas apresentadas e utilizadas pela professora fez com que os alunos aprendessem de forma lúdica e divertida; já que usava de músicas, brincadeiras e a arte para o desenvolvimento e aprendizagem. Além de ter um momento no final do período que ela os levava ao parque, ou os alunos atuavam com os brinquedos da sala, assim os alunos se interagem entre si.

Já na escola particular os relatos foram diferentes, havia uma média de quinze alunos por sala, as professoras eram formadas em Pedagogia e cursavam pós-graduação em Educação Especial. O ambiente era favorável ao aprendizado, as professoras regentes tinham planos de aula e trabalharam temas como alimentação saudável, conhecendo meu corpo, animais do jardim, meios de transporte, arte e linguagens. As professoras usaram metodologia ativa, em que os alunos eram protagonistas do seu aprendizado. As crianças faziam passeio ao ar livre, interagem com os animais ao redor da escola, que possui uma grande área com árvores e plantas. O playground era o lugar preferido dos pequenos.

Conforme Santos (2012), é fundamental refletir sobre a prática do professor em sala, ao se tratar da ludicidade e que esta é necessária para prender a atenção do aluno, fazendo com que a aprendizagem aconteça de forma natural por meio das brincadeiras.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010) preveem que uma das propostas pedagógicas é garantir que a criança possa ter vários conhecimentos e aprendizagem. As estagiárias ajudavam com as atividades de recreação, podendo assim ter momentos de interação e observá-las através atividades lúdicas.

Sabendo que a criança aprende por meio da brincadeira, cabe ao professor proporcionar atividades que promovam experiências diversas para seus alunos, tais como: “sentir, manipular, observar, criar, descobrir, relacionar, articular, elaborar hipóteses e verificá-las compreender informações cada vez mais complexas” (RIBEIRO, 2001, p. 112)

Diante do cenário pandêmico, E3 relatou quais foram as diferenças encontradas nas metodologias observadas por ela, no mesmo contexto escolar. Relatou que tem contato diário com as professoras e equipe gestora, em suas atividades rotineiras.

Disse também que a coordenação se mostrou muito compreensiva na relação com os professores e funcionários diante do cenário de pandemia, e aplica projetos e reuniões que lhe dá autonomia e espaço para novas ideias e propostas.

E3 relatou que, neste período de pandemia, as didáticas e metodologias que estão sendo aplicadas pelos professores e equipe gestora da escola à qual faz parte seguem as orientações da Secretaria de Educação do Município, que enviou um decreto/diretriz orientando o que todas as escolas da cidade deveriam seguir.

Assim, a aluna relatou que os gestores da escola juntamente com o corpo docente e funcionários fizeram uma reunião para serem orientados sobre qual seria a forma correta de se trabalhar em meio ao contexto pandêmico. A secretaria de educação, juntamente com as escolas, disponibilizou apostilas, vídeos e um canal na tv/internet no qual transmite atividades para que os alunos possam acompanhar, fazendo em casa os exercícios.

Relatou também que, todos os meses, os professores selecionam atividades referentes às suas respectivas séries e montam uma apostila para que possam entregar para as famílias que vão até a escola para retirada do material de seu filho/a.

“Quando os responsáveis vão à escola, trazem um bloco em branco, para que o aluno possa realizar os exercícios em casa e entregam na escola o que ele já terminou de fazer.” Concluiu E3.

Os professores também montaram um grupo no whatsapp, para que alunos possam realizar perguntas e tirar suas dúvidas, sobre o conteúdo ou exercício que está na apostila, assim os professores e gestores podem acompanhar um pouco do desenvolvimento de cada aluno, possibilitando também com os pais e responsáveis pelos alunos.

A estagiária também relatou que pôde notar que alguns pais/alunos não estão retirando as atividades na escola e também não deram nenhum parecer para os professores e gestores de sua ausência. Esses alunos estão sendo encaminhados para o conselho tutelar, para que sejam tomadas as devidas providências a respeito da não entrega, ou não retirada dos blocos de atividades.

O papel das estagiárias está sendo ajudar a equipe escolar a imprimir, organizar e grampear as atividades que serão entregues, portanto, estão trabalhando com horário reduzido, para que não haja aglomeração no ambiente escolar.

E4, que realizou seu estágio em uma escola pública durante o período presencial de aulas, antes do cenário pandêmico, contribuiu com essa pesquisa dizendo que, no seu primeiro dia, estava preocupada com a sua atuação e com as responsabilidades que ela traria para as crianças no qual auxiliaria. Mas, quando entrou na sala, foi recebida com tanto amor e carinho por aqueles baixinhos, que todo o medo foi embora. Ela estava lá para auxiliá-los e ajudá-los no possível, mas, com certeza, aprendeu muito com cada um, suas histórias de vida tinham muito também para oferecer. Seu primeiro contato foi em uma escola do município de Nova Odessa, em uma sala do Ensino Fundamental, mais precisamente do 5º ano. Foi lá que ela conheceu a Eduarda, uma moça grandona, mas que tinha um coração muito ingênuo. Ela é diagnosticada com TDAH (Déficit de atenção e Hiperatividade), ficou muito tempo afastada da escola, por motivos de cunho familiar; ela estava num nível de alfabetização funcional, relacionando poucas letras, não sabendo decodificar as palavras, automaticamente incapaz de realizar textos curtos, interpretar e realizar operações matemáticas. A Eduarda foi um grande desafio, não só para ela, mas para a professora e toda a equipe gestora da escola. Mas era uma menina de ouro, com um esforço tão grande de aprender, de querer mais, uma garra indescritível.

A professora e a coordenação pedagógica formaram um plano de ação com atividades que Eduarda conseguisse realizar, para que, assim, ela pudesse, aos poucos,

desenvolver e aperfeiçoar essas dificuldades. Ela também teve assistência da professora de AEE, que realiza o atendimento educacional especializado. Todos os dias, a auxiliou em suas atividades e a acompanhou com projetos de reforço nos finais das aulas. Trabalharam com letras móveis e atividades lúdicas, ela demonstrava muita atenção e curiosidade em aprender, sendo muito proativa e realizava as atividades rápido. Primeiro, iniciaram com atividades mais simples, destinadas para o 2º ano, e assim foi aumentada gradativamente a dificuldade.

A metodologia seguida pela professora, e orientada a mim estagiária, era de aplicar atividades lúdicas, incluindo letras móveis e imagens que facilitassem o entendimento da aluna Eduarda. Músicas também eram aplicadas, atividades físicas que envolvessem circuitos, em que ela estimulava suas habilidades motoras e matemáticas ao solucionar cada etapa.

A professora realizava diariamente a correção do seu caderno de reforço orientado por ela; durante as aulas, ela era bem acolhida por todos, inclusive pelos coleguinhas, que a ajudavam com as atividades. A escola, sempre preocupada com seu progresso, também acompanhava suas atividades através da coordenação pedagógica. Ela apresentou um progresso muito grande durante todo o ano letivo, aprendeu a ler, escrever e interpretar atividades destinadas para a sua faixa etária e série, claro que, com suas limitações, mas foi um grande salto e um grande esforço.

Durante o período pandêmico, E4 relatou como foram suas observações diante do enfrentamento ao COVID-19 nas escolas e quais foram as metodologias encontradas por ela nesse período. Ela relatou que realizou o estágio de maneira presencial, mesmo havendo as aulas remotas, e teve contato com os alunos via Whatsapp, para auxílio das atividades. E4 relatou também que, diante de suas observações com relação às práticas metodológicas da escola, a função da coordenação pedagógica foi de extrema importância no que diz respeito à interação com toda a equipe escolar, desde os funcionários até a equipe docente, passando pela comunidade e pais de alunos. Dessa forma, pôde acompanhar as reuniões semanais do coordenador com os professores e notou que os projetos apresentados e discutidos seguem uma troca de ideias e projetos, que desempenham a melhor função para o aprendizado do aluno. Disse ainda que ficou aberta à interação de ideias e pontos de vista distintos, de modo que o respeito, a empatia e o diálogo na elaboração do melhor desenvolvimento das atividades, bem como a troca de ideias, nesse contexto, foram proveitosos e compensatórios.

Os alunos que necessitam do atendimento educacional especializado, foram atendidos pela equipe docente, pelas professoras de AEE e também por nós estagiários, que participamos do auxílio nas atividades, por vídeos e fotos.

Diante desse relato, temos que falar da educação inclusiva e da lei que a garante.

Grande parte dos estagiários são encaminhados para acompanhar alunos que foram diagnosticados com DI (Deficiência Intelectual), Visual, Auditiva e alguns transtornos como TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade), Autismo e Discalculia, a Lei Brasileira de Inclusão (LBI), também chamada de Estatuto da Pessoa com Deficiência (Lei 13.146/2015), afirmou a autonomia e a capacidade desses cidadãos para exercerem atos da vida civil em condições de igualdade com as demais pessoas, bem como assegurou a oferta de sistema educacional inclusivo em todos os níveis e modalidades de ensino. Estabeleceu ainda a adoção de um projeto pedagógico que institucionalize o atendimento educacional especializado, com fornecimento de profissionais de apoio.

A E1 acompanhou um aluno do 4º ano com autismo leve e conseguiu construir um laço de amizade que contribuiu para ajudar o aluno a realizar atividades de

escrita e leitura, o que melhorou bastante o desempenho na disciplina de Língua Portuguesa e ampliou o vocabulário e produção escrita. A professora regente fazia planos de aula junto com professora da AEE, a estagiária o auxiliava sempre que necessário, fazendo a leitura das atividades, o relacionamento com a sala era bom e interativo.

O estágio permitiu às alunas oportunidade de observar as diversas posturas e posicionamentos de professores que atuam em diferentes escolas, turmas e faixas etárias. Isso mostra o quanto é necessário existir no contexto escolar um profissional que acredite na mudança, nas possibilidades, nas ambiguidades, que invente, que faça, que se refaça no cotidiano, repensando sua postura diante de sua experiência. A educação está desesperadamente à procura de pessoas comprometidas com o processo educacional e pessoas que se admiram esse processo, a vida, o próprio processo de educar, pessoas competentes, perseverantes, que acreditam nos sujeitos, nas mudanças, enfim, na educação.

Assim sendo, Pimenta e Lima (2012, p. 35) comentam que a profissão do professor também é prática. E o modo de aprender a profissão, conforme a perspectiva da imitação, será a partir da observação, imitação, reprodução e, às vezes, reelaboração dos modelos existentes na prática, consagrados como bons.

5 Considerações finais

O estagiário é um grande mediador e promotor do processo de ensino e aprendizagem, assim, seu trabalho pode contribuir grandemente para este verdadeiro processo de promover o desenvolvimento integral do aluno com necessidades educacionais especiais ou não. A teoria atrelada à prática observada, experimentada e investigada qualitativamente deve ser permeada pela reflexão, podendo ser construída e reconstruída, tendo como objetivo a transformação da realidade escolar.

Neste período de formação acadêmica que passamos adquirindo conhecimento teórico, aprendemos como lidar com as dificuldades e como aplicar as teorias ensinadas e propostas para nós, de modo que esse suporte teórico nos ensinou que cada dificuldade pode ser enfrentada de forma diferente, validando o ensinamento de Paulo Freire: “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.” (FREIRE, 2003).

O ano letivo de 2020 sofreu alterações radicais no modo de condução de aula presencial para remota, mas podemos observar como os professores se adaptaram a essa mudança, mostrando que dá para ensinar mesmo à distância. Desse modo, mostraram que a educação pode passar momentos difíceis e encontrar barreiras no caminho, mas a equipe que trabalha em conjunto busca novos caminhos e soluções para alcançar o objetivo maior, que é o aprendizado dos alunos. E nós, estagiários, participamos desse plano educacional diferenciado, junto com os professores e equipe gestora, no enfrentamento desse coronavírus, podendo acrescentar experiências que levaremos para nossa profissão.

Assim, podemos concluir que o estágio contribui de forma significativa, porque nos coloca em contato com a realidade de futuros professores. Através da escolha do tema desta pesquisa, nós, futuras pedagogas, pudemos relatar algumas percepções de como o aluno universitário possa dar apoio nas escolas, visto que tem, diante deste contexto como estagiário, a possibilidade de entender como as metodologias de ensino são aplicadas e encaradas pelos futuros profissionais da área da educação.

Com todos esses desafios que estamos enfrentando, temos a certeza de que a experiência escolar é insubstituível para a formação integral do sujeito.

Referências

ALMEIDA, D. **Funcionários dos serviços de apoio** - Nova Escola Gestão. Disponível em <https://gestaoescolar.org.br/conteudo/750/funcionarios-dos-servicos-de-apoio> Acesso em: 12 Ago. 2019.

ANEC Comunicação. Desafios para Educação em Tempos de Pandemia. Disponível em <https://anec.org.br/noticias/desafios-para-educacao-em-tempos-de-pandemia/> Acesso em: 02 Out. 2020.

Base Nacional Comum Curricular - Educação é a Base – BNCC - **A educação infantil na base nacional comum curricular.** Disponível em <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#infantil> Acesso em: 15 Jun. 2020.

BRASIL, 1996). **LEI Nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996.** Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf Acesso em: 04 Jun. 2020.

CARVALHO, P. Estágio: saiba quais são os direitos e deveres de quem exerce a atividade. Disponível em: <https://querobolsa.com.br/revista/estagio-saiba-quais-sao-os-direitos-e-deveres-de-quem-exerce-a-atividade>. Acesso em: 23 Set. 2019.

CONGRESSO NACIONAL. Medida Provisória nº 934, de 2020. Disponível em: <https://www.congressonacional.leg.br/materias/medidas-provisorias/-/mpv/141349>. Acesso em: 02 Out. 2020.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia. Disponível em: [http://www.apeoesp.org.br/sistema/ck/files/4%20Freire P %20Pedagogia%20da%20autonomia.pdf](http://www.apeoesp.org.br/sistema/ck/files/4%20Freire%20Pedagogia%20da%20autonomia.pdf). Acesso em: 02 Out. 2020.

LYCEUM. Metodologias Ativas de Aprendizagem: o que são e como aplicá-las. Disponível em: <https://blog.lyceum.com.br/metodologias-ativas-de-aprendizagem/>. Acesso em: 02 Out. 2020.

Ministério da Educação Secretaria de Educação Básica - Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil Volume 1 – Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Educinf/eduinfparqualvol1.pdf> Acesso em: 15 Jun. 2020.

Notícias. Estagiário no apoio à inclusão: formação ou trabalho precarizado? Disponível em: <http://sismmac.org.br/noticias/22/ed.-especial/5474/estagiario-no-apoio-a-inclusao-formacao-ou-trabalho-precarizado?>. Acesso em: 23 Set. 2019.

PENSADOR. FRASES DE PAULO FREIRE. Disponível em: [https://www.pensador.com/melhores frases paulo freire patrono educacao brasileira/](https://www.pensador.com/melhores-frases-paulo-freire-patrono-educacao-brasileira/). Acesso em: 02 Out. 2020.

PERIARD, G. A importância do estágio para os estudantes. Disponível em: <http://www.sobreadministracao.com/a-importancia-do-estagio-para-os-estudantes/>. Acesso em: 13 ago. 2019.

Presidência da República- LEI N°11.788, DE 25 DE SETEMBRO DE 2008. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ ato2007-2010/2008/lei/l11788.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2008/lei/l11788.htm) . Acesso em 1 Mai 2020.

RIBEIRO, M. **A interação no cotidiano da sala de aula como mediação do envolvimento/ implicação dos alunos nas atividades curriculares: um estudo em educação infantil.** Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/11698/1/Ribeiro,%20Maria%20Izabel.pdf> Acesso em: 15 Jun. 2020.

SÁ, R. **Pessoal de Apoio na Escola: Invisíveis que Alicerçam o Processo de Ensino-Aprendizagem - Info Escola.** Disponível em: <https://www.infoescola.com/educacao/pessoal-de-apoio-na-escola-invisiveis-que-alicercam-o-processo-de-ensino-aprendizagem/>. Acesso em: 13 ago. 2019.

SANTOS, S. D. **A importância do estágio para a vida acadêmica e profissional do aluno - Portal Educação.** Disponível em: <https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/iniciacao-profissional/a-importancia-do-estagio-para-a-vida-academica-e-profissional-do-aluno/58044> Acesso em: 12 Ago. 2019.

SANTOS, A. O papel do estagiário na educação especial nas séries iniciais do Ensino Fundamental do município da Serra: descortinando as práticas. Disponível em: <https://multivix.edu.br/wp-content/uploads/2018/06/revista-espaco-academico-v05-n10-artigo-5.pdf>. Acesso em: 23 set. 2019.

SANTOS, J. O lúdico na Educação Infantil. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/ludico.pdf> - Acesso em: 15 Jun. 2020.

SEMI, L. Como valorizar os funcionários de apoio da escola. Nova Escola Gestão. Disponível em: <https://gestaoescolar.org.br/conteudo/2015/como-valorizar-os-funcionarios-de-apoio-da-escola>. Acesso em: 12 ago. 2019.

A EXPERIÊNCIA DE ESTUDANTES DE PEDAGOGIA COM A SÍNDROME DE TOURETTE

Camila Lallita do Amaral Nascimento¹
Catarina Marçal Ramos²
Marizete Roberto Felipe dos Santos³
Sheila dos Santos Paulino⁴
Vanessa Rocha dos Santos⁵
Angela Harumi Tamaru⁶

RESUMO

Este artigo tem como foco trabalhar "A experiência de estudantes de pedagogia com a Síndrome de Tourette". Essa síndrome surgiu como distúrbio por volta de 1920 e vem sendo pouco conhecida dentro e fora dos espaços escolares, sendo facilmente confundida com diferentes síndromes, como TDAH, hiperatividade e outras. Devido a isso, buscou-se identificar como a Síndrome de Tourette é percebida como tal e como a falta de conhecimento desta pode afetar a sala de aula, em razão da insuficiência na formação dos docentes. Tal fato impulsionou a estudar e constatar: Quão preparados estão os estudantes de pedagogia para lidar com alunos que tenham Síndrome de Tourette? Como objetivo desta pesquisa, apresentamos a síndrome de Tourette e suas dificuldades dentro do espaço escolar, abordando suas mudanças de comportamento, as formas de se trabalhar em sala de aula e os pontos aos quais levam a perceber a presença de sintomas relacionados à Síndrome. Tendo em vista uma melhor compreensão sobre a Síndrome de Tourette no espaço escolar, esta pesquisa tratou sobre os níveis e conceitos da síndrome, correlacionando-a às dificuldades que o indivíduo enfrenta no ambiente escolar e o preparo do professor. Foi realizado um estudo feito a partir de questionário constituído por questões abertas e fechadas, que investigou sobre como se dá a formação de alunos do curso de pedagogia de diferentes instituições de ensino superior presentes na Região Metropolitana de Campinas; também foi feito um questionário a um professor da rede de ensino, sobre as experiências com a Síndrome de Tourette e sua formação na graduação, que apontou o preparo destes para trabalhar com alunos que possuem a Síndrome de Tourette.

Palavras-chave:Inclusão escolar.Aprendizagem e ensino.Metodologia escolar.

ABSTRACT

This article focuses on working on "The experience of pedagogy students with Tourette's Syndrome"; This syndrome emerged as a disorder around 1920 and is little known inside and outside school spaces, being easily confused with different syndromes, such as ADHD, hyperactivity, and others. Then, we have been trying to search for how Tourette's Syndrome is perceived; and the lack of knowledge can affect the classroom. This fact pulled us to study and concluded: How prepared are pedagogy students to deal with students who have Tourette's Syndrome? As a goal of this research, we presented Tourette's syndrome and its difficulties within the school's pace, addressing its changes in behavior, ways of working in the classroom, and the points that lead to receiving the presence of symptoms related to the syndrome. To deliver a clear presentation about Tourette's Syndrome in the school space. This research has spoken about the concepts of the syndrome, correlating it to the troubles that the person can fight when he is in the

classroom, and how prepared teachers must be. In this research, some open and closed questions have been made to investigate the training of students in the pedagogy course of different higher education institutions present in the Metropolitan Region of Campinas, which indicated their preparation to work with students who have Tourette's Syndrome.

Keywords: Schoolinclusion. Learning and teaching. School methodology.

1. Introdução

A Síndrome de Tourette é considerada como uma doença neuropsiquiátrica, influenciada pela genética, podendo o portador desta patologia sofrer prejuízos constantes. A síndrome tem como centro a presença de tiques, sendo: "vocalizações ou movimentos involuntários, rápidos, não rítmicos, repetitivos e estereotipados" (Dias, Kummer, *et al.*, 2008), que após serem executados trazem sensação de alívio para o indivíduo.

Estudos mostram que a Síndrome de Tourette até pouco tempo, era considerada uma patologia rara, porém "estudos atuais demonstram que a taxa de prevalência pode variar de 1% a 2,9% em alguns grupos." (Teixeira, 2011). Com o aumento da identificação da síndrome de Tourette, vemos como uma necessidade pedagógica analisar a síndrome, possibilitando uma melhor formação aos alunos de pedagogia em seu trabalho dentro da sala de aula, onde o aprendizado deve ser obtido como dos demais alunos, como afirma Englens (2017), "[...] muitos professores desconheciam a Síndrome, além de não saberem trabalhar com alunos com a Síndrome de Tourette [...]".

Os alunos com Síndrome de Tourette têm direitos escolares bem como os demais alunos, independente do seu comportamento em sala de aula. O ensino deve ser ministrado de maneira que ele desenvolva sua aprendizagem como os demais, pois não há nenhuma condição neurológica que o impeça de aprender.

Segundo Terra e Rondina (2014, p. 181), "os educadores devem receber esclarecimentos sobre a ST para que evitem promover a estigmatização e facilitem a integração da criança". Portanto, é necessário que o pedagogo saiba integrar esse aluno com os demais da classe, compreendendo as necessidades deste, para que o envolvimento social seja de fato bem sucedido, formando os demais alunos a serem cidadãos capazes de compreender as peculiaridades dos diferentes, sem qualquer tipo de preconceito promovendo um melhor desenvolvimento no processo de ensino-aprendizagem deste educando.

É [imprescindível](#) que os professores busquem obter conhecimento sobre a doença para que possa identificar as capacidades e limitações desses alunos com Síndrome de Tourette e, assim, buscar sempre alternativas possíveis de tornar a aprendizagem efetiva e para que isso tenham sucesso é necessário que isso seja trabalhado desde a graduação dos professores.

2 Fundamentação Teórica

Síndrome de Tourette é uma patologia caracterizada como um distúrbio neuropsiquiátrico que apresenta tiques múltiplos motores ou vocais. Para Bleuler, "um tique é um movimento curto que se repete a intervalos irregulares". Ocorre de forma não-voluntária, mas pode ser transitoriamente interrompido. Os tiques podem ser acompanhados de grunhidos, latidos e da enunciação de palavras. Muitas vezes, os tiques são sintomas de uma doença cerebral, em outros casos, são provavelmente expressão de

uma tensão emocional que tem causas psíquicas. Dessa forma, os tiques motores e vocais vão se agravando com o tempo.

O primeiro registro com tiques de sintomas típicos da Síndrome de Tourette foi registrado em 1825 pelo médico francês Jean Marie Itard, que descreveu os sintomas da marquesa de Dampierre, uma aristocrata francesa que se notabilizou por proferir palavras obscenas publicamente, no meio de conversações. Em 1884, também francês, o médico e estudioso Georges Albert Édouard Brutus Gilles de La Tourette, no século XIX, descreveu em oito dos pacientes os sintomas da síndrome, que denominou na época doenças dos tiques compulsivos; em homenagem a ele, a doença foi batizada como doença de Tourette, não degenerativa, apesar de ser classificada como rara, vem apresentando crescente aumento maior do que o estimado.

A doença pode se manifestar em indivíduos com idade entre 2 a 15 anos, sendo mais comum aos sete anos. Em média, 20% das crianças podem ter tiques sem que isso seja um problema, mas quando esses tiques permanecem ou são muito graves, acabam interferindo na rotina da criança.

Dentre os tiques apresentados, os tiques motores incluem: piscar os olhos, torcer o nariz e a boca, contrair-se, tocar em objetos próximos, socar o próprio rosto; pode ocorrer também a realização de gestos obscenos (Copropraxia), a imitação de gestos, executado por outros (Ecopraxia). Os tiques vocais incluem: coçar a garganta, latir, fungar, emitir frases inteiras fora de contexto, podendo proferir palavras obscenas (Coprolalia) e repetição das frases de outras pessoas (Ecolalia), de forma involuntária.

Os sintomas mudam de frequência e intensidade, trazendo transtornos para o paciente e os demais ao seu redor. Geralmente, em sua fase inicial, a síndrome manifesta-se através dos tiques motores. Os movimentos espontâneos tendem a piorar com o estresse e a ansiedade.

É importante que os alunos que possuem Síndrome de Tourette frequentem a escola normalmente, visto que este é um direito de qualquer aluno, como prevê o artigo 53 da Lei Nº 8.069 de 13 de Julho de 1990, o Estatuto da Criança e do Adolescente: "A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho" (BRASIL).

O aluno que possui a síndrome tem, como qualquer outro aluno que possua outras síndromes, algumas dificuldades em sala de aula que podem comprometer sua aprendizagem. Observa-se que a maioria dos alunos possuem comprometimento mais degenerado com as capacidades de leitura, escrita, aprendizagem e em reter informações. Alguns outros transtornos do desenvolvimento, apresentados em uma pessoa com Síndrome de Tourette, podem também influenciar na aprendizagem:

A criança com Síndrome de Tourette pode ter dificuldades no processo de aprendizagem e na interação escolar. Quando apresenta comorbidades, como o Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) ou o Transtorno Obsessivo Compulsivo (TOC), os comportamentos provenientes dessas condições podem interferir e causar mais complicações nos relacionamentos com colegas e educadores, do que propriamente os tiques. (TERRA, 2014)

Com relação ao seu comportamento em sala de aula, percebe-se que isso depende de cada aluno, mas há algumas divergências que podem acometer a maioria dos alunos que possuem a síndrome, como:

Alunos com Síndrome de Tourette têm maior dificuldade de ficar sentado e ficar parado. Eles também são mais desatentos e impulsivos. Especificamente, eles tendem a ter dificuldade atendendo aos professores, são facilmente

distraídos, apresentam dificuldade de concentração, necessidade de supervisão extra e muitas vezes age antes de pensar. (SHAW *et. al.*, 2007).

Além disso, os estudantes podem ter dificuldades em concluir tarefas ou manter a concentração durante a sua realização, com demasiada frequência, chamam para serem atendidos em sala de aula, havendo dificuldades com relação a leitura em voz alta, sendo letras, números e palavras.

Os tiques motores podem interferir na leitura ou na escrita, pois o aluno tem dificuldade em concentrar-se durante os afazeres escolares e em alguns casos, os professores podem entender tal comportamento como indisciplina do aluno, o que geralmente acontece no início do ano letivo e devido ao desconhecimento da síndrome.

Um estudo feito na UNESP em 2011 apresentou como resultado, que há uma alta habilidade na aprendizagem e na retenção de conteúdos aprendidos, em que o aluno obtém notas altas. Porém a maior dificuldade encontrada pelos professores se dá com relação a grande agitação do aluno, prejudicando sua concentração e compreensão das tarefas apresentadas em todas as áreas do conhecimento.

A maneira de incluir na sala de aula um aluno com Síndrome de Tourette é utilizar meios táticos em conjunto com educadores e os demais profissionais envolvidos, além do apoio dos pais e familiares. O contato destes com o aluno sugere uma abordagem mais eficiente, justamente pela sua continuidade em casa. Com a possibilidade de obter melhores resultados, a intervenção dos familiares no tratamento, e seu contato amplo com o aluno desenvolve nos que estão de fora, uma maior compreensão da situação, o que gera também resultados positivos no desenvolvimento do educando.

O fato é que, sempre há certo bloqueio dos demais alunos em saber lidar com aqueles que possuem alguma necessidade especial e para isso, é importante e necessário que o professor seja um sujeito que tenda a promover possibilidades de trabalhar assuntos quanto à cidadania e empatia, permitindo, assim, reflexões e compreensão acerca da inclusão, criando esquemas para a integração dessas crianças.

Como se percebe, o papel e a sensibilidade do profissional em sala de aula é de fundamental importância, a fim de que a criança com Síndrome de Tourette não apenas se sinta como as demais, como também possa corresponder com o que é trabalhado em sala de aula. Isso, no seu tempo. (MATOS, 2015).

Dessa forma, a escola que inclui de modo eficiente esses alunos se torna um espaço de pleno progresso, pois essas crianças dispõem de maior interação e desenvolvimento, enquanto os demais colegas também terão mais chance de crescimento pessoal, ao qual viabilizará um entendimento sem discriminação, permitindo assim, um desenvolvimento completo no ensino-aprendizagem.

O educador, além do dever de deter intrigas, insultos, retraimento e humilhação destes alunos, deve também diminuir os sentimentos de fracassos provindos de alguma negatividade, pois tais emoções podem provocar ainda mais os tiques, traumatizando o aluno dentro do espaço escolar.

É imprescindível que os docentes tenham conhecimento sobre a Síndrome de Tourette para promover da melhor maneira a interação e a aceitação destes na sala de aula, eliminando todo e qualquer tipo de preconceito e bullying, por isso a formação desde o início de sua graduação em pedagogia, faz com que os trabalhos e o desenvolvimento do aluno possam ter mais sucesso.

O professor, quando sabe incluir esses alunos “diferentes”, também garante grande proveito, uma vez que se faz necessário que seus recursos pedagógicos sejam reformulados para tais alunos, desafiando portanto suas práticas e incentivando-se a

buscar novos meios de ensino-aprendizagem para melhor desempenhar seu papel, adequando o ensino a todos os [discentes](#). "E devido ao baixo nível de conhecimento a respeito dessa Síndrome, ocorre uma dificuldade de inclusão escolar com as crianças dela portadoras, já que os profissionais que estão nesse meio não sabem lidar com elas." (Dias *et al.* 2015).

Surge então, a importância de se estudar não apenas as síndromes mais conhecidas e estudadas pelos educadores durante sua formação (TEA, TDAH, TOD e outras), mas também as que vêm ganhando espaço no campo educacional e social, trazendo novos desafios a serem superados no nosso dia a dia.

Trabalhar com um aluno com Síndrome de Tourette tende a [viabilizar](#) instigações e estímulos surpreendentes pois, quanto mais se apropria do conhecimento da síndrome, mais apto estará a promover a evolução do aluno. Toda ação de inclusão surtirá efeitos positivos para todos, portanto é importante que o educador faça os desdobramentos essenciais para tal efetivação.

Diante desse cenário, sabemos que há um despreparo dos profissionais da educação desde sua graduação, na qual a pesquisa e prática são escassas quanto ao conhecimento desta Síndrome em sala de aula. Ao sair da universidade, o docente vai se deparar com situações na qual ele não teve um preparo quando era aluno de pedagogia. Mesmo recorrendo aos cursos de formação continuada, o educador deveria receber desde a sua formação inicial na graduação, um conhecimento prévio sobre a Síndrome de Tourette. Tais meios, seriam necessários para que o conhecimento do pedagogo seja desenvolvido com relação à Síndrome de Tourette e o seu trabalho seja efetivo. Com isso, temos que a formação deve iniciar-se na universidade, onde

o professor precisa ser ajudado a refletir sobre a sua prática, ou seja, precisa ser envolvido ativamente no processo de formação, para que compreenda suas crenças em relação ao processo e se torne um pesquisador de sua ação, buscando aprimorar o ensino oferecido em sala de aula. (SANT'ANA *apud* ENGLÉS, 2005).

A educação universitária precisa auxiliar no preparo de seus alunos, pois as teorias aprendidas servem como base para um trabalho prático, na qual o pedagogo precisa vivenciar dentro da universidade, estando ele em formação, visto que tal processo influenciará em sua conduta pedagógica:

a formação deficitária traz sérias consequências à efetivação do princípio inclusivo, pois este pressupõe custos e rearranjos posteriores que poderiam ser evitados. Vale destacar, porém, que a formação docente não pode restringir-se à participação em cursos eventuais, mas, sim, precisa abranger necessariamente programas de capacitação, supervisão e avaliação que sejam realizados de forma integrada e permanente. A formação implica um processo contínuo, o qual precisa ir além da presença de professores em cursos que visem mudar sua ação no processo de aprendizagem. (RODRIGUES *apud* ENGLÉS, 2005).

Sendo este um fato verídico nos cursos de graduação em pedagogia, os profissionais sofrem com o despreparo, que, mesmo protegido pela lei, continua acontecendo nos dias de hoje. Como afirma Nascimento *apud* Engles (2009),

embora a necessidade de preparação dos profissionais da educação esteja salientada legalmente, inclusive pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (9394/96), o que se evidencia nos cursos de formação docente é que muito se enfatiza conceitos teóricos desconectados da prática, o que impossibilita uma

capacitação adequada para o educador trabalhar com a diversidade em sala de aula.

O preparo para o trabalho pedagógico deve ser iniciado a partir da entrada do aluno de pedagogia à graduação, onde há documentos e normas que defendem o ensino voltado a diferentes vivências que o pedagogo irá percorrer. Durante a atuação do pedagogo na escola os alunos, a família e a comunidade estão certas de que o pedagogo está apto para o exercício prático de sua função, cabendo então aos cursos de graduação fornecerem os melhores conteúdos que capacitem o graduando ao seu trabalho pedagógico.

3 Metodologia

Na intenção de conhecer os níveis e conceitos da Síndrome de Tourette e as dificuldades que o indivíduo enfrenta no ambiente escolar, bem como o despreparo de alunos desde sua graduação, buscou-se através de uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório, feita a partir de questionário constituído por questões abertas e fechadas, analisar o preparo acadêmico de alunos de pedagogia para trabalhar em sala de aula com alunos que tenham a Síndrome de Tourette. A pesquisa exploratória

tem como objetivo a familiarização com problema, tendo em vista torná-lo explícito em construir hipóteses. Possui como característica o levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que possuem experiências relacionadas com problema pesquisado, análise de exemplos incitem a compreensão. Assume em geral as formas de Pesquisas Bibliográficas e Estudos de Caso. (Silva,2001 *apud* STAROSKY, 2009)

Este estudo foi realizado a partir de uma revisão bibliográfica relativo ao tema, levantando publicações impressas e digitais que nortearam o referencial teórico necessário para o seu desenvolvimento. Desta forma, foram selecionadas publicações tanto em bibliotecas quanto em sites acadêmicos e revistas digitais com realização de leitura, fichamento e posterior relatórios acerca da temática.

Para analisarmos o conhecimento acadêmico que os alunos de pedagogia obtêm sobre a Síndrome de Tourette, foi aplicado um questionário online a 48 alunos de diferentes instituições de ensino superior encontradas na Região Metropolitana de Campinas, por duas semanas, expondo suas compreensões, que foram abordadas durante sua formação na graduação.

Após aplicado o questionário, notamos que os alunos em grande parte, desconhecem o tema abordado e não sabem como podem trabalhar em sala de aula com alunos que tenham a Síndrome de Tourette.

Foram levantados os presentes questionamentos:

Você conhece ou já ouviu falar sobre a Síndrome de Tourette? Se sua resposta foi SIM na questão anterior, descreva brevemente o que sabe sobre a Síndrome de Tourette; Na sua graduação em pedagogia, em algum momento a Síndrome de Tourette foi um tema abordado para sua formação? De que forma você trabalharia, tendo em sua turma um aluno com a Síndrome de Tourette de acordo com o que aprendeu durante a graduação? O aluno com a síndrome tem dificuldade na escrita por conta dos tiques, para ele é muito difícil apresentar trabalhos escritos. Diante dessa situação de que modo você avaliaria esse aluno? Quais outros assuntos seriam interessantes que você tivesse estudado durante sua graduação para contribuir no seu papel como pedagogo? Você se sente preparado para trabalhar com alunos que tenham Síndrome de Tourette?

Num segundo momento, para obtermos resultados mais precisos sobre a influência dos conhecimentos abordados na graduação e a atuação dos profissionais com relação a eles, desenvolvemos um questionário online para um professor da Região Metropolitana de Campinas que teve contato com a Síndrome de Tourette.

Foi constatado, pelo professor interrogado, que a Síndrome não fez parte do seu currículo durante sua formação em pedagogia e que seu modo de trabalho se caracteriza por metodologias ensinadas para lidar com demais síndromes e transtornos.

Foram colocadas as seguintes perguntas:

Para você, a faculdade de pedagogia teve alguma importância no contato com portadores da Síndrome de Tourette? Como foi a sua primeira experiência com um portador da Síndrome? Você acredita que o ensino recebido na graduação é suficiente para atuar com portadores da síndrome de Tourette? De acordo com os conhecimentos da graduação, o que é a Síndrome de Tourette? A faculdade te auxiliou, mesmo que na parte teórica, a lidar com os tiques, dificuldades na escrita e da desatenção que os alunos com ST podem apresentar? De que forma você trabalharia com um aluno com Síndrome de Tourette em sala de aula?

4 Análise de dados

O estudo objetivou analisar as perturbações da Síndrome de Tourette, suas complicações no processo de ensino e aprendizagem e a relação da Síndrome quanto à formação de professores na graduação de Pedagogia. Os primeiros sinais desta síndrome aparecem geralmente na fase escolar, “assim, torna-se imprescindível que os professores tenham conhecimento sobre a ST para saber lidar com as diferentes situações no contexto escolar, promovendo orientações e situações de aprendizagem significativas” (Englens; Pinto, 2017, p. 181).

Mediante a pesquisa realizada, observamos que, com relação ao conhecimento dos pedagogos quanto à Síndrome de Tourette, 58,3% dos pesquisados ouviram falar a respeito, porém 41,7% não conhecem com profundidade o assunto. As definições apresentadas sobre o que é a Síndrome de Tourette foram superficiais, apresentando conceitos próprios da internet.

Sobre a graduação em Pedagogia, 52,1% alegam não ter recebido esse tema durante sua formação, enquanto 31,3% não se lembram e 16,7% afirmam ter estudado a síndrome na faculdade. Muito dos avaliados não sabem como trabalhar com esses alunos pois, afirmaram não ter recebido o conhecimento necessário durante a graduação. Algumas respostas que se destacaram quanto ao questionamento sobre como desenvolver esse aluno na sala de aula foram:

Como sabemos, nosso sistema escolar é muito falho e nós, professores, não somos preparados para tais situações. Quando observamos já desde o início é mais fácil, pois conseguimos adaptá-lo em um ambiente mais agradável e silencioso. Eu o colocaria perto de minha mesa e, se possível, perto de alunos que conseguem entender a sua condição e ser mais compreensível para ajudá-lo.

Não aprendi com a graduação, a vida tem várias formas de nos ensinar. Primeiramente, entendendo sua particularidade, com carinho e respeito, demonstrando interesse em juntos encontrar a melhor forma de trabalharmos, favorecer um ambiente confortável quando possível, ter ajuda com a compreensão dos amigos de sala e, principalmente, uma parceria com a família.

Alguns dos entrevistados, quando afirmaram saber como trabalhar com estes alunos, relataram que os meios sejam integradores de forma a não constranger o aluno, auxiliar quando necessário, adaptar o ambiente da sala de aula, trabalhar atividades nas quais o aluno se sinta confortável e contar com a ajuda dos pais.

A avaliação desses alunos quanto à escrita, segundo os entrevistados, seria de maneira oral, podendo-se utilizar alfabeto móvel e avaliá-lo diariamente pela sua participação em aula, mas sempre incentivar que o aluno desenvolva sua grafia.

Quanto a outros assuntos que os pesquisados gostariam de ter aprendido na graduação, destacam-se: primeiros socorros, Síndrome de Balangarre, Síndrome de Apert, Síndrome de Crouzon, Tecnologia na Educação, Inteligência Emocional, Multiculturalismo e até mesmo a própria Síndrome de Tourette.

Um percentual de 77% aponta que não se sente preparado para trabalhar com alunos que têm a Síndrome de Tourette, enquanto 23% afirmam que sim, porém alguns dizem que necessitam de uma formação inicial.

No segundo questionário aplicado ao professor que tem contato com um aluno que tem a Síndrome de Tourette, a primeira pergunta, que faz relação com a graduação, o profissional diz não ter estudado a síndrome na faculdade, mas que aprendeu a entender as particularidades de cada criança e que o educador deve agir de maneira correspondente a cada singularidade.

O professor não percebeu de imediato a evolução da síndrome no aluno, pois associou os tiques que apresentava nos ombros a deslocamento dos ossos, devido a atividade física extra-escolar que o aluno praticava. O aluno passou por ortopedista e foi descartada qualquer possibilidade de lesão. Depois dessa constatação, o aluno foi encaminhado ao neurologista e psicólogo, obtendo apoio para lidar com os tiques.

O ensino que este professor recebeu durante a graduação não foi suficiente para atuar com portadores da síndrome, porém o educador entende que pode ser auxiliado por meio de uma formação continuada.

Quando solicitamos que o educador descrevesse a síndrome, este respondeu de acordo com o esperado, porém apontou que tal conhecimento não foi adquirido durante sua formação em pedagogia.

A faculdade do profissional auxiliou-o para que lidasse com os tiques, dificuldades na escrita e desatenção do aluno, porém não foi voltada para alunos que tenham a síndrome e sim para as diversas síndromes e transtornos no modo geral. O professor acredita que é na prática que aprendemos a lidar com as necessidades de cada aluno.

Pedimos ao professor que descrevesse como trabalhou com seu aluno com Síndrome de Tourette. Seu posicionamento foi:

Primeiramente, esse aluno precisa se sentir acolhido, então é importante que os colegas de sala saibam o que acontece, que esse colega faz esses movimentos ou sons não porque ele quer, mas que são ações involuntárias, e seu corpo necessita fazê-las para que ele se sinta bem. Quando se tem a aceitação do grupo, a criança portadora se sente melhor e deixa de ser alvo até de um possível Bullying. Os colegas, sabendo o que acontece, vão entender o porquê de esse aluno às vezes precisar de uma atenção diferenciada, um lugar ou tempo específico para realizar as atividades ou sair da sala muitas vezes. Não é fácil, visto que em uma sala você poderá ter outras crianças com outras Síndromes, de modo que o professor sempre tem que ter um olhar atento para todas as crianças, pois, além de todas as síndromes, vamos ter alunos que passam fome, alunos carentes de amor e atenção, que esperam de nós, educadores, uma abordagem diferenciada também. Eu acredito que ser professor é uma das profissões mais lindas, pois ela nos dá a oportunidade de fazer a diferença na vida de alguém.

Portanto, compreendemos, com os questionários realizados, que a maioria dos educadores nunca ouviu falar sobre a Síndrome de Tourette, mostrando a deficiência dos cursos de graduação. E, quanto ao professor que teve contato com aluno portador da síndrome, este precisou de uma formação continuada, pois somente a graduação não foi necessária para seu trabalho pedagógico.

Isso nos leva a concluir, ao final desta pesquisa, que as instituições deveriam investir mais neste setor, tratando das diversas síndromes e transtornos, de forma teórica e prática, afim de realmente capacitar o futuro docente para as inclusões em sala de aula, de forma a atender as crianças em sua singularidade.

5 Considerações finais

Por meio deste estudo, compreendemos que a Síndrome de Tourette encontra-se em uma posição pouco explorada pelos profissionais de educação, desde o início de sua formação no curso de pedagogia, até sua atuação em sala de aula.

Durante seu trabalho pedagógico, considera-se importante, a partir das pesquisas levantadas, que o professor deve estar atento a particularidade de cada aluno. Existem casos de alunos com Síndrome de Tourette que possuem dificuldades em terminar, por exemplo, uma tarefa escrita. Portanto, o professor pode integrá-lo nessas atividades de forma diferente, como deixar com que a criança mostre seu dever oralmente.

Já em situação de aplicação de provas, é fundamental que seja dado o tempo necessário para sua realização; caso veja a necessidade de aplicá-la em outra sala, afim de impedir desatenção para os demais da turma, assim deve proceder. Para uma melhor efetividade do aprendizado, o professor pode explicar o conteúdo por etapas.

A função do professor, em meio a uma crise de um aluno com Síndrome de Tourette dentro da sala de aula, é manter a calma e ser tolerante, pois um comportamento contrário pode ocasionar um desequilíbrio emocional ainda maior no aluno, onde sua conduta em meio a uma excessiva crise, servirá de exemplo aos demais alunos, visto que, como afirma o autor, "a criança com a Síndrome de Tourette, que é chamado atenção devido a seus sintomas, torna-se muitas vezes hostil em relação à autoridade e fica receosa em relação à escola" (BRIT, 2012). Portanto, uma atitude correta em relação a este aluno é indispensável para que haja uma harmonização com todo o grupo.

É importante que o professor tenha em sua formação inicial, conteúdos ligados à Síndrome de Tourette. A partir da necessidade gerada em sua atuação, o pedagogo também pode investir em uma formação continuada e acrescentar em seu currículo práticas que o possibilite a realizar o processo de inclusão, atendendo seu aluno da melhor maneira durante seu processo de aprendizagem.

A partir do questionário aplicado, notou-se que os futuros pedagogos não estão preparados para lidar com alunos que tenham Síndrome de Tourette. O desconhecimento de conteúdos relacionados a outras síndromes também mostra que há uma grande defasagem no que se relaciona com educação especial. Mediante o segundo questionário, aplicado ao professor que tem experiência com a síndrome, percebe-se que a formação continuada e a prática diária são extremamente importantes para um efetivo trabalho docente, onde os conhecimentos da graduação também se mostra escasso.

Estes resultados apontam que há necessidade de aumentar a atenção dada aos cursos de licenciatura em pedagogia, levando em consideração que muitos alunos sofrem com o despreparo iniciado no curso de graduação e que muitos deles terão contato com alunos que possuem a Síndrome de Tourette.

O estímulo ao conhecimento, novas pesquisas sobre o assunto e a divulgação que merece ser dada a Síndrome de Tourette, precisam estar presentes nos espaços escolares

para que a prática pedagógica seja efetiva e os alunos recebam o preparo adequado para sua formação.

Referências bibliográficas

BRASIL, **Lei 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília. Presidência da República, 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm> Acesso em: 14 fev. 2020.

BRIT, G. N. O. **É possível que você nunca tenha ouvido falar em Síndrome de Tourette**. Niterói, RJ, 2012. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/7563052-Guia-para-professores-sobre-a-sindrome-de-tourette-senhor-professor-e-possivel-que-voce-nunca-tenha-ouvido-falar-em-sindrome-de-tourette.html>>. Acesso em: 20 mar. 2020.

BRUNA, M. H. V. **Doenças e sintomas: Síndrome de Tourette**. S/local, S/data. Disponível em: <<https://drauziovarella.uol.com.br/doencas-e-sintomas/sindrome-de-tourette/>> Acesso em: 13 mar.2020.

DIAS, F. M.V; KUMMER. A. et al. Neurobiologia da síndrome de tourette: a hipótese autoimune pós-estreptocócica. **Rev. psiquiatr. clín.** vol. 35 no 6 , s/p. São Paulo 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-60832008000600004>. Acesso em: 14 fev. 2020.

DIAS, J. A. et al. **Síndrome de Tourette e a possibilidade de inclusão escolar**. Humanas & Sociais Aplicadas, 5(14). Campos dos Goytacazes - RJ, 2015. Disponível em: <http://ojs3.perspectivasonline.com.br/index.php/humanas_sociais_e_aplicadas/artic le/view/869>. Acesso em: 23 jun. 2020.

ENGLES, P. C., PINTO, E. A. T. Síndrome de tourette: um olhar sobre a atuação e a formação de professores. **Mimesis**, Bauru, v. 38, n. 2, p. 167-188, 2017. Disponível em: <https://secure.unisagrado.edu.br/static/biblioteca/mimesis/mimesis_v38_n2_2017/mimesis_v38_n2_2017_art_03.pdf> Acesso em: 09 jun. 2020

LOUREIRO, N. I. V; et al. Tourette: por dentro da síndrome. **Rev. psiquiatr. clín.** vol.32 no.4 São Paulo July/Aug. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-60832005000400004>. Acesso em: 14 mar. 2020.

MATOS, A. **Alunos com Síndrome de Tourette na sala de aula: como lidar com a questão?** 2015. Disponível em: <<http://professoraadrianamatos.blogspot.com/2015/08/alunos-com-sindrome-de-tourette-na-sala.html>>. Acesso em: 20 mar. 2020.

PETTRIBÚ, K.; HOUNIE, A. Síndrome de Tourette - revisão bibliográfica e relato de casos. **Rev. Bras. Psiquiatr.** vol.21, n.1, São Paulo Jan./Mar. 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44461999000100011> Acesso em: 22 mar. 2020.

SANTOS, D. O. et al. Tourette:por dentro da síndrome.**Rev. psiquiatr. clín.** vol.32 no.4 São Paulo Jul./Ago. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-60832005000400004&lang=pt.> Acesso em: 23 jun. 2020.

SHAW, S. R., WOO, A. H., VALO, S. **Tourette's Syndrome: A Primer for School Leaders** (Síndrome de Tourette: uma cartilha para os líderes das escolas). Mai. 2007. Disponível em: <<https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:PLNKi5dgBUJ:https://www.nasponline.org/Documents/Resources%2520and%2520Publications/Handouts/Families%2520and%2520Educators/tourettesprimer.pdf+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>> Acesso em: 27 mar. 2020.

STAROSKY, A. F. **Panorama dos trabalhos de conclusão de curso de graduação em enfermagem da universidade do vale do Itajaí** - Biguaçu no período de 2003 a 2009-1. Biguaçu, 2009. Disponível em: <<http://siaibib01.univali.br/pdf/Ana%20Francisca%20Starosky.pdf>>

TERRA, A. P.; RONDINA, R. C. A interação escolar de uma criança com síndrome de Tourette, de acordo com as percepções de pais e professores: um estudo de caso exoratório.**Rev Ter Ocup Univ São Paulo.** 2014 maio/ago.;25(2):177-84. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rto/article/view/55341/88137>>. Acesso em: 24 mar. 2020.

TEIXEIRA, L. L. C. et al. Síndrome de La Tourette: revisão de literatura.**Arquivos Int. Otorrinolaringol.** (Impr.) vol.15 no.4 São Paulo Oct./Dec. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-48722011000400014>. Acesso em: 30 mar. 2020

TORRES, D. **Kit de orientação sobre Tourette e suas dificuldades voltado para professores.** 2011. Disponível em: <<http://vidacomtourette.blogspot.com/2011/10/kit-de-orientacao-sobre-tourette-e-suas.html>>. Acesso em: 20 mar. 2020.

**EXPECTATIVAS E ANGÚSTIAS ACERCA DA CARREIRA DO PEDAGOGO:
UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE ALUNOS INGRESSANTES E
FORMANDOS DO CURSO.**

Andreza Kelly da Silva Ouro¹
Julia Allicia Forti²
Matheus Barriquelo Silva³
Ângela Harumi Tamaru⁴

RESUMO

Esta pesquisa objetivou realizar um estudo, a fim de constatar as expectativas e angústias acerca da carreira do pedagogo, comparando-as entre as turmas de ingressantes e formandos do curso de pedagogia. A carreira do pedagogo, principalmente no âmbito escolar, traz inúmeros desafios que podem interferir na decisão de permanência no curso ou carreira. Pode-se perceber uma mudança de perspectivas, idealizações e expectativas, em face dos desafios que se encontram nas experiências e vivências no campo de estágio, ou até mesmo ao longo da carreira. É necessário que esses futuros profissionais compreendam as exigências da área e os desafios que os cercam, a fim de enfrentá-los da melhor maneira e ingressar na carreira com as bases teórico-práticas fundamentadas. A instituição que forma esses futuros pedagogos se faz de extrema importância, visto que vai apresentar toda a teoria e prática. No aspecto teórico, a pesquisa fundamentou-se em Libâneo (2001) e também em livros e artigos que enriqueceram esta pesquisa qualitativa, que se estruturou de modo correlacional, onde se descobrem associações entre variáveis, por meio de fontes bibliográficas, experiências pessoais e reflexão. O resultado mostrou-nos variações de resultados entre os grupos distintos e em relação à atuação da área e o curso.

Palavras-chave: Pedagogia; Teórico-prático; Experiência de campo.

ABSTRACT

The purpose of the current research was to describe the expectations and torments related to an Educator's career, comparing those feelings between the respective freshmen and soon to be graduate students. Because of the countless challenges an Educator has to face, it's very easy to think of giving up. It's clear to see the changes on their perspective throughout their life experiences and career. It's necessary that future Educators are aware of the many challenges they are about to face during their job and unafraid of confronting them using the previous fundamental rules. The Learning Institution of Educators is extremely important, because that is where the theoretical and experimental techniques are presented. This research was theoretically inspired by "Libâneo" (2001), old books, personal experiences and reflection, making possible the rich content present here. The results were different, according to the distinct groups and occupation fields.

Key-words: Pedagogy; Theoretical-practical; Field experience.

1 Introdução

A busca por uma carreira profissional não é uma tarefa fácil, que envolve escolhas e múltiplas determinações consequentes da realidade.

O processo de escolhas torna-se muito importante nesta trajetória, a começar pelo consciente momento de ingressar em um curso de nível superior, no caso, a pedagogia, que formará pedagogos que atuarão no processo educativo da sociedade. Outra parte de grande relevância é a escolha da instituição de ensino, onde os estudantes devem estabelecer critérios a serem observados nessas universidades, a fim de haver compatibilidade entre as condições reais presentes e as expectativas do aluno.

Após ingresso no curso, todo o material teórico irá contribuir na construção do conhecimento, trazendo autores, pensadores e educadores que, por meio de suas ideias e pensamentos, colaboraram na área educacional. Os estágios e experiências de campo ofertadas pelo curso, são fundamentais no momento de decisão, pois estas atividades que possibilitam enfrentar, conhecer e interagir com a realidade educacional, norteando as escolhas e esclarecendo dúvidas, assim o estudante já pode, de certo modo, conferir suas expectativas, encarar as frustrações e conhecer as diversas situações que cercam a carreira de um pedagogo. Segundo afirma Saviani, citado por Silva (2010),

A identidade do pedagogo está intimamente relacionada com sua formação profissional: de um curso assim estruturado, espera-se que irá formar pedagogos com uma aguda consciência da realidade onde vão atuar, com uma adequada fundamentação teórica que lhes permitirá uma ação coerente e com uma satisfatória instrumentação técnica que lhes possibilitará uma ação eficaz. (SAVIANI, 2007, apud SILVA, 2010, p. 557).

Nesse sentido, durante o curso, fazem-se diversas oportunidades para refletir sobre a profissão do pedagogo, que envolve grande respeito, seriedade e comprometimento com a educação, e refletir também sobre suas decisões pessoais, sendo assim, necessário e relevante o tema de pesquisa que visa levantar e realizar comparações de angústias e expectativas entre os ingressantes do curso e os alunos formandos. Em seguida, apresenta-se a metodologia que, por meio de entrevista aplicada aos alunos ingressantes e formandos, revelam os dados desta investigação de campo que foram analisados e explícitos nos resultados, e concluídos nas considerações finais.

2 Revisão Bibliográfica

Ao considerarmos a Educação como ponto central para a formação e crescimento de um país e seu povo, um curso que ofereça formação para estes profissionais que mediarão o processo educacional é de extrema importância e, por isto, necessita oferecer ensino de qualidade, ter objetivos claros e significativos, estabelecendo conexão entre teoria e prática.

No Brasil, existem muitas instituições de ensino que oferecem o curso de Pedagogia, o que possibilita às pessoas maior acesso ao curso de formação de pedagogos. Por ser um curso popular entre as universidades, é importante realizar uma pesquisa acerca das instituições que o ofertam, no intuito de analisar as propostas de ensino, pois há também, incorporado nesta grande oferta, o risco de ingressar em um curso que não preze pela qualidade do ensino, nem estabeleça objetivos que condizem com a realidade atual da profissão, tampouco com as exigências da carreira. Nesse sentido, encontramos um ponto negativo nesta questão, pois o curso pode vir a sofrer com certa banalização e desvalorização.

Além da importância desta pesquisa prévia das instituições, é fundamental realizar um acompanhamento crítico durante o andamento do curso, observando se as

propostas atendem suas necessidades pessoais e profissionais, e se o ensino é de forma clara e significativa. Para um bom desenvolvimento, o curso de Pedagogia deve conter uma base teórica que se conecte com a prática, pois ambas, juntas, contribuem eficientemente na construção da aprendizagem dos estudantes, assim como postula Boas (2018), ao afirmar:

(..) a teoria tem importância fundamental, pois ao nos apropriarmos de fundamentação teórica nos beneficiamos de variados pontos de vista para uma tomada de decisão dentro de uma ação contextualizada, adquirindo perspectivas de julgamento para compreender os diversos contextos do cotidiano. A interação entre saberes gera o desenvolvimento de uma prática pedagógica autônoma e emancipatória, que não se constitui apenas de teoria, embora ela tenha sua importância, mas vai se formando na relação teoria e prática, pois é a partir da ação e da reflexão que o professor se constrói enquanto indivíduo em pleno estado de mudança. (BOAS, 2018, p. 4).

Para compreender as diferentes concepções acerca do ensino e aprendizagem, não basta apenas ler as ideias e pensamentos de diversos teóricos, pensadores e intelectuais da área da educação, mas sim buscar compreender o modelo educacional vigente, que traz aspectos políticos, sociais e culturais, muitas vezes carregados de desigualdades, que influenciam diretamente na forma com que as práticas educacionais se dão. Entender esses aspectos como parte do processo educativo permite com que os pedagogos, independentemente de seu campo de atuação, adotem uma postura reflexiva que busca a formação de seus educandos e planeja ações transformadoras.

Quando falamos sobre o curso de Pedagogia, a primeira ideia que vem de todos é: professor. Claro que muitos daqueles que fazem esse curso seguem a carreira docente e tem essa ideia como objetivo; mas um pedagogo pode atuar em diversas áreas além da escola, como em hospitais, empresas, publicidade infantil, entre outros. A Pedagogia não está voltada unicamente para a área escolar, ela é uma ciência para a prática educativa, assim, Severo (2018) diz:

Torna-se especialmente necessário ressaltar que o termo educação não corresponde à escolarização nem à instrução. Designa um processo global de formação humana através da inserção dos sujeitos na cultura a partir de mediações exercidas por agentes e dispositivos em contextos variados. A Pedagogia tem como objeto a educação como formação humana e não somente à formação escolar ou instrução formal, estando estas inseridas no contexto daquela. (SEVERO, 2018, s.p).

Podemos pensar na Pedagogia como uma ciência que aborda questões educacionais, mas não unicamente escolares, mesmo que seja uma forte vertente atribuída ao curso. Apesar de ser a carreira mais procurada, dentre as opções que o curso oferece, a docência vem cada vez mais perdendo seu prestígio na sociedade em geral, seja pelos próprios alunos ou pela comunidade escolar, de modo que se tem perdido o respeito pelo profissional e a admiração pela importância de sua atuação.

Libâneo (2001) traz sua ideia de Pedagogia como um campo de conhecimento que estuda a educação, sendo ela parte da atividade do ser humano. Sendo assim, a Pedagogia não faz parte apenas do ambiente escolar, visto que a educação ocorre em vários lugares da sociedade. O autor ainda conclui o seguinte:

O curso de Pedagogia destina-se a formar o pedagogo-especialista, isto é, um profissional qualificado para atuar em vários campos educativos, para atender demandas socioeducativas (de tipo formal, não-formal e informal) decorrentes de novas realidades, tais como novas tecnologias, novos atores sociais,

ampliação do lazer, mudanças nos ritmos de vida, sofisticação dos meios de comunicação. (LIBÂNEO, 2001, p. 12).

O pedagogo, dessa forma, deverá ser formado para atuar em qualquer campo que tenha caráter educativo, devendo sempre acompanhar as novas tecnologias e avanços da sociedade. Porém, o tipo de formação que se pode encontrar nesse curso tem seu foco principal na área escolar, não fornecendo perspectivas, teorias e práticas necessárias para a atuação em outras áreas que também precisam deste profissional. Muitas vezes, os estudantes do curso de pedagogia não possuem conhecimento da diversidade e das oportunidades que existem para atuar como um pedagogo.

Quando pensamos na sala de aula, devemos considerá-la como um espaço que recebe influências no meio à qual está inserida, sendo regida por aspectos políticos, econômicos culturais e sociais de sua comunidade, que refletem no funcionamento de toda a escola. É importante considerarmos, também, toda a desigualdade presente nas diferentes salas de aulas por todo o país, onde encontramos diversas situações, desde escolas que são repletas de materiais, recursos e tecnologias, até as que não têm infraestrutura, nem recursos que atendem necessidades básicas de seus alunos, e também diversas realidades que abrangem violência, fome, problemas familiares, pobreza, fracasso escolar, etc.

A sala de aula é feita de pessoas diferentes umas das outras, por crianças que estão formando suas ideias, pensamentos e personalidade e, diante deste cenário, é provável que ocorram conflitos que acabam interferindo no ritmo da aula, gerando desconforto, raiva, dor, choro, tristeza, mas também maturidade, diálogo, responsabilidade e capacidade de saber se relacionar com o outro e, são nestes momentos, que o professor deve atuar, buscando mediar e estabelecer conexões entre os alunos, pois o conflito faz parte das relações humanas e nos ajuda a crescer e a resolver problemas, como afirma Silva, que compreende:

O conflito como fenômeno social, inerente à convivência humana e sempre estará presente na escola e nas relações em geral e que nem sempre poderão ser resolvidos. A partir desta concepção, todas as partes envolvidas no conflito, o professor e o aluno ou grupos de alunos, são convidados a refletirem juntos sobre solução adequada. Se o professor transfere o problema, ele tira a oportunidade dele e das crianças ou adolescentes a pensarem, juntos, sobre seus próprios conflitos e aprender com eles. (SILVA, 2016, p. 5).

Nesse sentido, vemos que o espaço da sala de aula é dependente de vários fatores que estão ligados à comunidade escolar que a cerca, abrangendo gestores, funcionários, professores, pais e alunos. O andamento do processo de ensino e aprendizagem depende das relações interpessoais, da administração da escola, da liderança do diretor, do trabalho do coordenador, do empenho dos professores e do comprometimento com a educação por parte dos pais e dos próprios alunos, pois, se uma das partes não funcionarem, isso reflete diretamente na sala de aula.

Diante disso, o professor está sujeito a passar por muitas dificuldades e problemas, como a falta de materiais e recursos, desrespeito, desvalorização, falta de apoio dos responsáveis dos alunos, falta de ajuda no processo de inclusão e tantos outros. Porém, os professores devem procurar meios de superar os obstáculos para conseguirem cumprir seu papel, por isto a importância do apoio de outras instâncias ao professor, que também precisam receber estímulos e serem motivados a continuarem a lutar pela educação, assim como o apoio e a valorização da comunidade escolar é fundamental para que isto se concretize.

Outro ponto a ser observado, nessa questão, são as expectativas que o professor leva para a sala de aula, quando começa a carreira, em que se cria uma utopia de realidade, uma visão perigosa, pois pode causar frustrações e até abandono da carreira. Por isso, é importante que o profissional conheça a realidade das salas de aula das escolas brasileiras, tendo consciência de que não é uma tarefa fácil, que se passa por muitas dificuldades e problemas, e também que a carreira docente não é muito apreciada socialmente. Assim, reconhecendo tais problemas, o profissional visualiza melhor seu ambiente de trabalho e consegue traçar as ações adequadas para as necessidades de sua turma, encarando a sala de aula não somente como um espaço trabalhoso e cheio de problemas, mas como um espaço de aprendizagem, onde se é possível estabelecer relações, criar vínculos, obter conhecimento, descobrir mais sobre as coisas do mundo e um local de confiança, amizade e respeito. Nesse sentido, Cerqueira (2006) considera que a sala de aula é um espaço para se trocar de ideias e experiências, romper com o velho para buscar o novo, superar desafios e compartilhar saberes do cotidiano que contribuirão para novos saberes.

Atualmente, a formação dos pedagogos tem sido criticada em aspectos acadêmicos por sua grande variedade de métodos de ensino. Considerando que as principais linhas de informação estão totalmente acessíveis aos discentes por conta das inovações em que a mídia oferece a eles, o novo profissional na área de educação precisaria implicar formas de atuação que se utilizaria desses novos acessos, em uma relação mais reflexiva do excesso de informações que é recebido diariamente durante seu cotidiano.

Nesse sentido, podemos refletir sobre os aspectos de formação do pedagogo para a atualidade, como Freire (1996, p. 14) deixa bem claro em seus argumentos sobre as práticas educativas que visam ao favorecimento da autonomia do educando, fazendo com que as práticas de formação exijam formas coerentes de acordo com a realidade a ser trabalhada em seu cargo docente. Segundo ele, a prática docente brasileira exige:

Rigorosidade metódica, pesquisa, respeito aos saberes dos educandos, criticidade, ética e estética, corporificar as palavras pelo exemplo, assumir riscos, aceitar o novo, rejeitar qualquer forma de discriminação, reflexão crítica sobre a prática, reconhecimento e assunção da identidade cultural, ter consciência do inacabamento, reconhecer-se como um ser condicionado, respeitar a autonomia do ser educando, bom senso, humildade, tolerância, convicção de que mudar é possível, curiosidade, competência profissional (FREIRE, 1996).

Podemos compreender mais facilmente a visão de Paulo Freire ao observar os comportamentos atuais dos alunos a respeito do acesso à informação e à diversidade cultural vigente em cada sala de aula. A boa formação do profissional docente resultará em um processo mais facilmente acessível diante dos diferentes desafios que surgirão diante da sua carreira.

É visível que nenhuma turma será igual a outra, então, para Freire (1996, p. 24), o que importa na formação docente não é a repetição mecânica que resultará em um processo de aprendizagem, mas trabalhar a compreensão do valor dos sentimentos, emoções, desejos e inseguranças a serem apresentadas pelo educando, superando-as e, ao ser efetivamente educado, gerará coragem para atuar em sala de aula.

Nesse sentido, a importância de uma formação adequada de educadores é essencial para que exista a valorização do educando como um indivíduo que já tem bagagens emocionais apresentadas e que, o pedagogo, ao entrar na sala de aula, deve saber interpretá-las de forma que consiga se adequar ao processo de aprendizagem em que irá atuar durante o ano letivo.

O que seria, então, ser um bom pedagogo ou docente? Cada profissional encontra sua melhor forma de trabalhar, mas a questão central é: adaptação. O pedagogo, em sua área específica de atuação, ou em sala de aula, tem que estar preparado para se adaptar a todas as situações cotidianas. Trabalhar com o processo educativo e o ensino-aprendizagem de outras pessoas é algo complexo, pois exige o reconhecimento do seu ambiente de trabalho, a comunidade em que está inserida sua instituição ou empresa, conhecer os alunos com quem vai trabalhar durante o ano, avaliar o que já sabem e fazer um planejamento com base nisso, ou seja, estar preparado para resolver as dificuldades e problemas.

Não existe uma fórmula única para atuar como um pedagogo ou para lecionar, mas o foco principal deve ser: acolher, respeitar e desenvolver nos alunos suas capacidades cognitivas e uma formação integral, formando-os para ser um cidadão crítico e participativo socialmente. As práticas, metodologias e didática em sala de aula são de adaptação e preferência do profissional, cada um possui sua forma de trabalhar e pode modifica-la ao longo do tempo para um bom rendimento. Tendo em vista esses aspectos essenciais na prática da profissão, Libâneo (2001) reforça:

Educação de qualidade é aquela em que a escola promove para todos o domínio de conhecimentos e o desenvolvimento de capacidades cognitivas e afetivas necessários ao atendimento de necessidades individuais e sociais dos alunos, à inserção no mundo do trabalho, à constituição da cidadania (inclusive como poder de participação), tendo em vista a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. (LIBÂNEO, 2001, p. 19.)

Sabe-se que a escola é um meio de dominação de interesses políticos, e o foco de uma formação mais técnica prevalece, mas, além de formar para o trabalho, é necessário formar para a cidadania, para a sociedade. Para que esse pedagogo atue de maneira a transformar a vida de seus alunos e contribuir na sua construção do conhecimento, é preciso ter base teórico-prática. Segundo a Lei de Diretrizes e Bases 9.394 (1996), na formação do docente, deve haver a relação entre teoria e prática, com o aproveitamento de suas experiências e formação, assim como também se define no Art.62:

A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio na modalidade Normal. (LDBN 9.394, 1996, p. 20).

É necessário que o profissional tenha uma boa formação e que a licenciatura lhe proporcione as bases necessárias para ingressar nessa carreira e atuar de maneira consciente do seu papel. Além de tudo, as experiências de campo são essenciais para vivenciar a realidade em uma sala de aula, por exemplo. Muito se fala na parte teórica da profissão, mas colocar a teoria em prática, em meio a tantos desafios, é algo totalmente diferente; enquanto professor encontramos casos como a inclusão, desafeto com pais e comunidade, rebeldia dos alunos, violência, e entre outros. Não são situações fáceis de lidar, mas requer planejamento e uma boa atuação, bem como a adaptação a essas situações, para que a finalidade seja proporcionar um aprendizado significativo aos educandos. Por esses motivos, as vivências e estudos teóricos para a atualização profissional são necessárias.

3 Metodologia

Esta pesquisa foi realizada a partir de uma revisão bibliográfica, tendo como tema “Expectativas e Angústias Acerca da Carreira do Pedagogo: Um Estudo Comparativo Entre Alunos Ingressantes e Formandos do Curso”, buscando desenvolver análises e relações de publicações impressas e digitais que nortearam o referencial teórico. Esta se caracteriza como uma Pesquisa Qualitativa, por ser o estudo de um fenômeno no seu acontecer natural, sendo também Correlacional, em que se descobrem associações entre variáveis por meio de fontes bibliográficas, experiências pessoais e reflexão.

Como modo de pesquisa e constatação de nossas hipóteses, foi realizado um questionário com alunos ingressantes e formandos de uma instituição de ensino superior localizada na cidade de Nova Odessa-SP. As questões foram formuladas e divididas de forma específica para os dois grupos, e realizada com cada aluno individualmente. Nessas questões, conseguimos agrupar opiniões e informações de cunho pessoal sobre conhecimentos pedagógicos, experiências individuais na área, a instituição de ensino que se encontram, bem como sua teoria e prática, e outros questionamentos acerca do assunto pedagógico. As informações são relacionadas e organizadas por suas semelhanças entre os grupos, além da divergência entre eles.

4 Resultados

Com as respostas do questionário de ambos os grupos do curso de pedagogia, pudemos analisar e agrupar semelhanças nas informações, assim como particularidades e individualidades de cada participante. As perspectivas de quem ingressa no curso, para aqueles que estão se formando, são diferentes; tudo o que é vivenciado em estágios ao longo do curso, e a formação teórica e prática, mudam a visão do aluno para com o curso e a carreira profissional. Devido a isso, suas expectativas e angústias acerca da profissão vão apresentar diferenças entre os dois grupos, assim como semelhanças dentro do mesmo grupo.

Na primeira questão para o grupo dos formandos, que questionava quais eram as motivações para estudar pedagogia, obtivemos respostas variadas, mas com pontos em comum, em que a motivação mais pertinente foi a de se formar como um profissional que realiza mudanças na vida dos alunos, formando-os como cidadão críticos. Outras motivações foram: gosto por conviver com crianças, influência familiar, desejo de ingressar em um concurso público e até mesmo a continuidade do curso de Magistério anteriormente concluído por uma das alunas.

Na segunda questão, foi abordado sobre a opinião de outras pessoas em relação a escolha da aluna para com o curso. Familiares e amigos, geralmente, têm opiniões sobre nossas escolhas, ainda mais as profissionais. Uma das mais comuns, e que também foram relatadas nesse questionário pela maioria das alunas formandas, em relação a escolha da profissão, é o questionamento da “certeza” de querer ingressar nesse curso, devido ao futuro desse profissional, que é visto como não valorizado e mal remunerado. Não podemos discordar dessas afirmações, pois o pedagogo (mais especificamente os docentes) não são valorizados atualmente em sua importância na sociedade, como um profissional que forma outros profissionais e também pessoas para atuarem como cidadãos transformadores.

Com a terceira questão, quisemos trazer o questionamento a respeito das expectativas dos formandos para com a carreira profissional, tendo base suas experiências ao longo do curso. As expectativas das alunas formandas, é a de realizar um bom trabalho baseado em sua formação, mas também reconhecendo as dificuldades que irão enfrentar, como a desvalorização da profissão, a difícil jornada de trabalho, a busca por respeito na

área e também a necessidade de uma formação contínua para melhor prepara-las ao longo da carreira, bem como as próprias experiências em sala de aula, que aprimorarão suas práticas e são necessárias, já que tais dificuldades não são explicitamente abordadas ao longo do curso.

Na quarta questão foi possível analisar, com base nos conhecimentos de cada uma, o que elas consideravam ser um pedagogo, e em quais áreas ele pode atuar. As alunas formandas apresentaram uma ideia crítica e reflexiva sobre o trabalho do pedagogo, apontando esse profissional como um dos que devem ser “agentes de transformação” na sociedade, que luta por seus direitos e valorização, gostar de trabalhar com crianças e a sua educação, é um profissional mediador que formam alunos críticos e reflexivos para atuarem na sociedade. Todas as formandas mostraram que têm o conhecimento da diversidade de atuação do pedagogo, como na área hospitalar, social, empresarial, entre outros; dessa forma, podemos constatar que a ideia de vinculação do curso com a atuação em sala de aula foi ampliada para novas visões sobre a carreira.

A quinta questão trouxe respostas que abordam a perspectiva da experiência de cada um, buscando os pontos positivos e negativos do curso. A maioria das respostas contemplam, como pontos positivos do curso, os bons professores que passaram pelo curso e que contribuíram com muito conhecimento, com uma visão mais crítica, por meio da leitura de livros e artigos, bem como diálogos. Em relação aos pontos negativos, as respostas abrangem disciplinas parecidas, extensão de um mesmo conteúdo, falta de prática no curso e falta de organização por parte da Instituição em ajudar nos problemas dos alunos e na disseminação de informações corretas.

Na sexta questão foi perguntado sobre as idealizações de cada aluna para atuar na área educacional, com base nos estágios já realizados. As idealizações dos alunos formandos são acerca de conseguir realizar seu trabalho da melhor maneira possível, possibilitando que o aluno tenha uma boa formação e aprenda. Os alunos também demonstraram preocupação em não se deixar desanimar pelas adversidades da carreira e apenas uma aluna respondeu que espera se efetivar no cargo de professora.

Com a sétima questão, buscamos compreender a visão de cada aluna a carreira docente, baseada na realidade educacional que vivemos. As respostas desta questão foram unânimes em uma visão da desvalorização social da carreira, apontando ainda que o governo atual não valoriza também a classe. As respostas contemplam também os problemas a serem enfrentados em sala de aula, como a superlotação das salas, alunos carentes, emocional e fisicamente e salários baixos.

Na oitava questão pudemos indagar sobre a conclusão que as formandas tinham acerca da teoria e prática da instituição, assim como a contribuição em sua formação. A parte teórica recebeu diversas respostas, acerca de críticas por estar desconexa com a realidade escolar brasileira, porém, também recebeu elogios por estar alinhado ao que pede o curso. Já a parte prática oferecida pela instituição, por unanimidade, recebeu críticas por ter sido quase inexistente, deixando a desejar por ser uma parte tão importante do curso. Com isso, os alunos concluíram que o curso ofereceu mais conhecimentos teóricos, mas não contribuiu muito com as práticas.

Na nona questão, buscamos compreender se o formando se sentia preparado para atuar em sala de aula ou em outras áreas da pedagogia. Dentre as respostas citadas, os formandos, de modo geral, dizem não estar preparados para atuar em sala de aula por não ter a devida preparação no curso de pedagogia, com exceção de uma aluna que citou estar preparada devido às experiências no ensino do magistério e por motivos rotineiros dentro da sala de aula.

Foi questionado, na décima questão, quais seriam as vantagens e desafios que um pedagogo pode enfrentar, desde o momento em que ingressa no curso na opinião de cada um. Os formandos relataram em suas respostas a desvalorização e difícil aceitação da sociedade ao ingressar na carreira pedagógica em relação aos benefícios em que a profissão traz para a população, em contrapartida, foi relatada a facilidade de encontrar estágios remunerados na área e que as experiências vividas trazem uma recompensa muito grande ao pedagogo.

Na décima primeira questão, solicitamos que os formandos escrevessem algumas considerações para os ingressantes, com base em suas experiências, levando em conta suas expectativas e frustrações. Ao responderem essa questão, elas foram muito concisas ao relatar sobre o conteúdo teórico do curso de pedagogia não trazer a experiência que o estágio traz, com isso, afirmam que sua prática é necessária para que o ingressante possa realmente entender qual é a realidade educacional presente e avaliar se existem interesses em continuar após isso.

Na décima segunda questão, deixamos um espaço para que cada participante do questionário pudesse comentar algo além do que foi perguntado e que fizesse parte do assunto do curso e carreira de pedagogo. Considerando ser esta uma resposta adicional, os formandos tiveram a oportunidade de relatar qualquer experiência ou informação que desejarem, sendo assim, relataram histórias envolventes do curso de pedagogia (como em sala de aula ou o fato de ter retornado ao curso), como também trouxeram algumas críticas sobre o curso precisar trazer mais os problemas cotidianos para a sala de aula ao invés de todas as aulas serem focadas em teóricos do curso.

Já com relação ao questionário das alunas ingressantes, iniciamos com a questão que perguntava quais eram as motivações de ingressarem no curso. Dentre as respostas, as alunas trouxeram suas experiências individuais, como já gostar de crianças e lidar com elas, seja na própria área em que trabalham ou na igreja onde frequentam, assim como também transformar a visão de mundo dos alunos e desenvolver seu pensamento crítico. Podemos perceber que algumas ingressantes associam a pedagogia apenas com o “gostar de crianças”, mas outras também pensam em uma vertente mais crítica e reflexiva.

Na segunda questão, buscamos saber qual foi a opinião das pessoas à volta delas, quanto à escolha do curso. A maior parte das alunas ingressantes disse que obteve apoio quanto a essa escolha, porém uma aluna citou a rejeição por parte da família para com essa decisão de dar aula, ou seja, ainda assim há pessoas que veem o curso como uma área desvalorizada ou sem importância para atuar, bem como existe a visão mais limitada quanto à atuação do pedagogo.

Com a terceira questão, buscamos questionar as perspectivas das ingressantes para com o curso de pedagogia. A maioria das alunas responderam que suas expectativas para com o curso são boas e esperam que seja uma experiência boa, que as capacite para atuar na área. Por outro lado, uma das alunas trouxe críticas para a eficiência do curso, mesmo que esteja apenas no início dele, de modo que questionou a parte teórica e a necessidade de o curso trazer assuntos mais importantes e necessários para sua formação.

Na quarta questão, perguntamos o que cada uma considerava ser um pedagogo, com base em suas perspectivas e conhecimentos. Dentre as respostas obtidas, elas ressaltaram que é um profissional que busca métodos e estratégias necessárias para atuar; é um educador que gosta do que faz e tem amor pela profissão, assim como também responderam ser aquele que dá suporte ao quesito ensino-aprendizagem, seja dentro ou fora da escola, ou seja, há um conhecimento mais amplo por uma parte das alunas para com a atuação do pedagogo e sua real importância, assim como também há uma limitação quanto às possibilidades da profissão.

Na quinta questão, perguntamos se as alunas conheciam as áreas em que um pedagogo poderia atuar. Todas as alunas responderam sobre diversas áreas de atuação, não todas elas, mas foram além do espaço escolar. Citaram o âmbito empresarial, hospitalar, social, psicopedagógico e a gestão escolar. Foi importante reconhecer que a maior parte das alunas ingressantes possui consciência das possibilidades de atuação de um pedagogo e tem um conhecimento prévio sobre a profissão.

A sexta pergunta aos ingressantes refere-se às expectativas de sua preparação durante os próximos anos para se tornar um pedagogo e obtivemos, em todas as respostas, a preocupação em adquirir os conhecimentos e aprender os conteúdos dados durante o curso. Os estudantes demonstraram, também, interesse em conseguir um estágio na área.

A sétima pergunta correspondeu às expectativas de atuar na carreira docente, caso seja esta a escolha do estudante e, na maioria das respostas, responderam que querem oferecer o melhor a seus alunos, atendendo suas necessidades. Somente uma ingressante respondeu que espera trabalhar com alfabetização e educação especial.

Na oitava pergunta, questionamos o ingressante sobre sua visão da carreira docente diante de nossa realidade educacional e obtivemos uma gama de respostas, como um cenário educacional difícil, salários baixos, desvalorização do professor, os desafios da sala de aula e a educação sempre colocada em segundo plano. Uma das ingressantes respondeu que, apesar de tudo, devemos lutar por condições melhores e acreditar num futuro próspero.

A nona questão tratava sobre os desafios que o pedagogo enfrenta ao ingressar a carreira profissional e as respostas foram que os desafios abrangem as cobranças dos pais e familiares dos alunos, os salários baixos, a falta de reconhecimento do trabalho, a falta de recursos nas escolas e a dificuldade de se fazer a diferença na prática.

Na décima questão, buscamos analisar o que cada aluna considerava essencial para a preparação do pedagogo. Algumas citaram a importância de uma boa formação e curso para preparar esse futuro pedagogo, além disso, foram citados: o amor pela profissão, gostar do que faz, experiências práticas durante o curso e um conhecimento sobre a realidade educacional atual. Pôde-se perceber que muitas avaliam que é necessário gostar da profissão, mas, além disso, uma aluna reconheceu que há a importância de estar ciente da realidade educacional existente e seus desafios, o que é necessário.

Com a décima primeira questão, questionamos quais seriam as vantagens da carreira de um pedagogo, na perspectiva de cada uma, desde que se ingressa no curso. As respostas nos mostraram que elas reconhecem a importância de todo o conhecimento que se pode adquirir, relacionando a teoria e a prática, as experiências vivenciadas, bem como a mudança que se pode fazer na vida dos alunos.

A décima segunda questão investigou se alguma das alunas tinha dúvidas sobre o tema e que poderiam ser sanadas por um pedagogo formado. Apenas duas colocaram suas dúvidas. Uma gostaria de compreender melhor sobre como trabalhar a inclusão dentro de uma sala de aula, ou seja, algo que a aluna ainda não teve a oportunidade de ver no curso. Outra dúvida colocada foi sobre as práticas, metodologias e didáticas de serem trabalhadas com os alunos, ou seja, a melhor forma de se trabalhar para ter bons resultados.

Na décima terceira questão, deixamos um espaço para comentarem o que desejavam, além do que foi questionado. Apenas uma aluna trouxe ideias e citou a dificuldade e desafios da carreira que se tem a enfrentar, mas que considera uma linda profissão e de extrema importância.

Por meio da comparação entre os dois grupos analisados, pudemos perceber a insatisfação para com alguns pontos do curso e da profissão, decorrente das experiências já obtidas ao longo do curso. Há uma certa expectativa positiva daqueles que estão

ingressando, enquanto os que estão se formando já possuem uma visão real do que vão enfrentar e da falta de conhecimentos teóricos necessários para atuar daqui em diante e por isso afirmam que não se deve deixar abalar-se e desanimar-se pelas adversidades na carreira. É interessante o fato de algumas alunas ingressantes possuírem o conhecimento das possibilidades de atuação de um pedagogo, bem como sua importância, porém, ainda possuem uma visão de atuação do profissional presa ao espaço escolar e às metodologias e estratégias de ensino, tendo em vista que os alunos formandos já conseguem enxergar, com maior clareza, o papel do pedagogo como agente de transformação na sociedade.

Apesar das que estão ingressando no curso revelarem uma consciência dos reais desafios que a profissão possui, as formandas se mostram mais realistas ainda, com algumas insatisfações perante a desvalorização da profissão e da falta de uma base teórico-prática mais sólida por parte do curso, e ambos os grupos reconhecem a importância desta relação. Os alunos ingressantes demonstraram preocupação em aprender as disciplinas e adquirir os conhecimentos necessários para a sua formação e também com a prática nos estágios, tornando-se um ponto muito positivo para os novos alunos do curso.

Por um lado, no questionário destinado aos formandos, foram expostas algumas críticas em relação aos conhecimentos teóricos oferecidos pelo curso, que não estabelecem conexão à realidade escolar brasileira, por outro lado, recebeu elogios e afirmações que o conteúdo é alinhando ao que se pede ao curso. Diante disso, abre-se um questionamento sobre a relação dos conteúdos com a nossa realidade educacional, fazendo-nos questionar também a funcionalidade destes conteúdos e se são significativos ao nosso contexto social, política e cultural.

As análises dos resultados trouxeram também aspectos preocupantes, como a menção de apenas uma aluna para o trabalho com alfabetização e para com a educação especial; e a de alguns alunos formandos afirmarem que não se sentem preparados para atuar em sala de aula, devido à insuficiência da preparação oferecida no curso de Pedagogia, porém, em contrapartida, alunos formandos relataram que pretendem continuar na carreira para fazer verdadeiras mudanças sociais e na vida de seus alunos.

5 Considerações Finais

Ao longo de todo o curso, refletimos sobre a carreira profissional de um pedagogo, a carreira docente mais especificamente e, principalmente, sobre nossa formação. Constatamos frustrações em comum, anseios e expectativas que se modificaram de acordo com as experiências vivenciadas que pudemos realizar, assim como nossa formação teórica. Ao realizar a comparação de perspectivas, seja na formação teórica, prática ou nas opiniões, pudemos observar mudanças contrastantes naqueles que ingressam no curso, para aqueles que vão se formar. Muitos não seguem a carreira, e aqueles que a seguem, enfatizam a dificuldade da desvalorização da profissão e falta de motivação para continuar.

Com a comparação realizada por meio de um estudo e pesquisa teórica e prática de uma entrevista com relatos e opiniões, pudemos analisar dois grupos distintos de um mesmo curso e perceber algumas diferenças. Existem expectativas e ideias positivas para com o curso daqueles que estão ingressando, assim como existem críticas e frustrações daqueles que estão se formando, para com a base teórica que o curso oferece. Essa defasagem teórica sobre determinados assuntos necessários para a prática e realidade educacional, bem como por vezes a defasagem prática significativa de estágios, dos alunos que estão terminando o curso e possivelmente vão atuar na área, traz uma frustração, porém não limita a ideia de almejam fazer alguma mudança. Ainda assim

continuam com a ideia de transformar e formar criticamente os alunos, bem como serem profissionais atualizados e empenhados em serem agentes de mudanças sociais.

Diante da pesquisa realizada com os entrevistados, e do embasamento teórico construído ao longo desta pesquisa, percebe-se que há um ciclo de expectativas e frustrações que permeiam o curso, principalmente ao observar os focos empregues nas respostas das alunas entrevistadas, ao determinarem que, considerando os estímulos teóricos e pouco utilizados durante a prática (que é perceptível nos estágios), é considerável a relação entre as críticas que exigem um currículo composto por um conteúdo que seja devidamente utilizado em torno da realidade escolar e seus reais desafios.

É possível, contudo, notar a semelhança em relação às expectativas de mudanças diante da nossa realidade educacional, em todas as falas vigentes da presente pesquisa, desde o próprio curso de pedagogia, até a carreira docente que, mesmo com os problemas apresentados, muitos ainda o seguem com a idealização de não apenas pensar em melhorias na educação discente, mas também reavaliando todo o processo de formação do pedagogo.

Referências

BOAS, G. **A importância das teorias na prática pedagógica**. São Paulo, 2018. Disponível em: <<https://siteantigo.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/pedagogia/a-importancia-das-teorias-na-pratica-pedagogica/48753>>. Acesso em: 17 abr. 2020.

BRASIL. **Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília, DF. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 08 mai. 2020.

CERQUEIRA, T. C. S. **O professor em sala de aula: reflexão sobre os estilos de aprendizagem e a escuta sensível**. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-73142006000100005>. Acesso em: 08 mai. 2020.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e Pedagogos: Inquietações e buscas**. Educar, Curitiba. 2001. n. 17, p. 153-176. Editora da UFPR. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n17/n17a12.pdf>>. Acesso em: 09 abr. 2020.

SEVERO, J. L. R. L. **Perspectivas curriculares sobre a formação do pedagogo para a educação não escolar**. Educ. rev. vol.34. Belo Horizonte, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010246982018000100124&lang=pt>. Acesso em: 03 abr. 2020.

SILVA, F. S. F. **A identidade do pedagogo e as novas diretrizes curriculares de pedagogia**. Paraná, 2010. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/Pedagogia2/aidentpedagdiretrizesped.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2020.

SILVA, H. B. **Conflitos interpessoais em sala de aula: o que fazem os professores?** Planaltina, 2016. Disponível em: <
https://bdm.unb.br/bitstream/10483/14199/1/2016_Helena_BarrosodaSilva_tcc.pdf>.
Acesso em: 07 mai. 2020.

COMO AJUDAR A CRIANÇA A TER FOCO E ATENÇÃO NAS ATIVIDADES ESCOLARES DO ENSINO FUNDAMENTAL I

Elináuria Maria do Nascimento Ferreira¹
Bárbara Aparecida de Lourdes Santos²
Angela Harumi Tamaru³

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo principal, descobrir as causas das dificuldades de alguns alunos em ter foco e atenção nas atividades escolares, para poder diferenciar essas dificuldades para que possam ser compreendidas com clareza, podendo muitas vezes serem processos diferentes, mas que no entanto, precisem ser trabalhados juntos para poder sanar essas dificuldades. Serão analisadas as dificuldades existentes e suas consequências. O artigo tem como proposta, ajudar e orientar o professor e a família não só no descobrimento dessas dificuldades, mas também procurar resolvê-las da melhor forma possível. É importante lembrar que a criança não vem de um molde que produz todas as peças iguais, e sendo assim, o método utilizado para a dificuldade de uma tenha que ser exatamente o mesmo método que será utilizado para todas envolvidas nesse processo, tendo como ponto de partida que, o que pode ser bom para um, pode ser ruim ou não tão bom para outro. Todas as dificuldades deverão ser analisadas e os métodos serão os que melhor se adequarem a necessidade de cada aluno.

Palavras-chave:

Dificuldade. Concentração. Foco. Objetivo. Método.

ABSTRACT

The main objective of this article is to discover the causes of the difficulties of some students in focusing and paying attention to school activities, in order to be able to differentiate these difficulties so that they can be understood clearly, which can often be different processes, but which nevertheless need be worked together to remedy these difficulties. The existing difficulties and their consequences will be analyzed. The article aims to help and guide the teacher and the family not only in discovering these difficulties, but also to try to solve them in the best possible way. It is important to remember that the child does not come from a mold that produces all the same pieces, and therefore, the method used for the difficulty of one has to be exactly the same method that will be used for all involved in this process, having as a point of departure which, which may be good for one, may be bad or not so good for another. All difficulties must be analyzed and the methods will be the ones that best suit the needs of each student.

Key-words:

Difficulty. Concentration. Focus. Goal. Method.

Introdução

É muito comum hoje ouvirmos reclamações dos professores sobre as crianças desatentas na sala de aula e que não fazem as atividades, mas que, por qualquer motivo, se dispersam. Esta pesquisa procurou conhecer e compreender as possíveis causas que levam muitas crianças a perderem o foco e a atenção nas atividades propostas e propõe algumas intervenções para ajudar os professores e a família dessas crianças na concentração das atividades, a fim de desenvolverem um aprendizado com mais qualidade e com menos tensão.

São vários os fatores que levam a falta de atenção, desvio e perda do foco e, dentre os maiores problemas, estão: falta de uma aula atrativa, excesso de trabalhos de casa/atividades extracurriculares, pressão para os resultados e competitividade, tempo excessivo gasto nas redes sociais, família desconstruída e sem organização com os horários, insônia, má alimentação, uso de alguns tipos de medicação.

Por vezes, o professor não sabe lidar com essa situação, acaba ficando estressado e desanimado, ocorrendo baixo rendimento dos alunos, ficando estes abaixo da média esperada pela instituição, além de ouvir as reclamações da família. Vale lembrar que as crianças deste estudo não são laudadas, e a falta do foco e atenção pode estar relacionada com a grande cobrança por parte do sistema atual em que estamos vivendo. Vive-se intensa correria e falta de atenção dos pais em dedicar mais tempo a elas, o que tem gerado nas crianças muita ansiedade e pouca dedicação na concentração nos estudos. Ocorre, então, a preocupação em colaborar com uma intervenção que auxilie a família e o professor em ajudar estas crianças a manterem o foco e a atenção em casa e na sala de aula.

Revisão Bibliográfica

Esta pesquisa originou-se ao tomarmos conhecimento da situação de alguns alunos do 2º ano do Ensino Fundamental em uma instituição escolar municipal, onde, atuando como estagiárias, observamos que eles não conseguiam fixar atenção e perdiam com facilidade o foco das atividades escolares, causando desconcentração do professor e dos demais colegas da sala. Alguns fatores como, uso de medicamentos, relacionamento na vida escolar, problemas psíquicos, físicos e operacionais, colaboram com as dificuldades de concentração e não dependem somente do professor ou do aluno, mas de toda gestão escolar e do núcleo familiar.

Nesses casos, todos devem estar atentos aos sinais e aos diversos fatores que levam a falta de atenção e perda do foco em sala de aula. Dentre os maiores problemas, estão as seguintes possibilidades observadas: falta de uma aula atrativa, excesso de trabalhos de casa/atividades extracurriculares, pressão para os resultados, competitividade, tempo excessivo gasto nas redes sociais, família desconstruída e sem organização com os horários, insônia, má alimentação. Para esses problemas, é necessário ter um conhecimento individual para se fazer um trabalho diferenciado com a criança e evitar que ela seja reprovada, causando baixa autoestima, desânimo e pouco rendimento.

Algumas crianças têm mais dificuldade de concentração porque os seus cérebros ainda não se encontram totalmente desenvolvidos, mas, com a idade, tendem a ser ultrapassadas, são vítimas do ritmo acelerado que a sociedade lhe impõe, para que não percam informações nem oportunidades, acompanhadas

pelo excesso de estímulos e informações que chegam por diversos meios, como celular, tablets, computadores, televisão, etc. Isso faz com que elas dediquem pouco tempo no desenvolvimento das habilidades sociais e emocionais, sendo fatores que irão diferenciar-se num futuro cada vez mais competitivo, de acordo com os autores, Rosa e Deps (2015) e Grieve (2006).

As causas externas relacionadas à desatenção dizem respeito a preocupações com assuntos particulares e a horas de sono e de alimentação insuficientes. As causas mencionadas, relacionadas à situação específica de aprendizagem, são: o aluno não ver utilidade no que estuda; considerar a matéria difícil; falta de esforço na aprendizagem; utilizar estratégias inadequadas; falta de atenção às aulas; falta de base ou de conhecimentos prévios; da tarefa estar distante do aluno, estar além de sua capacidade acadêmica no momento; dificuldade na matéria, seguida da crença de incapacidade de aprender; didática ineficiente do professor, e também cita, o papel das emoções na aprendizagem e na atenção, mencionando que o cérebro é “capturado pelas emoções” (ROSA; DEPS, 2015).

Os elementos que compõem a atenção no dia-a-dia podem ser três: a atenção sustentada, a seletiva e a dividida. A atenção sustentada, que compreende o estado de vigília e o estado de alerta, é fundamental para todas as atividades que se realizam de forma automática. A atenção seletiva é a que orienta em direção aos estímulos sensoriais relevantes e ignora outros. Demonstra que a capacidade de atenção está sendo direcionada, focada em situações ou objetos que são mais relevantes. E, por fim, a atenção dividida, que é a capacidade de execução simultânea de duas tarefas. A capacidade para dividir a atenção e realizar atividades simultâneas demonstra um nível elevado de processamento, sendo necessário desenvolver estratégias para a sua execução. A interferência entre elas é menor quando usam modalidades sensoriais diferentes (GRIEVE, 2006).

A concentração do aluno e o prestar atenção à aula e aos seus estudos apresentam forte conexão sobre a maneira pela qual os assuntos são selecionados, apresentados e trabalhados em sala de aula, tratando-os com um olhar que subentende certa homogeneidade da turma. Raramente, ao planejar sua aula, o professor atenta-se ao fato de que estará lecionando para seres biopsicossociais pensantes, com estilos de aprendizagem diferentes e predispostos a aprender algo interessante. O desafio pedagógico está em exercitar o cérebro para manter a atenção totalmente voltada ao momento atual, de maneira que o aluno se mantenha concentrado em seus estudos para o processo de memorização. Segundo Osório (2014), quanto.

A importância da concentração no aprendizado, primeiramente, vale destacar que só podemos fazer uma coisa de cada vez, e quando estivermos fazendo uma atividade devemos ter toda nossa atenção voltada somente a ela. Em seguida, é preciso dedicar o tempo que for necessário para concluir uma determinada atividade que esteja fazendo e, somente após concluí-la, passar para uma próxima atividade, e assim sucessivamente até terminar o seu dia.

Quanto ao ato de prestar atenção, já está constatado que este não se submete a ameaças explícitas ou velado, a tons que se sobrepõe aos demais, de modo que as chantagens emocionais dependem da própria atenção do professor em seus alunos e da capacidade de dominar alternativas que permitam reaver o interesse, a participação e a curiosidade pelo tema abordado. O monitoramento da aprendizagem utilizada pelo professor devem trazer informações relevantes sobre o processo e permitir intervenções

conjuntas que direcionem ou redirecionem para apropriação de conceitos, vivências e reflexão sobre o momento em que o aluno se encontra e como transformar aquelas informações, mobilizando-as para solução de determinados problemas moldados com a finalidade de aprender.

Segundo Pesquisas sobre o que acontece no cérebro quando a nossa curiosidade é despertada, descobriram que, uma vez que a curiosidade foi despertada por alguma pergunta, indivíduos tiveram mais facilidade para aprender e lembrar informações completamente independentes, isso acontece porque a curiosidade coloca o cérebro em um estado que lhe permite aprender e reter qualquer tipo de informação, que motiva o aprendizado.

Através do instigar das perguntas realizadas pelo aluno, é possível diagnosticar em que etapa do processo de construção do conhecimento encontra-se o aluno e relacionar as intervenções pedagógicas necessárias para efetivação de sua aprendizagem. Esse não é um trabalho casual e que resolve com a costumeira indagação “você entenderam?”, ou “alguma dúvida?”, “alguma pergunta?”, mas os questionamentos do professor devem produzir ampliação do interesse, “apimentando” as conversações desencadeadas; para que o aluno pergunte, ele precisa aprender a perguntar, desenvolver a habilidade de saber o que perguntar.

A “não pergunta” ou o silêncio, invariavelmente gerado ao se indagar a classe, pode fundamentar-se apenas no fato de que os alunos não foram ensinados a ter uma participação ativa e colaborativa, visto que uma aula dinâmica que produza curiosidade no aluno deve atentar-se a cinco aspectos: levar aluno a perguntar, a buscar (pesquisar), interpretar, escrever e socializar. Assim, o aluno deve sentir-se responsável pelo aprender e para isso deve conhecer-se como ele aprende, qual conhecimento possui, quais são suas dificuldades, como gerencia seus estudos após aula, já que aprender envolve dedicação, comprometimento, esforço e entusiasmo. Para o autor Júlio Furtado (2014).

Facilitar a aprendizagem é uma atitude que depende da compreensão sobre como o outro funciona, como ele percebe, elabora e representa o mundo. É necessário que nós, professores, façamos uma “viagem” essencial ao mundo dos nossos alunos para que possamos senti-lo, percebê-lo e, enfim, compreendê-lo. Essa compreensão é fundamental para que possamos realizar a mediação didática que consiste na tarefa de “traduzir” o conteúdo para que o aluno possa aprendê-lo.

A aprendizagem torna-se uma meta para criar e sustentar novas culturas de aprendizagem nas salas de aula, valorizando a aprendizagem individual e em grupo. Entretanto, esta meta somente poderá ser atingida desvendando-se os segredos para a manutenção da concentração dos alunos em seus estudos, na identificação dos estilos de aprendizagem dos alunos, na contextualização da aula e a criação de significado para os assuntos estudados.

Devem-se incentivar os alunos a buscarem conhecimento e desenvolvimento da autonomia, que pode ser encarada ao mesmo tempo como capacidade a ser desenvolvida pelos alunos e como princípio a ser adotado pelos professores. É gerando ações e vivenciando-as com os alunos através de temas estimulantes e buscando sempre o sentido daquilo que se faz, criando atitudes, valores e normas, que o professor terá condições para uma situação geradora de autonomia e segurança, não só para os estudos, mas também para a vida.

A construção da autonomia é muito mais importante do que a exigência de “disciplina”, pois crianças “... encorajadas a pensar ativa, crítica e autonomamente

aprendem mais do que as que são levadas a obter apenas competências mínimas”. O aluno precisa sentir-se acolhido, respeitado, encorajado a fazer perguntas sobre o que não entendeu, pois, do contrário, levará consigo suas dúvidas pelo medo de “dar um fora”. Outro fator é o de permitir ao aluno poder “estar na posição de ensinante”, demonstrar sua capacidade criadora e intelectual, com produção de materiais motivacionais e de estratégias de aprendizagem. Os alunos escolhem um tema relacionado aos fatores que afetam a atenção, apontados pela turma na tempestade de ideias ou na reflexão junto com o professor.

A seguir, partem para a produção de um material a ser desenvolvido pelos próprios alunos, organizados em grupos, as produções ficam sujeitas à criatividade dos alunos, que escolherão a melhor forma que entendam para esta criação. Estas produções podem ser: banners, cartazes, teatros, comunicações, paródias, materiais digitais, e outras que surgirem. A partir de agendamento prévio no laboratório de informática e da biblioteca, os alunos iniciarão a pesquisa relacionada ao tema escolhido, que dará suporte às produções. Esses momentos de produção reforçam a atenção sobre o objeto de estudo: “a alegria da autoria nutre a capacidade de atenção e permite prestar atenção ao processo de produção” (FERNÁNDEZ, 2012, p. 83).

Atividades em equipe ajudam a ter paciência e a tomar decisões em conjunto, de forma que algum jogo, como jogo da memória, quebra-cabeça, joga de xadrez, passatempos com labirintos, desenhos das sete diferenças, massinha de modelar, teatro de fantoches, etc., auxiliam na melhora da concentração, e esses momentos é também uma oportunidade de conversar com os filhos e brincar. É importante desligar tudo, a TV, o celular e outros, fazer atividades de rotina, jogos e brincadeiras juntos, principalmente para as crianças que estejam sem concentração. Muitas vezes, a diminuição das brincadeiras por parte dos pais angustiados por não ver desenvolvimento escolar dos filhos, acabam provocando uma desmotivação, é importante que demonstrem valorizar tanto comportamentos positivos, como os negativos, não repreender a criança e falar-lhe com tranquilidade é essencial para que mantenha a calma e sejam capaz de discernir o que é certo ou errado, reforços positivos têm um impacto direto no desenvolvimento de uma boa autoestima e autoconfiança, características que são determinantes para o aumento da sua capacidade executiva. Além de ser fundamental fazer com que dedique mais tempo à tarefa, sobretudo às que lhes dão mais prazer para aumentar a confiança e a realização pessoal, definir junto a ele um local específico para estudar, podendo ser sua escrivaninha, uma mesa no escritório, um cantinho no quarto ou na sala, ou outro espaço confortável em que ele se concentre e desligue-se do mundo exterior. Esse espaço deve estar sempre em ordem e livre de distrações, pelo menos durante o horário dedicado ao estudo. Deixar as tarefas mais complicadas de lado, para fazer quando estiverem mais tranquilas ou resolver as mais fáceis quando estiverem mais cansadas, ou por ordem de prioridade, ajuda a não sentir o peso da tarefa de casa.

Proporcionar momentos para que possam correr, saltar nadar, brincar, subir em árvores e praticar diferentes esportes, levar o cachorro para passear, arrumar a cama, descansar o suficiente entre 9 e 12 horas de sono por dia para crianças entre 6 e 12 anos, alimentação balanceada, tempo para brincar, ajudam na diminuição do stress e a superar os limites do corpo, raciocínio, memória e concentração.

Metodologia

Esta pesquisa procurou iniciar sua investigação a partir de uma revisão bibliográfica relativa ao tema “COMO AJUDAR A CRIANÇA A TER FOCO E ATENÇÃO NAS ATIVIDADES ESCOLARES DO ENSINO FUNDAMENTAL I,” buscando publicações impressas e digitais já elaborados, que nortearam o referencial teórico necessário para o desenvolvimento. A coleta de publicação deu-se a partir dos arquivos eletrônicos disponíveis nos seus respectivos sites, em que se buscou descrever fatos observados relativos a problemática das crianças em sua atuação na sala de aula. Dessa forma, foram selecionadas publicações tanto em bibliotecas quanto em sites acadêmicos e revistas digitais, com realização de leitura, fichamento e posterior relatório acerca do problema. De posse do material e conhecimento das intervenções, partiu-se para uma pesquisa de campo, realizada com os pais de cinco alunos direcionados por uma escola pública na cidade de Nova Odessa, SP, procurando levantar dados relativos ao estudo com os alunos, os quais, segundo a professora titular da sala, são crianças desatentas e perdem o foco e, portanto, não conseguem acompanhar as atividades escolares.

Durante o momento da realização dessa pesquisa o País suspendeu todas as atividades escolares, devido a grande contaminação causada por um vírus contagioso (Covid 19), ocorrendo isolamento social para se evitar a propagação.

Propomos então aos pais um questionário com sete perguntas e respostas online sobre o comportamento dessas crianças no momento de isolamento social (pandemia), onde as aulas foram suspensas, e as crianças deram sequência nas atividades escolares online em casa. O questionário objetivou esclarecer os fatos descritos neste trabalho cerca da temática, e procurou saber como elas estão conseguindo desempenhar as atividades escolares sem o professor e como estão se comportando com o isolamento. Os dados foram posteriormente compilados, sendo agrupados por perguntas e respostas, de modo que se fizesse sua análise.

A investigação desenvolvida foi uma pesquisa-ação. Segundo Thiollent (2002, p.75 apud VAZQUEZ; TONUZ, 2006, p. 2), “com a orientação metodológica da pesquisa-ação, os pesquisadores em educação estariam em condição de produzir informações e conhecimentos de uso mais efetivo, inclusive ao nível pedagógico,” o que promoveria condições para ações e transformações de situações dentro da própria escola. Outros dois autores, Kemmis e Mc Taggart (1988, apud ELIA; SAMPAIO, 2001, p. 248), ampliam essa forma de entendimento do conceito de pesquisa-ação com as seguintes palavras:

“Pesquisa-ação é uma forma de investigação baseada em uma autorreflexão coletiva empreendida pelos participantes de um grupo social de maneira a melhorar a racionalidade e a justiça de suas próprias práticas sociais e educacionais, como também o seu entendimento dessas práticas e de situações onde essas práticas acontecem. A abordagem é de uma pesquisa-ação apenas quando ela é colaborativa”... (KEMMIS; MC TAGGART, 1988, apud ELIA; SAMPAIO, 2001, p.248).

Após concluir a pesquisa de campo, enviaremos o questionário e as respostas à professora a fim de ajudá-los em suas dificuldades partindo das intervenções e propostas descritas nesta pesquisa. Solicitaremos que ela esclareça aos pais acerca da temática, para que eles venham tornar o momento da realização das atividades escolares, menos tensa e mais focada no ensino aprendizagem, encorajando-os e respeitando seus limites.

Análise de dados

Após conversarmos com a professora sobre estes alunos, ela nos informou que os pais tem se queixado bastante sobre as aulas online e que a concentração sem sido muito difícil, porque em casa as crianças perdem a noção do horário, ou seja, da rotina de ter que se levantar ir pra escola ou conseguirem ter horário pra refeições, brincar, fazer as atividades escolares, etc., de modo que o problema tem se agravado, e eles também não tem conseguido ajudá-los da forma correta, porque alguns não completaram o curso ou pararam de estudar e não se lembram de mais de algumas atividades, ou porque não foram dispensados de seus trabalhos e lhes faltam tempo para se dedicarem. Outro problema agravante é a falta das tecnologias, porque muitos não têm acesso à internet ou o aparelho para se conectarem. A concentração dura muito pouco tempo e a atenção costuma ser dividida ou não é levada a serio como na sala de aula. A fim de concluirmos e comprovar as queixas, propusemos um questionário com sete perguntas e respostas de forma qualitativa e exploratória aos pais, através de uma sondagem simples para comprovarmos a dificuldade de seus filhos em se concentrarem para realizar as atividades escolares online. O questionário foi enviado via internet evitando o contato social com as famílias, contendo as seguintes perguntas:

- 1-Como tem sido pra você(s) e seu(s) filho(s) as aulas online?
- 2-Seu filho tem conseguido acompanhar, e fazer todas as atividades propostas pelo professor? De que forma?
- 3-Ele tem conseguido se concentrar? E por quanto tempo?
- 4-Quais são as principais queixas dele sobre as aulas?
- 5-A família tem conseguido separar um tempo para fazerem as atividades com ele (s)?
- 6- Esta fazendo faltas as aulas presenciais? Por quê?
- 7-O que está sendo mais difícil com relação a execução das atividades online?

De posse dessas questões, pode-se abrir um campo de discussão sobre a importância do desenvolvimento da atenção no processo de aprendizagem e seus problemas.

Resposta dos pais: Família 1

1- Como tem sido para você e seus filhos as aulas online?

já Para mim, como mãe tem sido gratificante pois acompanho o ensino mais a fundo, minha filha está com bastante dificuldade para se adaptar

2- Seu filho(a) tem conseguido acompanhar e fazer todas as atividades propostas pelo professor? De que forma?

Sim, de forma remota e online, via whatsapp e celular.

3- Ele tem conseguido se concentrar? Por quanto tempo?

Sim, se concentrando por pouco tempo

4- Quais são as principais queixas dele sobre as aulas/atividades?

Sempre se mostra cansada por ficar parada por muito tempo

5- A família tem conseguido separar um tempo para fazer as atividades com eles(as)?

sim

6-Está fazendo falta as aulas presenciais? Porque?

Sim, pois toda criança precisa da interação com outras

7- O que está sendo mais difícil com relação a execução das atividades online?

Compreender e depois repassar o entendimento da forma que ela compreendeu

Resposta dos pais: Família 2

1-Como tem sido pra você(s) e seu(s) filho(s) as aulas online?

Ele não está conseguindo acompanhar online, pois eu trabalho no horário de aula dele.

2-Seu filho tem conseguido acompanhar, e fazer todas as atividades propostas pelo professor? De que forma?

Ele não acompanha, mas faz no tempo dele.

3-Ele tem conseguido se concentrar? E por quanto tempo?

Não se concentra

4-Quais são as principais queixas dele sobre as aulas?

A falta que faz a presença na unidade escolar.

5-A família tem conseguido separar um tempo para fazerem as atividades com ele (s)?

Sim, no período noturno.

6- Esta fazendo faltas as aulas presenciais? Por quê?

Sim, bastante, pois nada melhor do que presencial para a concentração.

7-O que está sendo mais difícil com relação a execução das atividades online?

Tempo e concentração.

Considerações Finais

Algumas dicas para os pais ajudarem seus filhos nesse período de isolamento:

Organize o ambiente de estudos

Se até para os adultos é difícil manter-se focados em um lugar cheio de estímulos — das notificações no celular à bagunça e outras distrações —, para as crianças, os obstáculos podem ser ainda maiores. Afinal, elas não têm a mesma consciência da importância de seus afazeres.

Para ajudar seu filho, então, defina junto a ele um local específico para estudar: pode ser sua escrivaninha, uma mesa no escritório, um cantinho no quarto ou na sala, ou outro espaço confortável em que ele se concentre, desligando-se do mundo exterior.

É importante também que esse espaço esteja sempre arrumado e livre de distrações, pelo menos durante o horário dedicado ao estudo.

Ensine-o a conciliar trabalho, descanso e lazer

Aprender a focar em uma única tarefa é extremamente importante para o desenvolvimento do seu filho. No entanto, não se esqueça de que ninguém consegue manter o mesmo nível de atenção durante muito tempo, por isso as pausas também são essenciais!

Ensine seu filho a observar o próprio ritmo para que ele perceba em que momento precisa de um intervalo. Quando ficar difícil manter o foco, parar por 5 minutos para dar uma volta com o cachorro, assistir a um vídeo ou fazer um lanche pode ajudá-lo a render muito mais.

Além disso, o autoconhecimento, bem como outras habilidades socioemocionais, também contribui para que a criança aprenda a lidar com prazos, obrigações e o estresse da vida escolar sem que seu desempenho nos estudos seja prejudicado.

Dinamize os métodos de estudo

Da mesma forma que uma pausa revigorante faz parte de como melhorar a concentração, variar o método usado também pode ajudar a trazer novo fôlego para qualquer atividade.

Assim, permita que seu filho estude tanto pelos livros e deveres de casa quanto pelo computador, assistindo a vídeo-aulas, jogando games educativos e até discutindo com os colegas e amigos. Essa dinamização contribuirá para que ele ganhe autonomia nos estudos e ainda enriqueça seu aprendizado.

Estimule a prática de atividades físicas e os cuidados com o sono

Uma das causas mais comuns da falta de atenção entre jovens e adultos é o mal-estar físico causado tanto pelo sedentarismo quanto pela deficiência de sono.

Felizmente, a solução é simples: praticar esportes ajuda a gastar a energia que nos impede de focar e ainda contribui para que tenhamos noites melhores, eliminando o risco de cochilar em cima dos livros ao mesmo tempo em que aumenta nossa qualidade de vida. O hábito de exercitar-se e dormir bem é extremamente positivo para jovens e adultos!

Conclusão

Alguns pais responderam um questionário falando das dificuldades que estão enfrentando com essa nova realidade. Para alguns isso tem sido algo prazeroso, acompanhar seus filhos em suas atividades. Para outros, no entanto tem sido mais difícil desenvolver as atividades e ensinar para as crianças.

O que ficou bem claro com esse questionário é que cada criança tem seu tempo de aprendizagem, e cada uma se adapta de forma diferente ao ambiente que estão inseridas.

Concluindo assim que cabe aos pais e professores identificar o tempo de cada aluno e identificar suas individualidades.

Referência

AGOSTINE, T. Como ajudar a criança a ter foco e atenção nas atividades. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=TB2vaoFy0go&feature=youtu.be>>. Acesso em: 13 mar. 2020.

Blog - Nove Atividades para melhorar a concentração das crianças. Disponível em: <https://www.ctrlplay.com.br/5-atividades-para-melhorar-a-concentracao-infantil>>. Acesso em: 13 mar. 2020.

Blog - Como melhorar a concentração do seu filho. Disponível em: <https://escoladainteligencia.com.br/como-melhorar-a-concentracao-do-seu-filho-nos-estudos>>. Acesso em: 13 mar. 2020.

BORUCHOVITH, E. Estratégia de Aprendizagem e desempenho Escolar: Considerações para a Prática Escolar. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721999000200008>. Acesso em: 21 mar. 2020.

COSTA, C. Livro Aprender a Aprender. Disponível em: <https://www.simonsen.br/2.0/pdf/manual/aprender-a-aprender.pdf>>.

Hmc blog, Crianças com falta de Concentração: Como Atuar. Disponível em: <https://www.hmcsports.pt/blog/criancas-com-falta-de-concentracao-como-atuar>>. Acesso em: 21 mar. 2020.

<https://escoladainteligencia.com.br/como-melhorar-a-concentracao-do-seu-filho-nos-estudos/>

NADALIM, C. Blog. Disponível em: <http://comoeducarseusfilhos.com.br/blog/meu-filho-nao-se-concentra-nas-atividades-o-que-fazer>>. Acesso em: 13 mar. 2020.

PEZZINI, M. Falta de desejo de aprender, causas e Consequências. disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/853-2.pdf>>.

PITANGA, C. Meditar para Educar. Disponível em: <https://crispitanga.com.br/como-melhorar-a-concentracao-das-criancas>>. Acesso em 13 mar. 2020.

SANT'ANNA, G. A relação entre a concentração e a aprendizagem disponível emC>. Acesso em: 13 mar. 2020.

SOBANSKI, L. Alunos desatentos: e agora pedagogos? Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_pdp_ped_unioeste_lindamiraparecidaandriolasobanski.pdf>

A PEDAGOGIA MONTESSORI NA EDUCAÇÃO E SUAS VIVÊNCIAS

Julia Maria Rocha dos Santos ¹
Karina Brito Souza ²
Lorena Pacheco Pivetta ³
Luana Aparecida Ferreira ⁴
Luana Vanessa Abel ⁵
Monica Marroni Machado Pereira ⁶
Angela Harumi Tamaru ⁷

RESUMO

A pergunta problema investigada nesta pesquisa foi o porquê do método Montessoriano não ser aplicado em escolas que não sejam Montessorianas. As hipóteses atestadas foram os benefícios deste método para a educação e para seus alunos, o qual proporciona um desenvolvimento de um indivíduo autônomo; como são organizadas as escolas Montessorianas, pois elas são adaptadas de acordo com cada fase de desenvolvimento dos alunos; as diferenças entre o ensino regular e o método Montessori e alguns dos materiais didáticos que foram feitos por Maria Montessori, como a torre rosa. Os principais autores que embasaram esta pesquisa foram Lancillotti (2010), Vilela (2014) e Almeida (1984). Este estudo ainda conta com dois questionários, um foi aplicado a uma coordenadora de uma escola Montessoriana, localizada na cidade de Campinas, em São Paulo, e o outro foi aplicado a dez professores e coordenadores de escolas que não seguem o método Montessoriano. A análise de dados foi realizada de forma qualitativa, por meio do estudo dos questionários aplicados.

Palavras-chave: Autonomia. Ensino. Liberdade. Respeito. Professor mediador.

ABSTRACT

The problem question investigated in this research was why the Montessorian method is not used in schools that are not Montessori. The attested hypotheses were the benefits of this method for education and for its students, which offers the development of an autonomous individual; how they are organized as Montessori schools, as they are adapted according to each stage of student development; differences between regular education and the Montessori method and some of the teaching materials made by Maria Montessori, such as the pink tower. The main authors that supported this research were Lancillotti (2010), Vilela (2014) and Almeida (1984). This study also has two questionnaires, one was designed for a coordinator of a Montessorian school, located in the city of Campinas, in São Paulo and the other was designed for ten teachers and coordinators from schools which does not follow the Montessorian method of Nova Odessa and Sumaré. The data analysis was performed in a qualitative way, through the study of scientific questionnaires.

Keywords: *Autonomy. Teaching. Freedom. Respect. Mediating teacher.*

1 Introdução

Este tema foi escolhido para entendermos melhor a metodologia Montessoriana, seus processos de ensino e aprendizagem e como e onde ele é aplicado. Esse método procura compreender o desenvolvimento humano em suas diversas fases, sendo desenvolvida principalmente na Educação Infantil, de forma independente, em que o ser humano procura sua evolução de forma autônoma, respeitando e compreendendo a vida para se tornar um adulto pacífico e livre. O papel do professor é de observador, diferente do ensino tradicional, onde ele é o detentor do saber. Os conceitos deste trabalho vão ser fundamentados em pesquisas, principalmente na área de educação, levando em consideração a trajetória percorrida por Maria Montessori em busca da criação de seu método.

2 Revisão Bibliográfica

Maria Montessori foi a primeira mulher médica a se formar na Universidade de Roma, na Itália. Direcionou sua carreira para a psiquiatria e criou interesse por crianças com retardo mental, que eram consideradas ineducáveis e, após isso, graduou-se em pedagogia, antropologia, psicologia e, assim, pôde pôr suas ideias em prática, desenvolvendo o seu método Montessoriano. Inicialmente, este foi aplicado na Educação Infantil na Itália e, depois disso, foi se espalhando pelo mundo, porém, existem escolas, desde o berçário até o ensino médio, que utilizam somente algumas bases desse método. Ele é também utilizado em clínicas psicopedagógicas e de repouso para tratamento de demência e alzheimer, além de lares no mundo todo também o utilizar. Sobre a proposta pedagógica, tem-se:

A proposta pedagógica de Montessori se assentou fundamentalmente em princípios científicos advindos da psicologia, sobre os quais desenvolveu nova organização didática e novos instrumentos de trabalho, buscando formas de contemplar demandas singulares dos alunos. (LANCILLOTTI, 2010, p. 168).

O método Montessoriano começa no concreto e vai a caminho do abstrato, baseando-se na observação, em que as crianças aprendem de maneira mais eficaz, tendo autonomia. As crianças, neste método, vão atrás de seu conhecimento, podendo obter o amadurecimento cognitivo, cultural, social e emocional, e isso, para Montessori, chama-se autoeducação, que é a principal característica de seu método. Montessori desenvolveu seis pilares educacionais, que são:

- Autoeducação, que é a capacidade da criança absorver todo o mundo a sua volta, investigá-lo, compreendê-lo, explorá-lo e o método desenvolveu o ambiente e o material adequado, para as crianças, através de seus esforços desenvolverem seu ritmo e seguir seus interesses;
- Educação cósmica, em que o cosmos significa ordem, ou seja, o educador deve trazer o conhecimento de uma forma organizada para as crianças, instigando sua imaginação e focando em tudo o que há no universo, onde o ser humano deve saber de seu papel na melhora do mundo;
- Educação como ciência, é um modo em que a criança compreende o efeito educativo de acordo com o método Montessori; o educador usa o método científico de observações, hipóteses e teorias para buscar melhoria na forma de ensinar e para apurar a eficácia do seu trabalho;
- Ambiente preparado, em que a criança compreende sua liberdade e busca sua autonomia, é construído para atender as necessidades biológicas e psicológicas

dos alunos, onde encontra-se mobília do tamanho adequado e materiais de livre utilização para o desenvolvimento da criança;

- Adulto preparado, este é o nome que é dado para os profissionais que trabalham nesse método; ele auxilia o desenvolvimento completo da criança, esse profissional deve conhecer as fases do desenvolvimento infantil por meio de observações e domínios das ferramentas utilizadas e auxiliar a criança nas melhores condições possíveis;
- Criança equilibrada, que, com o auxílio do profissional e ambiente correto, as crianças desenvolvem naturalmente suas características que são inatas, encontrando-se o amor pelo silêncio, trabalho e ordem, e desenvolvem melhor entre zero e seis anos.

Para que a criança se desenvolva completamente, com equilíbrio, é necessário que use esses seis pilares em união para que as crianças consigam identificar a eficiência do que está sendo oferecido.

A criança tem um papel ativo no processo de ensino e aprendizagem, e esse processo acontece de dentro para fora, respeitando o ritmo de cada aluno. Para tornar isso possível, ela criou seus próprios materiais didáticos. Conforme Vilela,

o conceito fundamental que sustenta a obra pedagógica de Montessori se baseia na preparação do ambiente para que se promova o aprendizado e na autonomia da criança para nele agir. Por isso as crianças necessitam de um espaço apropriadamente planejado e preparado onde possam viver e nele/com ele aprender. (VILELA, 2014, p. 35)

As escolas que seguem esse método possuem cadeiras mais baixas, que são adequadas ao nível das crianças.

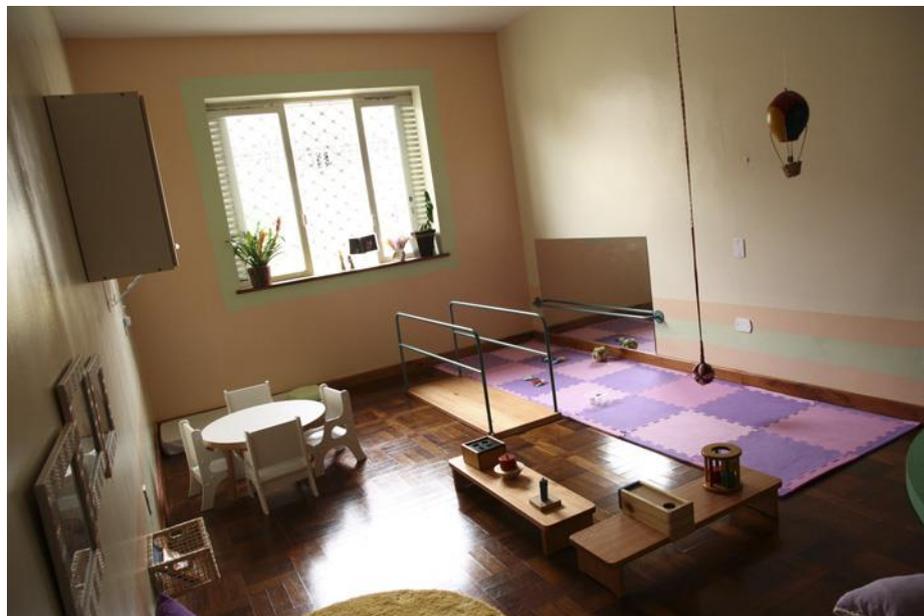


Figura 1 – Sala de aula adaptada ao nível das crianças.

Fonte: <http://www.montessoricampinas.com.br/wp-content/uploads/2014/08/materna-05-full.jpg>

O ensino é fundamentado no trabalho sensorial e, de acordo com Lancillotti,

os objetos são cuidadosamente dispostos e ordenados no recinto. Cada criança faz sua própria escolha dentre aqueles disponíveis. E, após utilizá-los, segundo seus próprios interesses e seu próprio ritmo, deve limpá-lo, arrumá-lo,

recolocando-o no lugar de onde o retirou, para que possa ser utilizado por outra criança. (LANCILLOTTI, 2010, p. 170).

As crianças dividem os objetos por turnos, revezando entre eles para poder utilizá-los e, caso algum colega estiver com o objeto desejado, o próximo tem que esperar sua vez, assim, trabalhando disciplina, paciência e tirando a competitividade entre eles. Essas escolas não possuem canto do pensamento (lugar onde as crianças devem pensar sobre o que fizeram de errado), mas elas dão ênfase no conceito do movimento durante a primeira infância e, segundo Almeida, “elas têm suas crises e as exteriorizam normalmente, talvez com mais espontaneidade que as outras crianças, pois não são reprimidas” (ALMEIDA, 1984, p. 11). Quando as crianças se encontram em situações de crise, elas refletem sobre o processo e não tem a repressão para não serem oprimidas. Montessori utilizava o Jogo do Silêncio para crianças, ele não serve como castigo, mas é um método de reflexão, sendo considerada um método relaxante e disponibilizam os seguintes recursos: autocontrole, disciplina, paciência, concentração e acaba fazendo com que a criança seja tolerante e respeitosa; esses fatores são fundamentais para o desenvolvimento do pensamento crítico e do convívio em sociedade.

Nesse método, a comunicação deve ser de respeito entre os alunos e professores; devem ser usados materiais concretos, que as crianças possam manusear. Como pôde ser observado, elas enaltecem as descobertas científicas do desenvolvimento para o conhecimento pedagógico dos alunos, e essas foram inovações que Montessori criou ou que adequou para seu método. Para Lancillotti,

vê-se como, no método montessoriano, os materiais adquirem imenso relevo, e o papel da mestra consiste em explicar seu uso. Montessori destaca a imensa dificuldade enfrentada pelas professoras que atuam nos moldes tradicionais, para adaptar-se ao seu método de ensino. Para atuar nas escolas montessorianas, era necessário que as professoras renunciassem a posição de ‘ensinantes’, adotando uma nova postura: a de oferecer simplesmente o apoio para que as crianças explorassem plenamente todas as possibilidades inscritas nos objetivos, e fazê-lo na medida de necessidade dos alunos. (LANCILLOTTI, 2010, p. 169).

Os materiais têm muita relevância e cabe ao professor explicar como eles devem ser utilizados. Para que seja possível a atuação em escolas Montessorianas, o professor deve renunciar o seu papel de retentor do conhecimento e assumir a postura de auxílio, de apoio ao aluno, para que as crianças explorem plenamente os seus potenciais. O material é um elemento e não existe material nem um currículo adequado, mas sim a criança como principal pessoa para desenvolver a potencialidade e a linguagem do seu cotidiano.

Essa metodologia é para preparo, para saber como a criança vai se desenvolver e não para que a criança seja submetida a alguma situação ou realidade.

Dos doze aos dezoito anos, o método Montessori não possui uma metodologia, mas são levadas em consideração as vivências adquiridas no convívio escolar dos alunos. Essa dependência e essa conquista social auxiliam na socialização sem a ajuda de um adulto, sendo, assim, independente, capaz de resolver seus próprios problemas, sem apego, compreendendo, de forma profunda e complexa, a maneira que a sociedade funciona, levando em consideração a necessidade que o adolescente tem em pertencer a algum grupo específico. O adolescente precisa trabalhar e ter uma remuneração para ter um grau de dependência social e financeira. Todos os seres têm o seu lugar e sua função no equilíbrio cósmico, e é importante ressaltar isso.

O método Montessori utiliza materiais e não brinquedos, que são ferramentas que desenvolvem o pensamento abstrato e o conhecimento da criança. Esses materiais são divididos em áreas do método, que são: sensorial, vida prática, matemática, linguagem e educação cósmica.

Os materiais sensoriais dividem-se conforme os sentidos, que são os do olfato, da vista, do tato, do paladar e da audição e tem como objetivo aumentar o potencial dos cinco sentidos das crianças e também os desenvolver. Alguns materiais sensoriais educativos que Montessori criou são a torre rosa, caixa de cores, entre outros.



Figura 2 – Torre rosa.

Fonte: <http://www.montessoricampinas.com.br/wp-content/uploads/2014/08/infantile-22-full.jpg>

Os materiais da vida prática são aqueles que ajudam as crianças a se vestir, desvestir, organizar-se, varrer, entre outros. Seu objetivo é desenvolver as capacidades mentais, físicas e aumentar a autonomia e a independência das crianças.

Já os materiais para matemática têm o objetivo de as crianças aprenderem os conceitos matemáticos, assim, elas poderão assimilar mais facilmente; e eles são o ábaco, os cartões de número, e outros. Os materiais de linguagem, por sua vez, são destinados à aprendizagem da alfabetização, e um exemplo desse material seriam as letras de lixa.

Por último, as atividades da educação cósmica são destinadas para o aprendizado de algumas disciplinas, como as de geografia, arte, biologia, botânica, história, entre outras. Alguns exemplos de materiais são globos terrestres para geografia, experimentos para biologia e horta para botânica.

O pote da calma, que é bem conhecido, tem como objetivo distrair e acalmar a criança após uma situação de stress ou briga. Os materiais utilizados distraem e chamam a atenção das crianças e, por sua vez, acalmam-nas.

O método Montessoriano é aplicado somente em escolas Montessorianas e não é aplicado em outras escolas pela falta de recursos e ambientes que sejam preparados às fases de aprendizado para disponibilizar um desenvolvimento livre e autônomo a seus alunos. Nele o professor é somente um observador, entretanto, o tradicionalismo é

predominante na maioria das escolas, pois, nele o professor é o único detentor do saber e as crianças são meros receptores, sendo adequados para uma sociedade de imposições na qual somos inseridos.

3 Metodologia

Esta é uma pesquisa qualitativa, pois, segundo Godoy,

algumas características básicas identificam os estudos denominados “qualitativos”. Segundo esta perspectiva, um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva, um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada. Para tanto, o pesquisador vai a campo buscando “captar” o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nela envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes. Vários tipos de dados são coletados e analisados para que se entenda a dinâmica do fenômeno. (GODOY, 1995, p. 21).

Portanto, uma pesquisa qualitativa permite uma melhor compreensão do fenômeno no contexto em que ele ocorre e o pesquisador vai a campo para compreender esse fenômeno segundo a perspectiva das pessoas nele envolvidas. Esta pesquisa também é um estudo de caso e, conforme Godoy, “o estudo de caso se caracteriza como um tipo de pesquisa cujo objetivo é uma unidade que se analisa profundamente. Visa ao exame detalhado de um ambiente, de um simples sujeito ou de uma situação em particular” (GODOY, 1995, p. 25). É um estudo de caso, já que ele analisa profundamente um ambiente, no caso, a realidade na educação e as vivências de uma escola Montessoriana.

Esta pesquisa foi constituída de uma pesquisa bibliográfica, relativa à vida e obra de Maria Montessori; foi realizada, a partir da leitura de materiais impressos, como livros, jornais, revistas, e de material digital, como sites acadêmicos, bibliotecas online e periódicos eletrônicos. Em seguida, compilamos esse material, lendo e fichando os principais conceitos e ideias para podermos incorporá-los em nosso Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) a partir de citações.

Após isso, não havendo possibilidade de aplicar os questionários de forma presencial, como havia sido previamente planejado, por conta da pandemia do COVID-19, enviamos os questionários de forma virtual para uma coordenadora de uma escola Montessoriana, que se localiza na cidade de Campinas, SP. Perguntamos a ela sobre o método Montessoriano e também enviamos, novamente, de forma virtual, questionários para dez professores e coordenadores de escolas distintas de Educação Infantil e Ensino Fundamental I que não seguiam o método Montessoriano, para comparação de dados.

4 Análise de dados

Foram realizados dois questionários, um foi enviado a uma coordenadora de uma escola Montessoriana, que se localiza na cidade de Campinas, SP, e o outro foi enviado a professores e coordenadores de escolas distintas de Educação Infantil e Ensino Fundamental I.

Do questionário enviado à coordenadora da escola Montessoriana, a primeira pergunta foi relativa ao papel do professor no método Montessoriano e a resposta obtida foi que o seu principal papel nesse método é observar a criança, então, ele só irá fazer alguma interferência se a criança solicitar ou se ela estiver desrespeitando o ambiente, quebrando algum material ou se ela estiver fazendo algo que traga riscos para ela mesma. Portanto, o professor só irá interferir sem que a criança peça em três casos: quando o que a criança estiver fazendo seja desrespeitoso para o ambiente, para ela mesma ou para os

outros seres vivos. Esse método trabalha com a autonomia da criança de uma maneira muito forte, portanto, é feito o mínimo de interferência possível.

Na segunda pergunta, é questionado como devem ser o ambiente escolar e a sala de aula em uma escola Montessoriana, e a resposta recebida foi que o ambiente tem que ser cuidadosamente preparado, então, o professor precisa observar as crianças e saber quais são as necessidades delas. A partir daí, ele prepara o ambiente para que as crianças possam ter autonomia e um trabalho intelectual efetivo. Cada sala é feita de acordo com a sua faixa etária e, principalmente, de acordo com o desenvolvimento daquela idade. Também são trabalhados com materiais concretos, de madeira, o mais naturais possível para que a criança possa sentir o material e ter esse contato sensorial com ele.

Já a terceira pergunta questionava qual o papel da escola, dos pais e dos alunos e é respondido que o principal objetivo da escola é de ajudar a vida e ajudar a criança a ser um homem ou mulher que seja provedor da paz e nisso entram vários princípios da filosofia Montessori, que prega que as pessoas sejam autônomas desde crianças, que eles possam ter autoestima e que também possam ser seguras das suas escolhas. O currículo é estruturado e dentro da sala Montessori são trabalhadas áreas. Dos três aos seis anos, tem-se aula prática e também são trabalhados coordenação motora, autonomia, noções de ordem, concentração, atividades presentes no dia a dia, cuidados com o meio ambiente e com a própria criança. A segunda área da sala trabalhada usa matemática e trabalha-se perto do concreto; em linguagens, é ensinado o enriquecimento do vocabulário, a alfabetização de um bem natural concreto e ainda é trabalhado com ciências, geografia, história, e essas áreas também estão presentes dentro de uma sala de três até seis anos. Na sala de um ano e meio até os três anos, tem-se a prática sensorial de linguagem de artes e já na sala de zero a um ano e meio tem-se trabalhos que envolvem principalmente autonomia para o movimento e são atividades relacionadas ao movimento e desenvolvimento do movimento para trabalhar o sensorial.

O papel da escola nisso tudo é ajudar a vida da criança, pois vai-se desenvolvendo o currículo da escola Montessoriana. O papel dos pais é de serem parceiros e, nessa escola em que a coordenadora trabalha, são feitas formações com os pais, já que é considerado importante a escola estar em consonância com os pais para que em casa sejam feitas as atividades possíveis desse método e também para eles entenderem e darem a devida importância ao método Montessori, uma vez que esse método é muito diferente de qualquer outra pedagogia ou educação que se tem. O papel do aluno é de ser livre assim, ele tem a liberdade de escolha e ela é permeada pelo respeito, pois, ao mesmo tempo em que ele pode escolher livremente, ele precisa respeitar o ambiente ao seu redor e respeitar também os seres vivos.

Na pergunta quatro, foi questionado quais as atividades aplicadas na rotina escolar Montessoriana, e a resposta foi que todas as crianças, de todas as salas, são livres para escolherem o trabalho que querem fazer, então, os professores, como observadores, vão ver como as crianças estão se comportando em sala e fora dela, como estão se comportando com os materiais, uma vez que o professor estará orientando as crianças e as preparando. Após essa observação, os professores montam planejamentos de trabalhos, que são personalizados para cada aluno, então, a partir desses planejamentos, o professor coloca atividades que ele considera que são importantes para cada criança e apresenta a elas individualmente, porém, é raro ter atividades em grupos. Acredita-se que cada criança tem sua maneira e seu ritmo, mas é claro que são os alunos quem escolhem se querem fazer sozinhos ou em grupos e, para as crianças que escolhem fazer quase sempre sozinhas, os professores propõe que elas trabalhem também em grupos, estimulando, assim, as duas opções.

A pergunta cinco era sobre se a coordenadora já tinha trabalhado em outras escolas que não seguem este método e, se sim, quais as diferenças que ela encontrou, e a resposta obtida foi que as diferenças das outras escolas são inúmeras, principalmente, quando relacionadas ao método, pois, o questionado considera o método Montessori muito mais respeitoso com a criança e com os profissionais que trabalham nesse método. O ambiente é sempre harmônico, de paz e respeito entre todos e o construtivismo está dentro dos métodos Montessori, mas isso não está presente em outras escolas que se dizem construtivistas, mas que não respeitam o ritmo de todos individualmente.

A sexta pergunta queria saber como a coordenadora avalia o processo de ensino e aprendizagem nesse método, e ela respondeu que esse processo ocorre por meio da observação, já que o professor observa como a criança está trabalhando para poder propor novas atividades para estimular aquela criança; tudo que é observado é anotado, tudo é registrado, por escrito ou por meio de fotos, uma vez que todo esse material serve como uma avaliação para o professor poder avaliar o trabalho, fazer o planejamento para continuar a ajudar a criança.

Já a sétima pergunta, que questionava sobre os limites diante dessa liberdade existente nesse método, teve a resposta de que se vai sempre observando a relação da criança com o ambiente e com os outros e, como já dito, o professor só vai interferir em três momentos (quando o que a criança estiver fazendo for desrespeitoso para o ambiente, para ela mesma e para os outros seres vivos) e ele vai realizar a intervenção dependendo da situação. O professor procura trabalhar com o diálogo, mostrando, no concreto, quais são as consequências daquela ação que a criança teve e, quando é uma criança que não entende, o professor vai procurar colocar como se ele estivesse estruturando o pensamento da criança, de acordo com a situação; por exemplo, se um bebê mordeu outro bebê, o professor vai questionar para o bebê que mordeu por que ela mordeu; será que foi por que ele estava precisando colocar algo na boca, ou ele estava se defendendo de alguma coisa? Então, o professor vai colocando o dilema para a criança para ela ir estruturando o pensamento e são colocadas soluções para o bebê não morder mais.

A oitava e última pergunta queria saber como funciona o método Montessoriano após o Ensino Infantil e a resposta para essa pergunta foi que segue um agrupamento que vai do zero a um ano e meio, do um ano e meio até os três anos, dos três anos aos seis, dos seis aos nove, dos nove aos doze (esses dois últimos já estão após o Ensino Infantil). E, no Ensino Fundamental, também se segue, assim como na Educação Infantil, o princípio de liberdade, já que, nesse método, a criança tem liberdade de escolha, contudo, ainda é seguido o conteúdo proposto pelo currículo, que é fundamental. As crianças seguem com materiais concretos e elas começam a fazer a abstração de algumas coisas, por exemplo, na matemática, se começa a fazer registros, cálculos em papel usando lápis, entre outros, visto que as crianças ainda estão nessa transição e todos pegam o fator concreto para organizar o pensamento para poder fazer o registro e assim segue basicamente para todas as outras áreas. No Ensino Infantil, não se tem essa preocupação das crianças fazerem registros. No Ensino Fundamental, começam a ser apresentadas algumas coisas para pequenos grupos, não para a sala toda, já na Educação Infantil era mais apresentado para cada criança, de forma mais individual.

Após a realização deste questionário, pudemos concluir que o papel primordial do professor nesse método é observar, de modo que ele só irá realizar a intervenção se a criança requisitar ou se ele achar necessário e ele visa trabalhar com a autonomia da criança. O ambiente tem que ser adaptado para cada nível e necessidade dos alunos. O método busca criar caráter em seus alunos para que eles, adultos, sejam provedores da paz, que tenham autoestima e que sejam seguros de si. As crianças são livres para escolherem o conteúdo que querem trabalhar e, após o professor observar cada aluno, ele

monta um planejamento individual, pois cada aluno trabalha no seu tempo. Vemos que o método é totalmente diferente do ensino regular, já que ele preza por um ambiente de harmonia, que seja respeitoso e pacífico. O método Montessori é baseado na observação, assim, os professores conseguem avaliar, planejar e auxiliar a dificuldade de cada aluno.

Já nos questionários enviados aos professores e aos coordenadores das escolas que não seguem o método Montessoriano, a primeira pergunta questionava se os entrevistados conheciam o método e, se sim, o que eles achavam dele. As respostas obtidas foram que todos conheciam este método e que eles o achavam interessante, prazeroso, educativo e estimulador da autonomia.

Na segunda pergunta, que falava se os entrevistados viam pontos positivos ou negativos nesse método, oito entrevistados falaram que viam pontos positivos, já que o método apresenta resultados e trabalha com autonomia, e apenas dois colocaram que viam pontos negativos, uma vez que algumas escolas se dizem Montessorianas, porém, não sabem aplicar esse método de forma adequada e que esse tipo de escola requer um empreendimento muito alto.

A terceira pergunta queria saber se os entrevistados já trabalharam com esse método, e as respostas recebidas foram que apenas dois entrevistados já trabalharam com o método e os demais falaram que já usaram alguns conceitos desse método, como brinquedos, jogos e atividades durante suas aulas, quando conquistaram bons resultados.

Já quando questionados, na quarta pergunta, se esse método funciona, todos falaram que sim, porém, o método precisa ser bem elaborado e aplicado na idade certa para a criança poder captar o método e desenvolver-se através dele.

Ao serem perguntados, na quinta pergunta, se eles conheciam algum brinquedo Montessoriano, somente um entrevistado disse que não conhecia, os demais conheciam brinquedos, tais como alfabeto móvel, ábaco, alinhavo, material dourado, jogos de encaixe, entre outros.

Como podemos ver no gráfico a seguir, a sexta e última pergunta questionava se esse método daria certo na escola em que os entrevistados trabalham, quatro falaram que não, pois a escola e os gestores não estão preparados, também porque falta estrutura pedagógica e social. Já os outros falaram que esse método daria certo nas escolas em que trabalham por conta dessas escolas já serem integrais e por conta de as crianças já possuírem um pouco de protagonismo.

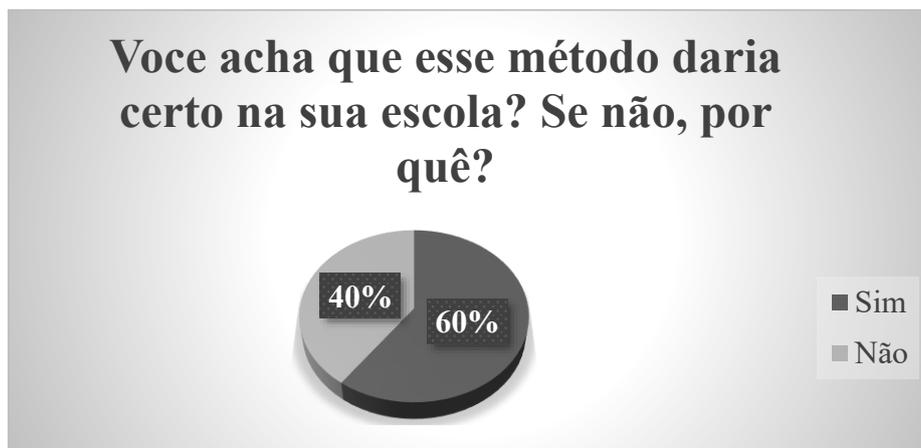


Figura 3 – Você acha que esse método daria certo na sua escola? Se não, por quê?

Fonte: Dados da própria pesquisa.

Pudemos concluir, após termos finalizado a análise desses questionários, que esse método funciona, porém, ele depende de muitos fatores para que possa ser inserido com sucesso, pois ele demanda mudanças na rede escolar; na infraestrutura; nos profissionais,

desde o professor até o diretor/coordenador; nos pais, uma vez que eles precisam aceitar o método, porque a criança aprende a ter autonomia e eles precisariam dar continuidade a este método em casa; nos alunos, já que eles precisam ter autonomia e eles também precisam entender que a liberdade não é libertinagem e, se a criança é induzida a esse método de maneira objetiva na primeira infância, o sucesso é garantido.

5 Considerações finais

Em vista dos fatos apresentados, pudemos constatar que a hipótese, que era mostrar os benefícios que este método traz para a educação, como é organizada uma escola Montessoriana, as diferenças entre uma escola tradicional e uma Montessoriana e alguns materiais didáticos produzidos por ela, foi comprovada, pois este método traz resultados satisfatórios para a formação da criança como indivíduos do mundo, já que ele é um método pacífico e harmonioso. Existem muitas diferenças entre uma escola Montessoriana e uma escola regular, e estes métodos possuem práticas e vivências diferentes, levando em conta a singularidade de cada aluno e trazendo benefícios e autonomia a seus alunos.

O objetivos, que eram entender a importância do método Montessoriano, relatar a vida e obra da Maria Montessori, analisar os materiais didáticos desenvolvidos por Montessori que englobam todas as disciplinas e falar como esse método é utilizado na prática dentro de algumas escolas, foram atingidos, uma vez que entendemos a importância do método Montessoriano diante de sua moldagem, pois é um método bem desenvolvido e moldado, que busca, principalmente, a autonomia e uma aprendizagem qualificada e prazerosa para as crianças. Pudemos relatar a vida e feitos de Maria Montessori, que foi a primeira mulher a se formar em medicina, após isso, graduando-se em pedagogia, antropologia e psicologia, que foi a base para ela desenvolver seu método, o qual ela adotou na Educação Infantil e, após isso, esse método ganhou o mundo.

Pudemos concluir que este método é somente aplicado em escolas Montessorianas, por ele necessitar de ambientes preparados às fases de aprendizado para poder disponibilizar o desenvolvimento autônomo e livre para as crianças. Não obstante isso, é uma forma de ensino e aprendizagem muito apreciada no mundo, inclusive por nosso grupo, uma vez que ele foge do tradicionalismo, pois não tem ênfase nos métodos de memorização e cópia, e o seu planejamento não é feito para toda a sala, mas é feito para atender as necessidades individuais de seus alunos. Neste método, é dada a oportunidade para seus alunos serem autônomos e buscarem os seus conhecimentos, sendo assim, o professor é considerado apenas um mediador e não o único detentor do saber, como no tradicional e, nas escolas Montessorianas, as salas de aulas são adaptadas para cada nível de aprendizado. Conforme abordado em todo o trabalho e de acordo com o que pudemos comprovar com nosso questionário, percebe-se que os principais motivos do método Montessoriano não poder ser aplicado em escolas que não são Montessorianas é por falta de mudanças nas redes escolares; mudanças por parte dos profissionais da educação, tais como professores, coordenadores, diretores, gestores e outros; por conta desse tipo de escola ser um investimento muito caro; por falta de mudança nos pais, uma vez que eles precisam aceitar esse método; e por falta de mudança nos alunos, já que eles precisam ser introduzidos nesse método desde pequenos para que o sucesso possa ser alcançado.

Agradecimentos

Agradecemos primeiramente a Deus, por ter nos dado força, sabedoria, calma e paciência; ao trabalho em equipe e dedicação que o grupo teve; agradecemos imensamente a Professora Doutora Angela Harumi Tamaru, nossa mentora, que nos

ajudou, dando auxílio desde o início de nossa trajetória, com suporte e luz em nossas ideias; e também às Faculdades Network, Nova Odessa, SP.

Referências

ALMEIDA, T. de. Montessori: o tempo o faz cada vez mais atual. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 1, n. 2, p. 9-19, jan. 1984. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/8857/8198>>. Acesso em: 12 mar. 2020.

BARRETO, R. de L.; ALMEIRA, V. L. M. C. de. Maria Montessori e sua contribuição para o ensino-aprendizagem de matemática. In: CONGRESSO ESTADUAL PAULISTA SOBRE FORMAÇÃO DE EDUCADORES, 10, 2009, Águas de Lindóia. **Formação de Professores e a Prática Docente: os dilemas contemporâneos**. São Paulo: UNESP, 2009. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/139601/ISSN2175-7054-2009-7970-7985.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 22 fev. 2020.

Benefícios do Método Montessori. Disponível em: <<http://www.montessoricampinas.com.br/beneficios-do-metodo-montessori/>>. Acesso em: 13 mar. 2020.

CAMPOS, S. B. de. **A institucionalização do método Montessori no campo educacional brasileiro (1914-1952)**. 2017. 392 f. Tese (doutorado) Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/186514/PEED1279-T.pdf?sequence=-1&isAllowed=y>>. Acesso em: 10 mar. 2020.

COSTA, M. S. P. Maria Montessori e seu método. **Linhas Críticas**, Brasília, v. 7, n. 13, p. 305-320, 2001. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/2914/2618>>. Acesso em: 11 mar. 2020.

FERRARI, M. **Maria Montessori, a médica que valorizou o aluno**. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/459/medica-valorizou-aluno>>. Acesso em: 12 mar. 2020.

FONTENELE, S. M. da C.; SILVA, K. de S. A contribuição do método montessoriano ao processo de ensino-aprendizagem na educação infantil. In: Fórum Internacional de Pedagogia, 4, Campina Grande, 2012. **Anais IV FIPED**, Campina Grande: REALIZE Editora, 2012. p. 1-11. Disponível em: <<http://editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/fface8385abbf94b4593a0ed53a0c70f.pdf>>. Acesso em: 13 mar. 2020.

FRAZÃO, D. Maria Montessori Pedagoga italiana. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/maria_montessori/>. Acesso em: 13 mar. 2020.

Figura 1. Disponível em: <<http://www.montessoricampinas.com.br/wp-content/uploads/2014/08/materna-05-full.jpg>>. Acesso em: 22 maio 2020.

Figura 2. Disponível em: <<http://www.montessoricampinas.com.br/wp-content/uploads/2014/08/infantile-22-full.jpg>>. Acesso em: 22 maio 2020.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Rev. adm. empres.** [online]. 1995, vol.35, n.3, p. 20-29. Disponível em:

<https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75901995000300004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 22 maio 2020.

LANCILLOTTI, S. S. P. Pedagogia montessoriana: ensaio de individualização do ensino. **Revista HISTEDBR On-line**, v. 10, n. 37e, p. 164-173, mai. 2010. Disponível em:

<<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639787/7350>>. Acesso em: 27 fev. 2020.

Material Montessori é uma ferramenta, não um brinquedo. Disponível em:

<<https://www.criandocomapego.com/material-montessori-e-uma-ferramenta-nao-um-brinquedo/>>. Acesso em: 22 maio 2020.

Método Montessori. Disponível em: <<https://larmontessori.com/o-metodo/>>. Acesso em: 13 mar. 2020.

OLIVEIRA, A. C. **Ambientes adaptados que estimulam a autonomia: Conheça o**

Método Montessori. Disponível em: <<https://leiturinha.com.br/blog/ambientes-adaptados-que-estimulam-a-autonomia-conheca-o-metodo-montessori/>>. Acesso em: 13 mar. 2020.

O que é método Montessori de ensino? Disponível em:

<<http://www.ebc.com.br/infantil/para-pais/2015/05/o-que-e-o-metodo-montessori-de-ensino>>. Acesso em: 13 mar. 2020.

PESSOA, A. F. Método pedagógico montessoriano contemporâneo e suas implicações na educação infantil. **Revista de Pesquisa Interdisciplinar**, Cajazeiras, v. 2, p. 320-332, ago. 2019. Disponível em:

<<http://revistas.ufcg.edu.br/cfp/index.php/pesquisainterdisciplinar/article/view/365/pdf>>. Acesso em: 13 mar. 2020.

Quem foi a revolucionária Maria Montessori? Disponível em:

<<https://escolainfantilmontessori.com.br/blog/maria-montessori/>>. Acesso em: 13 mar. 2020.

SILVA, G. **O que é o método Montessori?** Metodologia estimula aprendizado sem interferir no desenvolvimento da criança. Disponível em:

<<https://www.educamaisbrasil.com.br/educacao/escolas/o-que-e-o-metodo-montessori>>. Acesso em: 13 mar. 2020.

TRINDADE, R. Maria Montessori: educação, ciência e catolicismo. **Educação Unisinos**, Porto, v. 22, n. 3, p. 236-244, set. 2018. Disponível em:

<<http://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/edu.2018.223.01/60746423>>. Acesso em: 12 mar. 2020.

VILELA, S. H. Maria Montessori: o caminho dos sentidos. **Revista Teias**, v. 15, n. 38, p. 32-46, out. 2014. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24465/17443>>. Acesso em: 12 mar. 2020.

O RESGATE DAS BRINCADEIRAS ANTIGAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Beatriz Cristina de Godoi Reis¹

Ester Novelette²

Helena Prestes Reis³

Angela Harumi Tamaru⁴

Resumo

O brincar é uma parte essencial da vivência da infância de forma integral, sem tal vivência, o desenvolvimento pode ser comprometido e trazer consequências futuras para a vida do indivíduo adulto. A finalidade deste artigo é discutir a importância do brincar e a necessidade de resgatar as brincadeiras antigas. A seguinte pesquisa contou com uma fundamentação teórica que buscou mostrar a importância do brincar e da atividade lúdica dentro da Educação Infantil e, enquanto na análise de dados estão presente autores que buscaram defender o resgate das brincadeiras antigas na Educação Infantil. Quando uma educadora percebe as vantagens de um trabalho divertido, ela o adapta a determinadas situações de ensino de acordo com as necessidades de seus alunos. Afinal, como pesquisadora da sua própria prática, você deve buscar ações educativas eficazes.

Palavras-chaves: ludicidade, brincar, brincadeiras antigas, Educação Infantil, aprendizagem.

ABSTRACT

Playing is an essential part of childhood experience in an integral way, without such experience, development can be compromised and bring future consequences for the life of the adult individual. The purpose of this article is to discuss the importance of playing and the need to rescue old games. The following research had a theoretical foundation that sought to show the importance of playing and ludic activity within Early Childhood Education and, while analyzing data, there are authors who sought to defend the rescue of old games in Early Childhood Education. When an educator realizes the advantages of a fun job, she adapts it to certain teaching situations according to the needs of her students. After all, as a researcher of your own practice, you must seek effective educational actions.

Key words: *playfulness, playing, old games, early childhood education, learning.*

Introdução

A brincadeira é uma alta qualidade e pode fazer uma grande diferença na vida de uma criança, além de proporcionar experiências de conhecimento que, por sua vez, refletirão no futuro do indivíduo. O brincar contribui de uma forma única para o processo de formação de uma criança e, pode-se dizer que ele é um conjunto incrível entre a atenção e o planejamento de um adulto com a criança. É importante ressaltar que o brincar durante a infância é um direito garantido, tanto previsto na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) como no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e, tais devem ser respeitados e cumpridos.

É comum nos dias de hoje, vemos crianças pequenas, muitas vezes de meses, vidradas em aparelhos eletrônicos e, tais aparelhos veem tomando o espaço das tradicionais brincadeiras e jogos. Segundo Dias (2006) citado por Castro (2018):

“As crianças, atualmente, vêm perdendo esta cultura produzida pela humanidade ao longo dos tempos. Além disto, ela mesma vem se perdendo enquanto produtora da sua própria cultura de jogos e brincadeiras. E o que se tem constatado é a grande influência da indústria cultural neste processo.” (DIAS, 2006 apud. CASTRO, 2018)

Continua Castro (2018):

“A aplicação do resgate das brincadeiras foi um meio de estimular, analisar e avaliar aprendizagens específicas das crianças. Além disso, o lúdico envolve motivação, interesse, e satisfação, ativando aspectos referentes às emoções e à afetividade, componentes importantes no processo de construção do conhecimento.” (CASTRO, 2018).

Após vários anos sendo considerado apenas um local de assistencialismo, as escolas de Educação Infantil são, atualmente, tais espaços possuem novas funções, se tratam de lugares onde crianças aprendem e interagem umas com as outras, e para que haja um desenvolvimento completo, é necessário que os profissionais da área estejam familiarizados com as metodologias atuais que abordam maneiras de desenvolver nessas crianças, o interesse em aprender e, em razão do público alvo, o principal meio de aprendizagem nesta faixa etária são as brincadeiras, músicas e jogos. Segundo Vygotsky (19--?) que afirma em uma de suas citações a seguinte fala:

“a brincadeira é entendida como atividade social da criança, cuja natureza e origem específicas são elementos essenciais para a construção de sua personalidade e compreensão da realidade na qual se insere.” (VYGOTSKY, 19--?)

Lembrando que todas essas perspectivas e metodologias utilizadas na área de Educação Infantil necessitam ser bem trabalhadas para que assim, a criança consiga se auto conhecer e explorar todos os seus reflexos e todas as suas capacidades, além de fortalecer sua imaginação, criatividade e disposição. De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), é possível perceber e entender que é na Educação Infantil onde uma criança começa o seu desenvolvimento emocional, cognitivo e social, através do convívio com outras crianças. Além de desenvolver o elo emocional, tanto em crianças e em pais, as brincadeiras possuem como principal objetivo, estimular e avaliar as aprendizagens que uma criança pode absorver brincando. Para Brougère (1998) a

criança se desenvolve através do brincar, ampliando seu imaginário, entrando na cultura lúdica. Essa ludicidade é definida como o universo imaginário da criança, conhecido também como o “mundo do faz de conta”, onde é possível criar e recriar alguns problemas muitas vezes, cotidianos, através das brincadeiras e, este elemento lúdico torna-se, sem dúvidas, motivador e estimulador para a aprendizagem e desenvolvimento infantil.

Pode-se notar um aumento gradativo na inclusão de atividades lúdicas nos currículos escolares infantis, no sentido de favorecer a preservação da cultura em nossa sociedade; além do prazer, estas favorecem o desenvolvimento integral da criança, controlam a agressividade, proporcionam a realização de desejos, a adaptação ao grupo social de convívio, o desenvolvimento da afetividade entre os companheiros, a vivência de sentimentos diferentes, entre outros aspectos. Desse modo, contribuem decisivamente para o pleno desenvolvimento da criança, como ser social, inteligente e livre. (BENJAMIM, 1997, p.52). A escola pode ser um espaço perfeito para esse resgate, pois, é brincando que a criança descobre o mundo, pois, se trata de algo totalmente espontâneo, que se realiza naturalmente, sem cobrança alguma. Enquanto a criança está simplesmente brincando, ela pode estar agregando dentro de seu conhecimento, valores, conceitos e conteúdos que servirão para o seu crescimento como ser humano.

Revisão bibliográfica

A Educação Infantil possui um longo histórico que, quando olhamos, vemos que sua proposta inicial era completamente diferente da que conhecemos hoje em dia, tais espaços tinham a mera função de assistencialismo, onde as crianças eram tratadas fisicamente enquanto suas mães trabalhavam; Áries (1986) aponta:

“A aparição da criança como categoria social se dá lentamente entre os séculos XIII e XVII. Esse “descaso” era natural devido o alto grau de mortalidade infantil. [...] Somente século XVI e início do XVII que surge uma radical mudança na pedagogia familiar e social possibilitada por novas condições de vida.” (ÁRIES, 1986)

Essa mudança promoveu o estabelecimento de instituições educacionais e serviu de pontapé para se discutir formas de educar as crianças fora do ambiente familiar e, a partir do início deste século, o aprendizado passou a ser realizado em ambiente escolar. Com a popularidade da escola como uma instituição social, o conceito de infância ganhou outros significados. Historicamente, a demanda por educação pré-escolar reflete diretamente grandes mudanças sociais; mudanças econômicas e políticas ocorridas na Europa desde o século XVIII (CORAZZA, 2002). Com o desenvolvimento da sociedade, mudanças ocorreram, a infância atraiu a atenção dos estudiosos e as crianças são vistas como indivíduos com direitos, sendo assim, as pessoas não pensam mais que creches ou escolas são locais que cuidam apenas de crianças, agora, elas possuem atividades com planejamento e objetivo educacional.

No Brasil, a história da Educação Infantil está intimamente ligada à entrada das mulheres no mercado de trabalho, durante os anos 40; muitas mulheres sem opções de onde deixar seus filhos, recorriam as “criadeiras” que, nada mais eram que mulheres que cuidavam de diversas crianças de uma só vez e, muitas vezes, em situações precárias de higiene. Sendo assim, as creches surgiram através de uma necessidade de substituir essas “criadeiras” que, por sua vez eram consideradas as principais responsáveis pela alta taxa de mortalidade infantil. Esse início é uma das principais razões pelas quais as creches há muito são associadas aos conceitos de assistencialismo.

Nas décadas de 70 e 80, com o advento de pesquisas e novos conceitos sobre a infância, essa realidade começou a mudar.

A Constituição de 1988 foi o primeiro marco importante na história da educação infantil e, pela primeira vez, a Constituição reconheceu a creche e a pré-escola como parte do sistema educacional do país. Em 1996, através das Diretrizes e Lei Básica da Educação Nacional (LDB), foi estipulado que a educação infantil era de responsabilidade do município e estabelecia a seguinte abrangência: creches para crianças de 0 a 3 e 2 anos. Pré-escola para crianças menores de 4 a 6 anos. A lei eleva a educação infantil à primeira etapa da educação básica, obrigando-a a ser combinada com o ensino fundamental.

A BNCC define a Educação Infantil dentro da Educação Básica da seguinte forma:

“Nas últimas décadas, vem se consolidando, na Educação Infantil, a concepção que vincula educar e cuidar, entendendo o cuidado como algo indissociável do processo educativo. Nesse contexto, as creches e pré-escolas, ao acolher as vivências e os conhecimentos construídos pelas crianças no ambiente da família e no contexto de sua comunidade, e articulá-los em suas propostas pedagógicas, têm o objetivo de ampliar o universo de experiências, conhecimentos e habilidades dessas crianças, diversificando e consolidando novas aprendizagens, atuando de maneira complementar à educação familiar – especialmente quando se trata da educação dos bebês e das crianças bem pequenas, que envolve aprendizagens muito próximas aos dois contextos (familiar e escolar), como a socialização, a autonomia e a comunicação.” (BRASIL, 2018)

É na Educação Infantil onde a criança poderá desenvolver características e habilidades importantes para a sua vida, como autonomia, consciência corporal e de pertencimento e comunicação para com os seus e outros; todas as atividades dentro dessa fase escolar devem ser articuladas com o propósito de desenvolver os aspectos iniciais da criança para que ela consiga a desvendar o mundo que a cerca. Nesse sentido, para fortalecer a aprendizagem e o desenvolvimento infantil, a prática do diálogo e da comunicação são essenciais nesta fase; a responsabilidade entre a instituição de educação infantil e a família é de extrema importância e, além disso, a instituição precisa entender e trabalhar esse diálogo fazendo uso do multiculturalismo, diálogo com riqueza familiar, comunitária e de diversidade cultural. A BNCC que, atualmente, é a norteadora da educação no Brasil, trabalha com a seguinte definição de criança tirada das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI) que no artigo 4º, define a criança como:

“Sujeito histórico e de direitos, que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASIL, 2009).”

Se baseando nesta definição proposta pelo DCNEI e no artigo 9º do mesmo documento, a BNCC define como eixos bases das práticas pedagógicas desta fase a **brincadeira** e a **interação**, experiências onde as crianças poderão construir e aprender através das suas próprias ações e

interações com as outras crianças e os adultos que mediarão tais atividades. Com base nesses eixos bases das praticas pedagógicas, a BNCC propõe seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento que asseguram as condições para o aprendizado integral da criança dentro desta fase. O primeiro direito se refere ao direito de conviver:

“Conviver com outras crianças e adultos, em pequenos e grandes grupos, utilizando diferentes linguagens, ampliando o conhecimento de si e do outro, o respeito em relação à cultura e às diferenças entre as pessoas.” (BRASIL, 2018)

O segundo se refere ao direito de **brincar**:

“Brincar cotidianamente de diversas formas, em diferentes espaços e tempos, com diferentes parceiros (crianças e adultos), ampliando e diversificando seu acesso a produções culturais, seus conhecimentos, sua imaginação, sua criatividade, suas experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais.” (BRASIL, 2018)

O terceiro se refere ao direito de **participar**:

“Participar ativamente, com adultos e outras crianças, tanto do planejamento da gestão da escola e das atividades propostas pelo educador quanto da realização das atividades da vida cotidiana, tais como a escolha das brincadeiras, dos materiais e dos ambientes, desenvolvendo diferentes linguagens e elaborando conhecimentos, decidindo e se posicionando.” (BRASIL, 2018)

O quarto se refere ao direito de **explorar**:

“Explorar movimentos, gestos, sons, formas, texturas, cores, palavras, emoções, transformações, relacionamentos, histórias, objetos, elementos da natureza, na escola e fora dela, ampliando seus saberes sobre a cultura, em suas diversas modalidades: as artes, a escrita, a ciência e a tecnologia.” (BRASIL, 2018)

O quinto se refere ao direito de **expressar**:

“Expressar, como sujeito dialógico, criativo e sensível, suas necessidades, emoções, sentimentos, dúvidas, hipóteses, descobertas, opiniões, questionamentos, por meio de diferentes linguagens.” (BRASIL, 2018)

E o sexto e ultimo se refere ao direito de **conhecer-se**:

“Conhecer-se e construir sua identidade pessoal, social e cultural, constituindo uma imagem positiva de si e de seus grupos de pertencimento, nas diversas experiências de cuidados, interações, brincadeiras e linguagens vivenciadas na instituição escolar e em seu contexto familiar e comunitário.” (BRASIL, 2018)

A BNCC também define **campos de experiência** que, indicam quais são as experienciais essenciais para o desenvolvimento da criança nesta fase escolar. Tais campos mostram as noções, habilidades, atitudes, valores e afetos que as crianças necessitam desenvolver na faixa etária de 0 a 5 anos. Esses campos também indicam formas de garantir os direitos de aprendizagem dos bebês, crianças bem pequenas e crianças pequenas sejam respeitados e garantidos, dando assim, o acesso ao conhecimento que virá com cada experiência que a criança vai viver no ambiente escolar. Em entrevista para a revista digital Nova Escola, a assessora pedagógica e formadora Silvana Augusto diz:

“As atividades propostas à criança devem ser bem planejadas, o próprio cuidar não pode ser algo mecânico. A criança precisa ter tempo e espaço para se expressar e o professor tem de estar aberto para acompanhar as reações dela, que serão sempre únicas e pessoais.” (BRASIL ESCOLA, 20?)

Sendo assim, é importante é que o comportamento e o planejamento do professor seja totalmente voltado para as necessidades e interesses da criança, para que a experiência se torne uma experiência e tenha, de fato, um propósito educacional. E é aqui que o educador deve articular as brincadeiras, mas principalmente, compreender a importância de tal atividade.

Para definir o brincar infantil, enfatizamos a importância do brincar para o desenvolvimento global do ser humano nos aspectos físico, social, cultural, emocional e cognitivo. Portanto, é preciso conscientizar a todos, não somente educadores, sobre a importância de tal atividade na infância, deixando claro que o brincar também faz parte de um processo de aprendizagem prazerosa, que não se trata apenas de lazer, mas também reflete um possível comportamento. Nesse caso, o brincar na educação infantil permite que a criança estabeleça regras compostas por ela mesma e por um grupo de pessoas, auxiliando na integração dos indivíduos na sociedade. Dessa forma, as crianças resolverão conflitos e suposições e, ao mesmo tempo, desenvolverão a capacidade de compreender diferentes pontos de vista para que possam compreender e provar suas próprias visões e a de terceiros. É importante compreender e incentivar a criatividade das crianças, porque do ponto de vista lógico da criança, esta é uma forma de relações mundiais e entretenimento. Segundo Oliveira (2000) citado por Fantacholi (2009):

“O brincar não significa apenas recrear, é muito mais, caracterizando-se como uma das formas mais complexas que a criança tem de comunicar-se consigo mesma e com o mundo, ou seja, o desenvolvimento acontece através de trocas recíprocas que se estabelecem durante toda sua vida. Assim, através do brincar a criança pode desenvolver capacidades importantes como a atenção, a memória, a imitação, a imaginação, ainda propiciando à criança o desenvolvimento de áreas da personalidade como afetividade, motricidade,

inteligência, sociabilidade e criatividade.” (OLIVEIRA, 2000 apud. FANTACHOLI, 2009)

Em um de seus estudos, Vygotsky (1998) parte da ideia de que o sujeito se constrói através das relações com terceiros, sejam esses família ou qualquer outra pessoa que ele interaja, por meio de atividades consideradas humanas que são intervindas pelo manuseio de ferramentas técnicas e semióticas. Sendo assim, a brincadeira infantil assume um papel principal para que seja possível o desenvolvimento humano, quebrando a visão de que tal atividade é para mero prazer e desprovida de qualquer valor educativo. O mesmo autor ainda aponta que a brincadeira como uma forma que a criança usa para se expressar e de se apropriar dos conhecimentos que surgem em sua vida; a criança, por meio da brincadeira, atividades lúdicas se coloca, de forma simbólica, em situações diversas que ela mesma pode vir a vivenciar no futuro, organizando sentimentos, conhecimentos, adotando posturas e atitudes para determinada situação.

Zanluchi (2005) citado por Fantacholi (2009):

“Quando brinca, a criança prepara-se a vida, pois é através de sua atividade lúdica que ela vai tendo contato com o mundo físico e social, bem como vai compreendendo como são e como funcionam as coisas.” (ZANLUCHI, 2005 apud. FANTACHOLI, 2009).

Com isso, colocamos em foco que quando uma criança brinca, ela muitas vezes, se mostra mais madura, pois entra de forma lúdica no mundo dos adultos que, por sua vez, dá mais espaço para que aquela criança se insira naquele mundo e aprenda a lidar com outras situações. Sendo assim, a brincadeira se mostra de extrema importância para o desenvolvimento infantil, na medida em que a criança pode produzir novos significados e transformar aqueles que já existem; em situações onde o indivíduo é estimulado, pode-se claramente observar em qualquer situação que, a criança sai da subordinação do significado de um objeto, dando ao mesmo, um significado novo, mostrando o progresso de seu desenvolvimento.

O ato de brincar da criança acontece em seus momentos cotidianos, sendo assim, Oliveira (2000) considera o “brincar” da criança como um processo de humanização, no qual o indivíduo consegue conciliar a brincadeira com a realidade, assim, criando vínculos mais duradouros, conseguindo desenvolver sua capacidade de raciocinar, julgar, argumentar, encontrar soluções e propor suas próprias conclusões. A brincadeira é muito importante para o crescimento das crianças, e seus métodos e brincadeiras vão aparecendo gradativamente na vida das crianças a partir das regras mais práticas; tais elementos trazem experiências mais complexas que, por sua vez, permitem mais conquistas e a criação da personalidade da criança. Como podemos perceber, as brincadeiras e o brincar são fontes infinitas de ludicidade e afetividade; para uma real aprendizagem se faz necessário que o aluno construa seu conhecimento, entenda de forma completa os conteúdos e, tais quesitos podem ser conquistados através de jogos e brincadeiras. Carvalho (1992) afirma que:

(...) “desde muito cedo o jogo na vida da criança é de fundamental importância, pois quando ela brinca, explora e manuseia tudo aquilo que está a sua volta, através de esforços físicos e mentais e sem se sentir coagida pelo adulto, começa a ter sentimentos de liberdade, portanto, real valor e atenção as atividades vivenciadas naquele instante. (...) o ensino absorvido de maneira lúdica, passa a adquirir um aspecto significativo e afetivo no curso

do desenvolvimento da inteligência da criança, já que ela se modifica de ato puramente transmissor a ato transformador em ludicidade, denotando-se, portanto em jogo. “ (CARVALHO, 1992)

As ações do jogo devem ser criadas e recriadas para que sejam sempre novas descobertas e sempre se transformem em novos jogos e novas formas de jogar. Quando uma criança está brincando, sem ela saber, ela está fornecendo todo tipo de informação sobre ela, seja no ambiente doméstico ou escolar, a brincadeira pode ajudar a estimular seu desenvolvimento global. Fantacholi (2009) diz que:

“É brincando também que a criança aprende a respeitar regras, a ampliar o seu relacionamento social e a respeitar a si mesma e ao outro. Por meio da ludicidade a criança começa a expressar-se com maior facilidade, ouvir, respeitar e discordar de opiniões, exercendo sua liderança, e sendo liderados e compartilhando sua alegria de brincar. Em contrapartida, em um ambiente sério e sem motivações, os educandos acabam evitando expressar seus pensamentos e sentimentos e realizar qualquer outra atitude com medo de serem constrangidos.” (FANTACHOLI, 2009)

Durante a fase da Educação Infantil, o brincar é um potente estratégia e ferramenta para a chamada “aprendizagem experimental”, visto que tal atividade permite vivenciar o processo de socialização. A atividade lúdica propõe uma alfabetização mais significativa dentro da ação educacional, incorporando conhecimento por meio de padrões de conhecimento de mundo; o lúdico mostra o aproveitamento escolar que vai além de conhecimento, oralidade, pensamento e sentido. Goés (2008) diz:

“(…) a atividade lúdica, o jogo, o brinquedo, a brincadeira, precisam ser melhorado, compreendidos e encontrar maior espaço para ser entendido como educação. Na medida em que os professores compreenderem toda sua capacidade potencial de contribuir no desenvolvimento infantil, grandes mudanças irão acontecer na educação e nos sujeitos que estão inseridos nesse processo.” (GOÉS, 2008)

Ao compreender a importância da brincadeira, os professores descobrem uma nova maneira de ensinar e formas de intervir durante tal processo de forma apropriada, não descaracterizando e nem interferindo de forma que o prazer de tal atividade lúdica seja estragado. Sendo assim, cabe ao professor criar um ambiente que disponha de elementos que motivem os alunos, pensar em atividades que desenvolvam nas crianças conceitos iniciais de leitura, números, lógica e outros. O professor também deve incentivar através das brincadeiras, o trabalho em grupo que proporcione a resolução de problemas, fazendo que eles consigam expressar seus próprios pontos de vista em relação ao outro.

A partir das leituras desses autores, podemos perceber que o lúdico, brincadeiras, brinquedos e jogos são as formas pelas quais as crianças se relacionam com o meio físico e social em que vivem, despertando sua curiosidade e ampliando seus conhecimentos. As habilidades estão nos aspectos físicos, sociais, culturais, emocionais, afetivos e cognitivos, portanto, contamos com um embasamento teórico para inferir a importância de proporcionar experiência na educação infantil.

Metodologia

Essa pesquisa se qualifica qualitativa com foco bibliográfico na perspectiva da importância do resgate das brincadeiras antigas na Educação Infantil. Foi elaborado um grande repertório de autores que também pesquisaram sobre o tema, onde através de suas conclusões e estudos realizados pelas autoras do presente artigo durante os anos de graduação, auxiliaram a chegar aos resultados e conclusões.

A pesquisa qualitativa, segundo Gerhardt e Silveira (2009):

“A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria.” (GERHARDT, SILVEIRA, 2009, pg. 31)

A pesquisa qualitativa se refere a um método de investigação científica que possui foco no caráter subjetivo do objeto de estudo do trabalho, fazendo um estudo de suas particularidades. Segundo o *site* “Significados” (2010), na pesquisa qualitativa, as respostas analisadas não são objetivas e o foco não está na contabilização de quantidades, mas sim em entender o comportamento do objeto de estudo. Nas pesquisas de caráter qualitativas são realizadas com números pequenos de dados com o intuito de analisar a qualidade e vale ressaltar, que essas pesquisas, a opinião do pesquisador deve estar integrada.

A coleta de dados se trata de uma parte importante e, consiste em juntar informações e documentos que ajudem a firmar a tese proposta em uma pesquisa. Segundo Gerhardt e Silveira (2009):

“A coleta de dados compreende o conjunto de operações por meio das quais o modelo de análise é confrontado aos dados coletados. Ao longo dessa etapa, várias informações são, portanto, coletadas. Elas serão sistematicamente analisadas na etapa posterior. Conceber essa etapa de coleta de dados deve levar em conta três questões a serem respondidas: O que coletar? Com quem coletar? Como coletar?” (GERHARDT, SILVEIRA, 2009, pg. 56)

A pesquisa bibliográfica é baseada em materiais publicados, como livros, artigos, periódicos e na Internet. Pode-se dizer que esta categoria de pesquisa é um tipo de revisão bibliográfica ou levantamento bibliográfico. Gil (2007) explica que o exemplo mais comum desse tipo de pesquisa é o estudo da ideologia, ou seja, o estudo que se propõe a analisar diferentes posicionamentos sobre o tema.

Segundo Boccato (2006):

“A pesquisa bibliográfica busca a resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e

discutindo as várias contribuições científicas. Esse tipo de pesquisa trará subsídios para o conhecimento sobre o que foi pesquisado, como e sob que enfoque e/ou perspectivas foi tratado o assunto apresentado na literatura científica. Para tanto, é de suma importância que o pesquisador realize um planejamento sistemático do processo de pesquisa, compreendendo desde a definição temática, passando pela construção lógica do trabalho até a decisão da sua forma de comunicação e divulgação.” (BOCCATO, 2006).

Análise de dados

Nas últimas duas décadas, a tecnologia fez grandes avanços. Muitas coisas mudaram e quase não há jogos de 30 anos atrás. Isso porque os jogos eletrônicos vêm substituindo os jogos tradicionais em espaços urbanos cada vez mais restritos, causando uma série de prejuízos à formação e ao desenvolvimento das crianças. Portanto, é preciso salvar os jogos tradicionais e os brinquedos que, foram trocados pelos brinquedos eletrônicos da sociedade tecnológica e de consumo. Isso porque as atividades lúdicas estimulam a representação e expressão de imagens que evocam todos os aspectos da realidade. Dessa forma, a criança aprende a reconhecer e agir no mundo ao seu redor.

Dada à conveniência e o apelo dos jogos eletrônicos, os jogos populares são esquecidos pelas crianças. No passado, o comum era que crianças se divertissem em locais públicos, mas agora, com as mudanças na sociedade, esses locais desapareceram. Portanto, as escolas buscam cada vez mais incorporar atividades recreativas nos currículos das escolas infantis, a fim de proteger a cultura de nossa sociedade. Além da diversão, também promovem o desenvolvimento integral, auxiliam no controle da agressividade, proporcionam a realização de desejos, se adaptam aos grupos sociais que convivem, desenvolvimento emocional entre parceiros, vivência de diferentes sentimentos e etc. Deste modo, as brincadeiras e jogos antigos contribuem para o desenvolvimento global da criança como pessoa social, inteligente e livre, desempenham um papel decisivo. Associados aos costumes populares e à socialização, os jogos tradicionais ajudam a desenvolver a coordenação motora, explorar, equilibrar, respeitar as regras e aspectos. Segundo Rodrigues, Santana e Santos (2008):

"Sabe-se que a vida cotidiana serve como base para a construção de conhecimentos. Sendo assim, a relação entre a cultura popular e a pedagogia aplicada em sala de aula, deve organizar-se em torno do prazer e na utilização dos instrumentos como transmissão de linguagens, códigos, valores entre outros fatores." (SANTOS, RODRIGUES, SANTOS, 2008)

Portanto, a cultura popular deve ser vista como uma forma de conhecimento e investimento na experiência pedagógica. A importância disso é perceber que as massas são o campo de prática da trindade: conhecimento, poder e prazer. Buscar criar espaços interconectados para se engajar nas relações cotidianas, ao invés de apenas ver a cultura popular como uma simples questão de identificar ideologias e origens.

A cultura das brincadeiras tradicionais se destaca por meio de expressões simbólicas e, em geral, tal cultura é compartilhada por adultos que moram com seus filhos. Porém, o estilo de vida da população, o progresso tecnológico e a ciência mudaram o espaço e o tempo do jogo. Devido à estrutura da sociedade atual: medo, a violência e o individualismo, as crianças saem das

ruas e passam a ocupar espaços dentro de suas próprias casas. A função social da brincadeira é promover a interação entre os jogadores, fornecer-lhes o conhecimento de diferentes culturas e respeitar a cultura original de cada um. Como educadores, temos a obrigação de apoiar o exercício desta função social, contribuindo assim para a formação de valores e o desenvolvimento de princípios, e prezamos profundamente as raízes da nossa cultura.

Friedmann (1995) salientou a importância de guardar os jogos tradicionais, pois fazem parte da nossa tradição lúdica. Ele também enfatizou que os jogos tradicionais desempenham um papel importante no desenvolvimento das habilidades físicas, motoras, sociais, emocionais, cognitivas e de linguagem das crianças. De acordo com Fantin (2000):

"Resgatar a história de jogos tradicionais infantis, como a expressão da história e da cultura, pode nos mostrar estilos de vida, maneiras de pensar, sentir e falar, e sobretudo, maneiras de brincar e interagir. Configurando-se em presença viva de um passado no presente." (FANTIN, 2000)

Uma situação comum é que vários professores acreditam que os alunos deveriam participar das aulas de Educação Física como um momento de brincadeira com professores que "sabem como e que tipo de exercícios direcionar". Essa noção de restringir a brincadeira ao espaço fora da sala de aula mostra que existe uma falta de conhecimento sobre o poder da brincadeira no ensino. (KISHIMOTO, 2001).

Kishimoto (1996) também diz que:

"As imagens sociais dos tempos passados perdem-se, guardados em gavetas que não foram mais abertas em virtude do novo modo de vida dos tempos atuais que impede a transmissão oral dentro de espaços públicos. Cabe à escola a tarefa de tornar disponível o acervo cultural que dá conteúdo a expressão imaginativa das crianças, abrir o espaço para que a escola receba outros elementos da cultura que não a escolarizada para que beneficie e enriqueça o repertório imaginativo da criança." (KISHIMOTO, 1996).

Portanto, deve-se ressaltar que a escola e o professor são os mediadores entre as brincadeiras tradicionais e as crianças, ou seja, é interessante que as escolas disponibilizem espaços suficientes para trazer as brincadeiras tradicionais de forma a despertar o interesse das crianças. Portanto, quando as crianças dispõem de espaço suficiente, a brincadeira torna-se muito mais divertida e, a escola se torna uma aliada na disponibilização desses espaços. Sendo assim, proporcionar às crianças a interação com as brincadeiras ou jogos antigos tradicionais é transmitir às crianças o conhecimento de que esses jogos e brincadeiras não são apenas processamento de objetos, mas a oportunidade de explorar locais ao ar livre, proporcionando às crianças a possibilidade de correr e pular em um espaço livre. Straub (2010) diz:

"Os corpos das crianças, ininterruptamente, são moldados para agir segundo condutas consideradas adequadas socialmente, a as brincadeiras, por sua vez, são significativas nesse processo de regulação de seus corpos no tempo, no espaço e nos gestos." (STRAUB, 2010)

Por meio de brincadeiras, as crianças formarão sua própria maneira de ver o mundo, as crianças se desenvolverão e também compreenderão seu papel na sociedade. Cunha (2001):

“Brincar desenvolve as habilidades da criança de forma natural, pois brincando aprende a socializar-se com outras crianças, desenvolve a motricidade, a mente, a criatividade, sem cobrança ou medo, mas sim com prazer”. (CUNHA, 2001)

Resgatar as brincadeiras antigas é uma parte muito importante para o raciocínio das crianças, pois têm contribuído enormemente para o desenvolvimento das crianças de hoje. Tanto as brincadeiras quanto os jogos antigos contribuem para o desenvolvimento das crianças de várias formas, por isso professores e escolas devem estar de acordo e propor situações lúdicas, e desenvolver projetos com as crianças, para que seja possível promover tal resgate e, para que as crianças tenham também a experiência de vivenciar algo que foi vivenciado por seus pais e avós. Quando a escola e o professor rotineiramente fazem esse resgate, tal ação pedagógica fornece novas experiências e conhecimentos para a vida das crianças.

Como o tempo da infância até a idade adulta é muito longo e o espaço social das crianças é limitado a pequenos grupos, como famílias e escolas, os materiais de referência histórica são muito importantes porque sua experiência é tecida em torno deles. Essas experiências quase sempre são estabelecidas na memória dos adultos e, dependendo das conexões estabelecidas entre o indivíduo e a família, ações futuras podem ser atualizadas e concluídas com mais facilidade. Considerando a importância da brincadeira para o desenvolvimento infantil, é importante tanto para o educador quanto para a escola, compreender a interpretação contemporânea da brincadeira, os recursos e métodos que ela fornece para as crianças.

Focando na Educação Infantil, os educadores infantis devem considerar que o brincar é uma realidade diária na vida das crianças e é necessário impedi-las de exercer a imaginação. Pois, na educação infantil, o brincar é um meio fundamental para a criança resolver seus problemas emocionais, e também é uma das características das manifestações infantis. No entanto, o método de ensino atual carece de um método de ensino que tome o brincar como eixo do trabalho infantil. Portanto, poucas escolas investem nesse aprendizado. A maior parte deles simplesmente ignora o jogo: na sala de aula, ou é usado apenas como ensino ou é considerado uma perda de tempo. Rodrigues, Santana e Santos (2008) citam Brougere (1998) e dizem algo importante sobre a questão de como essas brincadeiras devem ser trabalhadas:

“No entanto, são os professores que devem criar oportunidades de jogo para aprimorar a aprendizagem e o desenvolvimento geral dos alunos.” (RODRIGUES, SANTANA E SANTOS, 2008 apud. BROUGERE, 1998).

Por meio dessa proposta, a criança representa a fala externa e internaliza-a, estabelecendo assim sua própria mente. Portanto, cabe ao adulto passar uma determinada maneira de ver as coisas para a criança. Pode-se dizer que o brincar precisa ocupar um lugar na prática pedagógica, tendo como espaço, a sala de aula. Muito se pode trabalhar a partir do jogo e da brincadeira. Contar, ouvir histórias, dramatizar, jogar, desenhar entre outras coisas, constituem meios prazerosos de aprendizagem. Porém, a utilização de atividades lúdicas em ambiente educacional requer compreensão e domínio das atividades aplicadas para que os educadores possam intervir ativamente no crescimento das crianças por meio de jogos, pois a educação tem um impacto

significativo nesse crescimento, conforme já mencionado, pois garante a ela O primeiro contato com o mundo exterior e a diversidade da sociedade ao seu redor.

Portanto, a relação entre ensino e aprendizagem deve garantir o desenvolvimento integral da criança por meio de jogos e brincadeiras. Portanto, é necessário selecionar atividades adequadas e disponibilizar recursos materiais, espaciais e temporais para enriquecer as sugestões pedagógicas. A função da escola é promover o desenvolvimento das atividades físicas e intelectuais e proporcionar acesso às mais diversas formas de construção do pensamento.

Nesse caso, toda ação lúdica deve ter uma base pedagógica, pois a liberdade de ação é muito importante para o ser humano e as crianças precisam aprender sozinhas. Para manter o jogo interessante, os adultos devem se limitar a sugerir, estimular e explicar, em vez de realizar certas ações para a criança, porque ela aprendeu a usar o jogo por meio da descoberta e da compreensão, em vez de simples imitação. (BRANDÃO, 1997). Portanto, o professor deve mediar a construção do conhecimento, propondo atividades interessantes, criativas e significativas. Agora é a hora de fazer a diferença, para que os alunos possam sentir, acreditar e se tornar participantes, relacionados ao seu meio ambiente, é um assunto alegre e crítico.

Conclusão

Com este trabalho, nós concluímos a Educação Infantil passou por inúmeras mudanças até a sua atual situação; onde antes era um local de assistencialismo, se tornou um espaço com um grande significado não só na vida das crianças, mas na vida dos pais, da comunidade e da Educação. Concluímos também que a intenção da Educação Infantil é aproximar os alunos da escola e manter a motivação neste ambiente. Por isso, é necessário utilizar recursos que diversifiquem a prática docente, busquem tornar o espaço da sala de aula confortável, interessante e relaxante, e que estabeleçam um vínculo entre professores e alunos. Portanto, as atividades lúdicas na realidade da educação infantil são muito importantes, pois brincar é a vida da criança, que é uma forma agradável para ela se movimentar e ser independente. Os profissionais da educação devem utilizar jogos e brincadeiras em seu dia a dia, pois são ferramentas essenciais para bons resultados, ou seja, entender que o brincar e jogar em sala de aula traz diversão para alunos e alunos. Para o professor, a criança tenta se adaptar às condições proporcionadas pelo mundo, coopera com seus pares, convive como ser social, enfim, é se preparar para a vida.

O brincar na infância é muito importante para o desenvolvimento da criança na fase inicial. É por meio desses processos que a criança pode ganhar experiência e desenvolver seu potencial cognitivo, aprenda a lidar com o meio ambiente, e se defenda em muitas outras formas de desenvolvimento que são essenciais para esta idade. No brincar, que as crianças interagem com seus pares no processo de construção de novos significados, expondo novas ideias, interagindo e conquistando relações sociais entre si, em conflitos, em situações específicas, sociais, históricas e culturais, e assim por diante. É na brincadeira que se cria um mundo onde os desejos possam ser realizados por meio da imaginação. Esta é na verdade uma atividade mental específica da consciência humana, que ocorre apenas em crianças mais velhas. As brincadeiras desempenham um papel vital no desenvolvimento físico e psicológico das crianças. Nessa perspectiva, os brinquedos permitem que as crianças entendam e analisem o mundo e construam sua própria personalidade.

O uso de jogos e brincadeiras na Educação Infantil no currículo da educação infantil é muito importante, pois os jogos e brincadeiras precisam ganhar um lugar, o tempo planejado para um propósito apropriado. Garantir que haja um espaço lúdico nas instituições de ensino é garantir

o ensino na perspectiva da socialização do meio, construindo relações com os outros, assimilando diferentes culturas, aprendizagens, determinação e escolha, e ampliando o imaginário, os horizontes e a criatividade dos alunos. Dessa forma, a ressignificação é parte imprescindível dos jogos e atividades lúdicas, proporcionando condições para que os alunos se formem e se desenvolvam em lugares em constante mudança. O espaço e o tempo dos alunos devem incluir todo o seu desenvolvimento. Os alunos têm direito a uma educação de alta qualidade e brincar em instituições de ensino é uma ferramenta de aprendizagem. Mas para realmente fazer isso, os educadores devem usar o espaço de planejamento e procurar atividades para que o aprendizado possa realmente ocorrer em suas atividades interessantes.

A importância do resgate das brincadeiras antigas possui um grande significado não só na vida das crianças, mas também na vida dos educadores; tradição e modernidade andam de mãos dadas, porque brinque de brinquedos eletrônicos ou não, brincar pode ser como brincar com os pais, avós e bisavós por gerações, trazendo-lhes muita diversão. O tempo e o espaço podem ser diferentes, mas o espírito ingênuo das brincadeiras ainda existe, e acreditamos que continuará a transformar o tempo e o espaço e a proporcionar alegria, desenvolvimento e relacionamento social das mais diferentes formas. O papel do educador é fundamental para o resgate das brincadeiras antigas. Para tanto, é necessário avaliar cada etapa por meio do interesse, da participação e, principalmente, do registro oral das crianças, e poder refletir sobre as brincadeiras realizadas. Por meio desse processo de aprendizagem, os horizontes de todos os sujeitos envolvidos podem ser ampliados: crianças, professores, profissionais da própria instituição. As intervenções para melhorar o ensino devem ser sempre bem orquestradas, selecionando o conteúdo disponível para os alunos, incluindo o momento de lazer, enfatizando o resgate das brincadeiras, brinquedos e jogos antigos. Todas essas ações devem ser bem calculadas e exigirão dos adultos, principalmente os professores, entenderem a particularidade da disciplina, seus alunos, sua cultura, como jogam, como brincam e principalmente porque brincam. A chave para um bom desempenho no campo.

Referências bibliográficas

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BOCCATO, V. R. C. **Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação**. Rev. Odontol. Univ. Cidade São Paulo, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017.

BROUGÈRE, Gilles. **A criança e a cultura lúdica**. São Paulo, 1998.

EDUCAÇÃO infantil: história, conceito e prática. 2019. Disponível em: <https://educacaoinfantil.aix.com.br/educacao-infantil/>. Acesso em: 11 out. 2020.

FANTACHOLI, F. N. **A importância do brincar na Educação Infantil**. 2009. 13 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Centro Universitário de Maringá – Cesumar, Maringá, 2009. Disponível em: <https://monografias.brasilecola.uol.com.br/educacao/a-importancia-brincar-na-educacao-infantil.htm>. Acesso em: 11 out. 2020.

FANTIN, Mônica. *No mundo da brincadeira: jogo, brincadeira e cultura na Educação Infantil*. Florianópolis: Cidade Futura, 2000.

FRIEDMANN, Adriana. **Brincar: Crescer e aprender o resgate do jogo infantil**. São Paulo, 1996.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 1994. 207 p.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida Froebel e a concepção de jogo infantil. In: _____. (org.). **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Pioneira, 2002.

Métodos de pesquisa / [organizado por] Tatiana Engel Gerhardt e Denise Tolfo Silveira:

coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de

Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

TREVISAN, R. **O que são os campos de experiência da Educação Infantil**. 2018. Disponível em: <https://novaescola.org.br/bncc/conteudo/58/o-que-sao-os-campos-de-experiencia-da-educacao-infantil>. Acesso em: 11 out. 2020.

RODRIGUES, E. S.; SANTANA, J. M.; SANTOS, V. C. **O resgate das brincadeiras populares na Educação Infantil**. 2008. 10 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Faculdade São Luis de França, Aracaju, 2008. Disponível em: https://portal.fslf.edu.br/wp-content/uploads/2016/12/TCC_rica_Joseane_e_Vanuzia.pdf. Acesso em: 11 out. 2020.

STRAUB, José Luiz. **Infância e brincadeiras**: Reciprocidade produzida no contexto escolar e fora dele. CEACD. Sinop: UNEMAT, 2003. p. 60

STRAUB, José Luiz. **Infâncias e Brincadeiras**: Culturas que governam. Sinop: UNEMAT, 2010.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da mente**. 6 ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1984.